

MARISTELA CZAPELA

**ENTRE CONTOS E HIPERCONTOS: O LETRAMENTO LITERÁRIO A
PARTIR DA LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA E
DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

**SINOP-MT
2018**

MARISTELA CZAPELA

**ENTRE CONTOS E HIPERCONTOS: O LETRAMENTO LITERÁRIO A
PARTIR DA LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA E
DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão Final
apresentado ao Programa de Pós-
Graduação Profissional em Letras –
PROFLETRAS – da Universidade do
Estado de Mato Grosso, *Campus*
Universitário de Sinop, como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Letras.

Área de concentração: Linguagens e
Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Genivaldo
Rodrigues Sobrinho.

**SINOP-MT
2018**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

CZAPELA, Maristela.

C998e Entre Contos e Hipercontos: o Letramento Literário a Partir da Literatura Africana de Língua Portuguesa e das Novas Tecnologias / Maristela Czapela – Sinop, 2018.
161 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.
Orientador: Genivaldo Rodrigues Sobrinho

1. Letramento Literário. 2. Literatura Africana. 3. Contos. 4. Hipercontos.
I. Maristela Czapela. II. Entre Contos e Hipercontos: o Letramento Literário a Partir da Literatura Africana de Língua Portuguesa e das Novas Tecnologias:

CDU 821.134.3(81)

MARISTELA CZAPELA

**ENTRE CONTOS E HIPERCONTOS: O LETRAMENTO LITERÁRIO A
PARTIR DA LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA E
DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado Mato de Grosso, *Campus* Universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso
(Presidente)

TITULARES:

Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Rosemar Eurico Coenga
UNIRONDON – Centro Universitário Candido Rondon

SUPLENTE

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

Profa. Dra. Divanize Carbonieri
UFMT-Universidade Federal de Mato Grosso

Aprovada em: 28 de fevereiro de 2019.

Local da defesa: Sala H 5 - Campus Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Ida Emília Czapela, que não mediu esforços para que eu estudasse. Agradeço-lhe imensamente pela sua compreensão e apoio nas horas difíceis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir-me esta caminhada e não deixar-me fraquejar durante este percurso.

À minha família, pelo apoio incondicional. Sem eles, a pesquisa não seria possível.

Ao meu orientador, Prof. Dr: Genivaldo Rodrigues Sobrinho, com sua calma, paciência e palavras de incentivo, pela orientação precisa e cuidadosa.

Ao Prof. Dr: Antônio Aparecido Mantovani, pelas contribuições para o aprimoramento do trabalho no exame de qualificação.

À Profa. Msa. Elenir Fátima Fanin por apresentar-me Evan Zohar, e a teoria dos polissistemas, auxiliar também quanto ao uso do site Wix.com.

Aos colegas da turma 4 do Profletras, UNEMAT de Sinop-MT, que sempre me apoiaram, com palavras, sorrisos e atitudes. Especialmente à Rozani Beatriz Tozzi e à Cintia Barbara Zocolotto, parceiras de todas as horas.

Aos mestres do Programa Profletras, pelo muito que nos ensinaram em suas aulas.

Aos participantes da pesquisa, os alunos do 9º ano B, pela participação e cooperação na coleta dos dados e coautoria neste trabalho. Aos pais dos estudantes por permitirem que seus filhos participassem da pesquisa.

À gestão da escola e aos professores que contribuíram para a realização dos trabalhos. Em especial à professora e colega de trabalho Eva Valadaris, pelo apoio durante a aplicação do projeto de pesquisa.

RESUMO

A pesquisa intitulada: Entre contos e hipercontos: o letramento literário a partir da Literatura Africana de Língua Portuguesa e das Novas Tecnologias tem como objetivo geral investigar os aspectos educacionais causados pelo estudo da cultura, história e literatura africana de língua portuguesa na formação intelectual dos alunos do 9º ano B, do 3º ciclo do ensino fundamental em uma escola pública no município de Matupá entre os meses de abril a setembro de 2018. A pesquisa estuda a Lei 10.639/2003 e como a mesma vem sendo abordada nas escolas, para isso foi desenvolvida uma proposta de trabalho na tentativa de contemplar o letramento literário em sala de aula, utilizando contos de literatura africana de língua portuguesa e a tecnologia na produção de vídeos e hipercontos digitais. Buscou-se as contribuições ancoradas em Cosson (2014 e 2017), Jouve (2012), Dalvi, Rezende, Faleiros (2013), Rojo (2012), Colomer (2007), Petit (2009), Abreu (2006), Kleiman (2013), Antonio Candido (2011), Coelho (2002), Cavalcanti (2002), Debus (2013), Silva (2015), Vasques (2011), Souza (2014), Spalding (2010), Zohar (1990), Fanin (2016) e outros. As atividades foram desenvolvidas com base em procedimentos metodológicos de uma sequência básica de Rildo Cosson (2014), utilizando a metodologia da pesquisa-ação de cunho interventivo de Thiollent. O estudo foi realizado por meio da leitura e análise de contos da literatura africana de língua portuguesa, análise e produção de hipercontos, e produção de uma página na internet. A intervenção possibilitou, através da sequência básica, o envolvimento dos estudantes na realização das atividades de leitura, produção de textos e análise de contos. A leitura de hipercontos na web oportunizou o contato com textos multimodais aos estudantes e assim estes, tornaram-se autores e coautores de hipercontos produzidos e publicados. Foram utilizados sites diversos em busca de imagens de pessoas para constituição dos personagens, de imagens que servissem de cenário para as histórias por eles criadas, bem como de músicas para comporem o site e os hipercontos. Esse novo ambiente virtual de estudo despertou nos estudantes o prazer em ler e escrever, muito diferente do ambiente tradicional no qual o estudante está em contato com livros impressos ou digitalizados e que talvez já não despertem tanto o interesse do estudante, cuja característica principal é ser um nativo digital e um leitor ubíquo.

Palavras-Chave: Letramento Literário. Literatura Africana. Contos. Hipercontos.

ABSTRACT

The research entitled: Between tales and hypercontos: literary literacy from the African Literature of Portuguese Language and the New Technologies has as general objective to investigate the educational aspects caused by the study of the culture, history and African literature of Portuguese language in the intellectual formation of the students of the 9th grade B, of the 3rd cycle of elementary education in a public school in the municipality of Matupá between April and September of 2018. The research studies Law 10.639 / 2003 and how it has been approached in schools, for this was developed a proposal of work in the attempt to contemplate the literary literacy in the classroom, using short stories of African Literature of Portuguese language and the technology in the production of videos and digital hypercontos. We sought the contributions anchored in Cosson (2014 and 2017), Jouve (2012), Dalvi, Rezende, Faleiros (2013), Rojo (2012), Colomer (2007), Petit (2009), Abreu (2006), Kleiman (1990), Zohar (1990), Fanin (2016), Antonio Candido (2011), Coelho (2002), Cavalcanti (2002), Debus (2013), Silva (2016) and others. The activities were developed based on methodological procedures of a basic sequence of Rildo Cosson (2014), using Thiollent's intervention research methodology. The study was carried out through the reading and analysis of short stories from the African literature of Portuguese language, analysis and production of hypercontos, and the production of a web page. The intervention allowed, through the basic sequence, the involvement of the students in the accomplishment of reading activities, text production and story analysis. The reading of hypercontos on the web made it easier for students to contact multimodal texts and thus, they became authors and co-authors of hypercontos produced and published. Various sites were used in search of images of people for the constitution of the characters, of images that would serve as scenery for the stories they created, as well as songs to compose the site and the hypercontos. This new virtual study environment has awakened in students the pleasure of reading and writing, very different from the traditional environment in which the student is in contact with printed or digitized books that may no longer arouse the interest of the student, whose main characteristic is to be a digital native and a ubiquitous reader.

Keywords: Literary Literacy. African Literature. Tales. Hypercontos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I OS MULTILETRAMENTOS E A TECNOLOGIA	14
1.1 Os multiletramentos	16
1.2 O Letramento.....	17
1.3 O Letramento literário e a literatura	18
1.4 A teoria dos polissistemas.....	26
1.5 Leitura e produção de texto.....	27
1.6 A tecnologia e a literatura digital.....	30
1.7 O hiperconto	35
1.8 O Modelo da estrutura do hiperconto.....	36
CAPÍTULO II LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS POSSÍVEIS ORIGENS.....	41
3.1 A literatura africana de língua portuguesa.....	47
3.2 Autores e obras de literatura africana de língua portuguesa.....	52
3.3 A comunidade africana em Mato Grosso algumas considerações	60
3.4 O Racismo e o Preconceito no livro didático.....	62
3.5 Conteúdos e desafios à luz da lei 10.639/03.....	69
3.6 Conteúdos que podem ser abordados a luz do parecer (CEE/ MT234/2006).....	71
CAPÍTULO III ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	74
4.1 A sequência básica	74
4.2 O conto e sua estrutura	75
4.3 Os módulos da sequência básica.....	77
4.4 Autoavaliação do projeto	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	136
APÊNDICES.....	147

INTRODUÇÃO

A literatura adquire papel imprescindível ao despertar os jovens para as leituras que falem de seus sonhos, do amor, da morte, enfim, das aflições humanas que nos acompanham por toda a vida. O trabalho com o universo literário abre novos horizontes e talvez sensibilize o público atingido pela proposta de intervenção para novos olhares e comportamentos mais harmônicos no espaço escolar. É importante destacar que a LDB 9.394/96 prevê, em seu artigo 26, que as escolas públicas de ensino fundamental e médio devem ofertar em seus currículos uma base nacional comum e complementar o currículo com uma parte diversificada, de acordo com as características de cada região, cultura e clientela. No entanto, não obriga que sejam oferecidas, pelos estabelecimentos de ensino, disciplinas sobre cultura e literatura africana e afro-brasileira.

A fim de que a literatura africana e temas africanos fossem efetivamente estudados nas escolas brasileiras, foi necessário criar a lei 10.639, de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, em especial na área de linguagens. A partir do que ressaltamos, a pesquisa foi orientada pelo seguinte questionamento: A literatura africana de língua portuguesa pode contribuir para a formação de leitores competentes, valorizando os saberes que os africanos trouxeram para o Brasil na época da escravidão? Como as tecnologias digitais podem auxiliar no processo de aprendizagem? Sendo assim, cabe ressaltar que é necessário desenvolver atividades que contemplem a literatura africana em sala de aula, bem como outros conteúdos voltados para o continente africano com o objetivo de os aprendizes conhecerem melhor a cultura, os costumes do povo africano. Foi selecionado para a intervenção a obra do escritor cabo-verdiano Leão Lopes “*A história de Blimundo*”, do escritor angolano Ondjaki os contos “*O bigode do professor de geografia*”, “*A ida ao Namibe*”, “*Um pingo de chuva*” e “*O voo do Jika*”, do escritor moçambicano Mia Couto “*A menina as aves e o sangue*”, e “*Raízes*”, e da escritora cabo-verdiana Maria Helena Spencer “*Meu irmão branco*”.

Embora ofertados como conhecimentos necessários para a formação de cidadãos conscientes de seus deveres e direitos na sociedade em relação à diversidade cultural de um povo, os estudos sobre literatura africana e história da África a nosso ver devem fazer parte da base comum curricular. Nosso objetivo

principal para esta pesquisa é investigar os aspectos educacionais causados diante do estudo da Literatura, da História e da Cultura Africana na formação intelectual dos alunos do 9º ano, utilizando atividades sistematizadas, envolvendo contos africanos, escritura de textos, vídeos e a produção de hipercontos para o desenvolvimento do letramento literário.

Essas ferramentas tecnológicas facilitam o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes e, por esse motivo, o laboratório de informática e o *notebook* da professora-pesquisadora foram utilizados para pesquisar sobre os hipercontos. Assim, os estudantes produziram seus próprios textos, os quais foram publicados no site: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>.

Promover práticas de letramento com foco em leitura e escrita mediadas pelas tecnologias digitais tornou-se um desafio aos educadores contemporâneos, visto que muitas vezes a infraestrutura das escolas não tem atendido as demandas no que diz respeito a computadores, internet e capacitação de professores. O avanço tecnológico pelo qual o mundo passa exige da escola e dos professores uma postura inovadora e responsável quanto ao uso das tecnologias digitais em sala de aula no intuito de promover a aprendizagem.

Atualmente, a comunicação é cada vez mais veloz, as informações se renovam em segundos, e os estudantes estão em contato diariamente com as novas tecnologias. Sendo assim, acreditamos que a escola deve utilizar a seu favor a evolução da comunicação, haja vista que não se pode mais acreditar que ensinar a ler, a escrever e a calcular seja suficiente para a formação do alunado deste início de século. Pois o mundo cada vez mais moderno e competitivo necessita de pessoas capacitadas, que saibam fazer o uso social da leitura, da escrita e das tecnologias.

O contato com a literatura escolarizada tanto em meios digitais quanto em textos impressos talvez possa despertar no estudante o prazer estético proporcionado pela leitura literária. Para tanto, serão desenvolvidas atividades, cuja sistematização está pautada na sequência básica proposta por Cosson (2014), em seu livro *Letramento literário: da teoria à prática*.

A literatura, de acordo com Candido (2011), tem a função de humanização, pois retrata os dramas humanos como realmente se apresentam na vida. Para ele, o homem não vive sem fantasia e esperança, sentimentos muitas vezes proporcionados pela literatura, pela música, pelo teatro, pelo cinema, pela

televisão; enfim pela arte. Utilizar os textos literários nas aulas de língua portuguesa facilita a aprendizagem e contribui ao despertar o estudante para o letramento ou os multiletramentos quando nos referimos aos textos digitais.

Para participar das discussões desta pesquisa, foram consultados os aportes teóricos de Cosson (2014 e 2017), Jouve (2012), Dalvi, Rezende, Faleiros (2013), Rojo (2012), Colomer (2007), Petit (2009), Abreu (2006), Kleiman (2013), Antonio Candido (2011), Coelho (2002), Cavalcanti (2002), Fanin (2016). Ademais, foram selecionados também contos de autores africanos de língua portuguesa, dentre eles: Ondjaki (2015), Mia Couto (2014), Leão Lopes (1982) e Maria Helena Spencer (2007). A leitura de textos literários exige procedimentos diferentes daqueles adotados para ler um manual de instrução, uma receita médica ou bula de remédios. Por isso, neste projeto de intervenção, o trabalho se voltou para o letramento literário, visto que, busca-se uma leitura que dialogue com a produção de sentidos do texto, leitura essa que exige amadurecimento e aprimoramento do leitor que a cada nova leitura, devido à complexidade do texto literário, consiga ampliar sua compreensão sobre o texto.

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro, denominado “Os Multiletramentos e a Tecnologia”, é composto por reflexões teóricas a respeito dos conceitos de letramento, multiletramentos e a tecnologia. Abordou-se a temática da tecnologia e suas contribuições para o processo de aprendizagem e o novo gênero textual multimodal hiperconto. Realizamos também um apanhado sobre a literatura africana de língua portuguesa, bem como de sua influência na formação cultural do Brasil, compondo assim o segundo capítulo denominado “A literatura africana de língua portuguesa e suas possíveis origens”.

O terceiro capítulo, intitulado “Enquadre metodológico e análise dos resultados”, refere-se à metodologia, ao local de aplicação da intervenção, aos participantes da pesquisa-ação e a execução da sequência básica, o qual trata da análise dos resultados evidenciados por meio das produções realizadas pelos estudantes. Ressaltamos a importância do trabalho com a literatura africana de língua portuguesa, visto que nela encontram-se textos diversos para serem apreciados não só nas escolas, mas também em espaços que transcendem o escolar. Busca-se também estabelecer um diálogo entre teoria e prática, apresentando-se o caminho percorrido para se chegar ao produto gerado nesta proposta de intervenção pedagógica com enfoque em leitura e escrita literária. Nas

considerações finais privilegiamos o diálogo entre a teoria e a prática principalmente em aspectos importantes de leitura e escrita que a nosso ver são fundamentais para o bom desenvolvimento dos estudantes em linguagem, em ciência humanas, em matemática e em ciências. A leitura e a escrita são importantes em todas as áreas do currículo escolar e ressaltamos ainda informações relevantes no decorrer da pesquisa. Concluimos o trabalho com discussões acerca do percurso por nós trilhado até o produto final desenvolvido por esta intervenção. A escolha do tema literatura africana de língua portuguesa como aporte para o letramento literário justifica-se pela necessidade de valorização desta cultura, bem como visa aprofundar os conhecimentos acerca da cultura africana e afro-brasileira de acordo com a lei 10.639/2003 ampliada pela lei 11.645/08, que obriga as escolas públicas a inserir em seus currículos conteúdos referente à história da África e cultura afro-brasileira e indígena. Este projeto de pesquisa interventiva elaborado para atender as exigências do Mestrado Profissional em Letras e foi aprovado em março de 2018 para execução pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) sob o parecer número nº 2.474.708.

Por fim, ressaltamos que o trabalho com a leitura e escrita literárias deve permanecer contínuo e constante para que realmente possamos atuar na formação do sujeito leitor na perspectiva da proposta do letramento literário.

CAPÍTULO I – OS MULTILETRAMENTOS E A TECNOLOGIA

No mundo moderno, competitivo e tecnológico em que vivemos, não basta apenas saber ler e escrever, é necessário saber fazer uso social da leitura e da escrita. Em outras palavras, “a escolarização é a principal responsável [...] por garantir o letramento, a incapacidade do sistema escolar em oferecer uma escolarização universal resulta em altos índices de analfabetismo e baixos níveis de letramento” segundo Soares (2012, p. 87). A diversidade de textos que circulam nas sociedades contemporâneas exige um grau maior de letramento dos indivíduos e nesse contexto é necessário adquirir competências para fazer uso da leitura e da escrita em diferentes situações do dia a dia. Não se pode deixar de mencionar também os multiletramentos, os hipertextos, ou seja, a leitura e a escrita digitais nas quais o leitor utiliza a tecnologia para transmitir suas mensagens.

À medida que, na atualidade, o processo de letramento é um desafio apresentado aos educadores, torna-se imprescindível refletir acerca de como ocorre à aquisição da linguagem pela criança. Além disso, é preciso reconhecer que a família e seu grau de letramento vão interferir diretamente nas questões de leitura e escrita do aprendiz adolescente e que isso vai acompanhá-lo por toda a vida. Essas são discussões abordadas por Rojo (1998). O desenvolvimento da linguagem ocorre no cotidiano familiar e depende do grau de letramento das pessoas que estão próximas da criança para que ela aprenda a utilizar a leitura e a escrita.

Sabemos que, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem escrita ou o processo de letramento da criança é dependente, por um lado, do grau de letramento da instituição familiar a que pertence – isto é, da maior ou menor presença, em seu cotidiano de práticas de leitura e de escrita (ROJO, 1998, p. 123).

Pensar em como ocorre à aquisição da linguagem, o letramento e também a alfabetização são maneiras diferentes de se incorporar às práticas sociais de leitura e escrita, pois acreditamos que aprender a ler e a escrever transforma as pessoas. Nesse processo, os textos literários podem ser utilizados, a fim de contribuir com os aspectos cognitivos, sociais, culturais, linguísticos e na formação intelectual dos seres humanos.

Muito tem se discutido a respeito da formação humana e da humanização do

homem nas últimas décadas e, mesmo assim, vivenciamos situações em que a violência muitas vezes, impera. A literatura possui farto material e pode, dessa forma, contribuir muito nas questões abordadas, basta que se saiba como utilizá-la em sala de aula. A leitura e a escrita são fundamentais para que a educação realmente cumpra com seu papel de garantir o acesso de todos a uma vida digna e a um mundo melhor. Geralmente, a prática pedagógica desenvolvida nas escolas talvez acabe por distanciar o estudante da leitura, uma vez que “para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque não faz sentido”, conforme Kleiman (2013, p. 22).

A forma como as escolas brasileiras abordam o trabalho com a leitura parece demasiadamente difícil aos estudantes. Por isso talvez muitas vezes, os textos literários tenham ficado em segundo plano nas aulas de Língua Portuguesa. Com o surgimento das tecnologias, percebe-se que esta concorre com os livros, já que, por diversos motivos, o jovem prefere *games* repetitivos, que quase sempre não lhe acrescentam nada quanto ao conhecimento, a ler uma obra literária. E não se pode deixar de abordar os livros digitais, a literatura digital que desperta a curiosidade e fascina o leitor. Ler na tela do computador parece ser algo inovador e moderno.

O ser humano vive de contar histórias e com elas desenvolve seu imaginário, haja vista a necessidade que temos de fantasiar para vencer os obstáculos diários em nossa vida. As histórias despertam a curiosidade, trazem esperança e assim é possível superar as duras batalhas da vida. Hodiernamente, percebe-se que talvez o homem esteja um tanto perdido quanto aos valores, ao se apropriar das novas tecnologias que este mundo moderno propaga. Os textos literários permitem que o leitor viaje no tempo. Para Cosson (2014, p. 17), “[...] a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado, e o futuro da palavra”. Segundo o autor, por meio da literatura, podemos ter acesso aos conhecimentos de tempos antigos ou ainda prever o futuro. No entanto, a velocidade com que as informações e as tecnologias se renovam impressiona, a exemplo disso, pode-se citar o hábito de ler mensagens de textos por meio da internet nos computadores, nos celulares de última geração e nos *tablets*. Para Lerner (2002, p. 28):

O desafio é conseguir que os alunos cheguem a ser produtores de língua escrita, conscientes da pertinência e da importância de emitir certo tipo de mensagem em determinado tipo de situação social, em vez de se treinar unicamente como “copistas” que reproduzem – sem um propósito próprio – o escrito por outros, ou como receptores de ditados cuja finalidade – também estranha se reduz a avaliação por parte do professor. O desafio é conseguir que as crianças manejem com eficácia os diferentes escritos que circulam na sociedade, e cuja utilização é necessária ou enriquecedora para a vida (pessoal, profissional, acadêmica), em vez de se tornarem especialistas nesse gênero exclusivamente escolar que se denomina “composição” ou “redação”.

Constitui-se desse modo, segundo Lerner (2002), um dos maiores desafios da escola brasileira hoje, fazer com que os estudantes se apropriem de forma efetiva da leitura e da escrita e que saibam fazer uso dos diferentes gêneros textuais que circulam na sociedade em que estão inseridos. O contanto com a leitura, seja ela impressa ou digital, proporciona ao leitor viagens significativas pelo conhecimento. Portanto, um caminho exitoso leva em consideração repensar as práticas de leitura e também a forma como o texto literário vem sendo abordado nas salas de aula. A literatura proporciona o encontro com a fantasia, com o sonho, com as verdades que só admitimos para nós mesmos no íntimo do nosso ser. Nesse sentido, Cosson (2014, p. 17) afirma que:

No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Sendo assim, os textos literários precisam ser usados no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a literatura tem o poder de tocar o leitor no seu íntimo e despertar os mais nobres sentimentos. Por esses motivos, desenvolver a sequência básica, utilizando textos literários como prática constante de letramento talvez seja a escolha mais acertada pelos professores de Língua Portuguesa, os quais têm o papel de planejar suas aulas, a fim de garantir práticas de leitura e escrita mais significativas.

1.1 Os multiletramentos

Os multiletramentos surgem como novas maneiras de ler e escrever. De

acordo com Rojo (2012, p. 23), “uma das principais características dos novos (hiper) textos e (multi) letramentos é que eles são interativos, em vários níveis diferentemente das mídias anteriores (impressas e analógicas como a fotografia, o cinema, o rádio e a TV pré-digitais)”. A tecnologia seduz o público infantil e juvenil de tal maneira que se torna um desafio ao professor despertar o estudante para leituras literárias, pois a maioria dos alunos que frequenta a escola acredita que os *games* são muito mais atrativos que um livro. Rojo propõe atividade de letramento que envolva o manuseio das tecnologias digitais, para o trabalho literário, deve-se priorizar a leitura de textos literários e a escrita, e deve-se sempre considerar os avanços tecnológicos. O uso das Novas tecnologias doravante (TICs) na escola tem exigido práticas contemporâneas de letramento, de leitura e escrita, visto que as tecnologias trouxeram para o contexto escolar textos multimodais e multissemióticos que combinam imagens, cores, sons e movimentos. Deve haver, portanto, a nosso ver uma mudança na maneira como a escola aborda os letramentos e multiletramentos.

1.2 O Letramento

As avaliações externas promovidas pelo Ministério da Educação nos dizem que o caminho é longo, os resultados ainda são desoladores. Os índices nos mostram que há muito por se fazer no que se refere a metas relacionadas a práticas de leitura e escrita. Para Soares (2012, p. 17-18), o termo letramento vem do inglês *literacy*,

é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; [...]”.

Percebemos, portanto, que o ato de ler e escrever modifica aspectos importantes ou, talvez, essenciais na vida de um indivíduo. Nesse contexto para Soares (2012, p. 18), “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou

aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Nesse aspecto, a literatura, é fundamental no processo de escolarização e também de humanização, pois serve tanto para ensinar a ler e escrever como para proporcionar encontros que transformam a vida das pessoas que se apropriam dos saberes literários leitores.

1.3 O Letramento literário e a literatura

O letramento literário nada mais é do que a compreensão e apropriação de textos literários de modo que esses textos façam sentido, provoquem o prazer estético. Ao se deparar com textos significativos em sua vida acadêmica e profissional ou simplesmente utilizar a leitura como mera distração, o leitor realiza práticas de letramento literário, de letramento ou talvez de multiletramentos se os textos forem digitais.

Além disso, os textos literários podem e devem ser usados para promover a aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, Cosson (2014, p. 20) afirma que “[...] a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”. Em outras palavras, trabalhar os textos literários com alunos do ensino fundamental contribui para melhorar a aprendizagem dos adolescentes, desperta o interesse destes para leitura e ajuda a construir uma consciência literária mais sólida. Cosson (2014, p. 21) também nos lembra de que:

No ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: ambas devem ser compatíveis com o interesse da criança, do professor, e da escola [...].

Nesse sentido, ao ingressar na escola, tanto no ensino fundamental quanto na educação infantil, o ideal para a criança é estar em frequente contato com textos literários. Lembrando que se deve levar em consideração a fase em que o estudante se encontra, assim como não enfatizar a aprendizagem de nomenclaturas, mas sim despertar neste potencial leitor o gosto pelo texto repleto de ficção e poesia. Conforme o aprendiz for atingindo um grau maior de

maturidade, a dificuldade no que diz respeito à pluralidade de significação do texto literário também passa por mudanças, pois é preciso ir, paulatinamente, estimulando-o por meio de obras mais complexas.

Desse modo, Paulino e Cosson (2002, p. 54) definem letramento literário como, “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Ao ler um texto, o leitor tem, em suas mãos, muitas possibilidades e assim vai construindo significados e se apropriando dos saberes que as histórias lhe proporcionam, porque a literatura vai muito além de histórias de ficção, haja vista que ela alerta, inquieta, incomoda e também humaniza. Para Ceia (2002, p. 54),

É muitas vezes a actuação de heróis e anti-heróis literários que nos ensina a melhorar a nossa própria vida. Ninguém aprende a ser melhor se não encontrar alguma vez outro que soube ser melhor do que alguma vez imaginamos que podíamos ser. É esta também a natureza dos mitos com que construímos mais o futuro do que o passado.

A leitura de textos literários nos mostra que para sermos pessoas melhores muitas vezes necessitamos observar os outros, observar heróis e anti-heróis e, dessa forma, aos poucos, construir os valores que vão reger a vida, só podemos ser melhores se tivermos em quem nos espelhar. E nada melhor do que descobrir histórias que tentam desvendar os mistérios que regem a vida humana na Terra e por meio delas significar a vida. Além disso, Compagnon, (2009, p. 29) nos chama a atenção para o fato de que:

A leitura torna o homem completo, a conversação torna o homem alerta e a escrita torna o homem preciso. Eis porque, se o homem escreve pouco, deve ter uma boa memória, se fala pouco, deve ter a mente alerta; e se lê pouco, deve ter muita malícia para parecer que sabe o que não sabe.

Estar alerta, ser preciso, e o mais importante saber, conhecer para Compagnon é o grande legado da literatura, visto que, segundo o autor, “a literatura desconecta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia”. Atingir o emocional do leitor e/ou a sua empatia, talvez seja a chave para o sucesso dos textos literários, porque a literatura tem autoridade para mudar o modo

de pensar a vida. Desse modo, para o mesmo autor (2009, p. 50-51), “a literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida [...]”.

Ela tem o poder de nos sensibilizar, o autor ainda complementa que (2009, p. 50-51) “seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra melhores”. Compreende-se, portanto, que, ao atingir o emocional dos estudantes por meio dos textos literários, há a possibilidade da transformação, da mudança deste leitor em potencial, pois ele tem em suas mãos a oportunidade de escolher o seu destino. As possibilidades são inúmeras, mas o leitor é quem faz a sua escolha. A literatura surge como perspectiva de remédio, de liberdade, até mesmo de cura para os diversos males que afligem a alma humana. Afirmação essa que é corroborada por Compagnon (2009, p. 23-24),

Uma segunda definição do poder da literatura, surgida com o século das Luzes e aprofundada pelo romantismo, faz dela não mais um meio de instruir deleitando, mas um remédio. Ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades, pensavam os filósofos; ela o cura, em particular, do obscurantismo religioso. A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo, valores do século das luzes que presidiram à fundação da escola republicana e que explicam o privilégio que esta conferiu ao estudo do século XVIII em detrimento do século XVII, católico e monarquista, a Voltaire contra Rousseau.

É notório que a literatura tem poder e, portanto, pode ser instrumento de transformação, uma vez que, ao oferecer ao leitor possibilidades de liberdade ou cura, a leitura literária contribui ao formar homens e mulheres mais completos e responsáveis por seus atos, tornando-os mais conscientes de si e do mundo que os cerca. A leitura de gêneros como: contos de fadas, fábulas, lendas e poemas são práticas literárias constantes no ensino fundamental e compreendidas pelos educadores como literatura. Ainda que o percurso para se formar leitores seja árduo, são fundamentais práticas comprometidas com a aprendizagem e é imprescindível a atuação do educador, a fim de despertar não só na criança, mas também no adolescente o prazer pelo livro e por textos interessantes, visto que é uma possibilidade assertiva para se formar leitores competentes. Nesse sentido, a sequência básica proposta por Cosson (2014), em seu livro *Letramento literário: da*

teoria à prática, introduz uma forma sistematizada de se trabalhar o texto literário, compreendendo atividades seguras e inovadoras de leitura e escrita.

De acordo com Cosson (2014), o contato da criança e do adolescente com textos de literatura se faz de maneira informal em todo o ensino fundamental, somente no ensino médio é que a disciplina de literatura adquire características formais. No ensino fundamental, temos os contos de fadas, as fábulas, as lendas folclóricas, a poesia, dentre outros gêneros textuais que são abordados no decorrer da escolaridade de meninos e meninas e que são denominados de literatura.

A fim de desenvolver a capacidade comunicativa e intelectual dos alunos, é necessário que a escola proporcione o contato dos estudantes com os textos literários. Para Cosson (2014, p. 21), “[...] apenas pelo contato com um grande e diverso número de textos o aluno poderá desenvolver sua capacidade de comunicação”. Desse modo, ressaltamos a importância das aulas de leitura como práticas comprometidas com o letramento, as quais contribuem para o ensino da língua materna e também para a humanização do ser humano, papel fundamental da literatura, de acordo com Candido (2011), pois aquilo que nos é indispensável também o é aos outros, e a literatura então passa a ser um direito como os bens que asseguram a sobrevivência física e a integridade espiritual do ser humano.

Conforme Cosson (2014, p. 23), é fundamental a escola “[...] permitir que a leitura literária seja exercida sem abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige”. Reconhecemos o letramento literário como prática social que deve ser desenvolvida pelas instituições de ensino e que requer mudança na postura de abordar a escrita e a leitura, seja digital ou impressa. Assim, se o letramento é obrigação da escola, precisamos estudar para compreender essa prática e dessa forma realizá-la com habilidade para cumprir verdadeiramente o importante papel pelo qual o educador é responsável na sociedade, ensinar.

A respeito disso, Cosson (2014, p. 27) assegura que, “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade [...] sentidos são resultados de compartilhamento de visões de mundo”. Em outras palavras, a leitura literária liberta, desperta sentidos diversos, amplia a visão de mundo do ser humano e abre caminhos antes desconhecidos.

A palavra tem poder e para Cosson (2014, p. 27), “é preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade

da leitura seja significativa”. Nas escolas, podemos contribuir para humanização das pessoas, e esse, é o objetivo maior da literatura. Significar à vida e ao homem seja talvez o maior desafio dos escritores. Com efeito, quem lê nunca está solitário. A leitura nos põe em contato com muitas vozes. Para Dalvi citado por Cabral (2013, p. 53),

A experiência da humanidade por meio do material literário ganha forma pelo menos desde a antiguidade clássica. A narrativa, como se sabe, não tem uma origem exata, consistindo em dimensão estruturante da condição humana. Herdamos o mito, a poesia, o drama, as narrativas heroicas, que foram se multiplicando em gêneros identificáveis porque recorrentemente narrados e escritos, constituindo-se em matéria da memória.

A tradição oral aludida pela autora garantiu aos seres humanos que as histórias literárias não se perdessem no tempo, tendo em vista que, inicialmente, os textos tinham como princípio moralizar e educar a população. Com o surgimento da imprensa, esses textos foram recolhidos da tradição oral e transcritos em livros. Conhecimentos valiosos que se tornaram importantes para a cultura e o enriquecimento intelectual de qualquer cidadão. Nas palavras de Machado (2009), “o homem conta histórias – para tentar entender a vida, sua passagem pelo mundo, ver na existência alguma espécie de lógica”.

Textos esses que estão disponíveis ao público atualmente e que fazem parte das mais variadas culturas no mundo. São muitos os gêneros textuais narrados ou recitados de origem oral. Nessas obras, a literatura fala dos grandes conflitos que marcam a alma humana e assim contribui na construção da identidade do leitor. Os textos literários vão muito além daquilo que o autor pretendia, o conhecimento de mundo que o leitor possui, bem como o contexto histórico no qual está inserido no momento da leitura de uma obra literária influencia na compreensão da história. Um texto pode dizer muito mais do que se pretendia inicialmente. Segundo Jouve (2012, p. 89), “o texto possui uma dupla dimensão: enquanto discurso, ele é uma fala sobre o mundo; por sua forma, ele se dá a ler como uma realidade visual e sonora, cujo poder expressivo vai muito além da função referencial”. Dessa maneira, o conteúdo e a forma fazem parte do sentido nos textos literários.

É importante destacar também que a multiplicidade de significados e conteúdos constitui a riqueza da literatura. “[...] o interesse de um texto está justamente na multiplicidade de conteúdos que ele veicula aqueles que ele

transmite intencionalmente e aqueles que ele exprime por acidente” (JOUVE, 2012, p. 86). Essa é a grande magia da literatura transmitir por acidente ensinamentos que transformam a vida das pessoas.

Para a pesquisadora Petit (2009, p. 42), “[...] talvez não exista exclusão pior que a de ser privado de palavras para dar sentido ao que vivemos”. A autora estudou sobre o tema leitura e também o uso das bibliotecas entre as populações marginalizadas e jovens imigrantes nas periferias de grandes cidades francesas e nos faz refletir sobre por que ler é importante. A partir dessa reflexão, entendemos que um texto pode ultrapassar o significado que lhe foi pretendido pelo autor. Jouve também aborda o tema leitura (2012, p. 71) e defende que “o interesse de um texto, então, não resulta daquilo que seu autor quis significar, mas daquilo que é objetivamente significado”.

Nessa perspectiva, o texto literário cumpre uma exigência intelectual e gera também a expectativa estética, sempre com a vocação de transmitir um ensinamento. De acordo com o autor supracitado (2012, p. 35), “é próprio da literatura – literatura que, como lembramos, tem na sua origem uma vocação erudita – (tentar) satisfazer ao mesmo tempo uma expectativa estética e uma exigência intelectual”. Respeitar a expectativa estética e intelectual nos textos literários é a magia que faz de autores seres imortais, suas obras possuem valor em qualquer época e continuam significando e encantando leitores de todos os tempos.

Nas palavras da autora Ana Maria Machado (2009), o patrimônio cultural que a humanidade acumula é muito valioso e devemos, portanto, proporcionar o contato das crianças e adolescentes com os livros e histórias o mais cedo possível para que não seja necessário aprender tudo depois de adulto. Para a escritora (2009, p. 30),

Ir aos poucos, desde criança, se familiarizando com todas as histórias que estão no subterrâneo dessas referências, sem pressa, é um prazer e um enriquecimento para o espírito. Negar isso às futuras gerações é um desperdício absurdo, equivale a jogar no lixo um patrimônio valiosíssimo que a humanidade vem acumulando há milênios.

Nem sempre o panorama literário foi esse, uma vez que o acesso aos livros e ao conhecimento para todos é algo bastante contemporâneo. Atualmente, as

escolas recebem livros de programas de incentivo à leitura do Ministério da Educação. Até pouco tempo, o conhecimento, incluindo os livros, eram restritos à aristocracia. Portanto, reconhecemos que a literatura possui tradição erudita e pertencer ao grupo das pessoas letradas não era para todos. Jouve (2012, p. 29) informa que:

No século XVI, a 'literatura designa, então, a 'cultura' e, mais exatamente, a cultura do letrado, ou seja, a erudição. 'Ter literatura' é possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras. Como a literatura supõe a afiliação a uma elite, a uma aristocracia do espírito, o termo acaba, por deslizamentos sucessivos, vindo a designar 'o grupo das pessoas e letras'.

Segundo Jouve (2012), as muitas leituras, a cultura, o conhecimento no século XVI eram privilégios de uma elite. A literatura, em suas inúmeras facetas, contribui ao construir a identidade cultural de um povo; e a escola em sua filosofia atua na formação de cidadãos conscientes de seu papel no mundo moderno, sendo formar pessoas o objetivo maior desta instituição. A este respeito, Cavalcanti (2002, p. 71) ressalta que, "construir identidade cultural, desenvolver o sentido de cidadania e cooperação, promover relações interpessoais, apoiar e estimular o espírito de pesquisa, desenvolver olhares diferentes e visões de mundo ampliadas, entre outras coisas". São essas funções sociais desenvolvidas pela escola que visam à humanização dos estudantes, dos pais, e também dos professores.

Esse fator e também a falta de hábito de leitura contribuem para as dificuldades demonstradas na escrita por milhares de estudantes em redações de concursos vestibulares ou mesmo em entrevistas de trabalho, quando estes fazem uso social das práticas de letramento desenvolvidas pela escola. Cavalcanti (2002, p. 84) nos chama a atenção ao lembrar que:

A literatura pode provocar e despertar gama de sentidos visto que o seu dizer constitui-se essencialmente a partir dos símbolos. A literatura possui, sobretudo uma capacidade intensa de despertar imagens, por isso acreditamos que o convite para o mundo da leitura deve acontecer de forma integrada, ou seja, estimulando toda a rede de percepção: ver/ouvir/sentir.

Conforme a autora, estimular a percepção do leitor para o mundo literário seja talvez a maneira eficaz de despertar a imaginação e sensibilizá-lo para conhecimentos importantes que a leitura literária nos revela. Ressaltamos aqui o

árido trabalho com práticas de leitura e escrita desenvolvidas por escolas compromissadas e por professores dedicados. No entanto, melhorar os índices quanto ao letramento e também à compreensão leitora desenvolvida no decorrer da escolaridade dos estudantes ainda é um desafio para escolas e professores brasileiros. A leitura torna-se cada vez mais uma atividade menosprezada por milhares de estudantes, sabemos, no entanto, que se faz necessário ler para aprender, para se informar, para se distrair, enfim para evoluir, para conhecer, para aprender, para estudar.

Petit (2009) nos relata a importância dos textos literários, assim como a mediação realizada nesta atividade e também chama a nossa atenção para a biblioteca e sua capacidade de transformar vidas. O espaço escolar deve privilegiar os estudos literários de forma a estimular a mente e a consciência dos estudantes por meio da leitura. Segundo Coelho (2000, p. 16),

E, nesse espaço, privilegamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam os exercícios da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro, a leitura de mundo em seus vários níveis e, principalmente dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser.

A leitura literária permite ao leitor devaneios e também adquirir conhecimentos diversos que constituem sua consciência de mundo, bem como sua identidade enquanto leitor e estudioso da língua. Para Coelho (2000, p. 15), “[...] a evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível de consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância [...]”. Estimular a imaginação e a criatividade, exercitar a mente além de desenvolver a expressão oral e escrita, refletir sobre os problemas pelos quais o mundo passa ou simplesmente entreter são algumas das contribuições que a literatura deixa aos homens. E a mais importante e significativa diz respeito à humanização das pessoas. A intenção de estimular a consciência crítica de um leitor, conforme Coelho (2000, p. 151), é o que define a contemporaneidade da literatura.

Enfim, o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em

face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.

Como se pode perceber, um texto adquire contemporaneidade quando revela questões vividas pelo homem na atualidade, mas os fatos ali revelados pela literatura já foram vividos por alguém em outro momento da história da humanidade. A literatura surge como válvula de escape para ajudar o leitor a superar situações da vida real. Num mundo violento e desleal, do qual o ser humano necessita proteger a si e a todos que estão no seu círculo de convivência, temos a literatura para cumprir essa função social ao libertar e humanizar, também ao falar dos problemas que o homem vive no seu dia a dia.

As histórias literárias constituem-se num farto material que deve ser bem aproveitado por professores e estudantes. Em razão disso, Colomer (2007, p. 27) salienta que “o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura”. Em outras palavras, os textos literários retratam a atividade humana, os valores, as crenças, os costumes, enfim, a cultura de um povo e, em nosso entendimento, deve ser utilizada a favor da aprendizagem, pois são constituídos de saberes que o leitor leva para a vida.

1.4 A teoria dos polissistemas

É oportuno destacar também o conflito que há entre o cânone e a cultura não canonizada. Para Zohar (1990, p. 8),

As tensões entre cultura canonizada e não canonizada são universais. Estão presentes em toda cultura humana, simplesmente porque não existe uma sociedade humana não estratificada, nem sequer utopicamente. Não há no mundo uma só língua não estratificada, apesar de a ideologia dominante que rege as normas do sistema não admita uma consideração explícita de nenhum outro estrato mais que os canonizados. O mesmo vale para a estrutura da sociedade e tudo o que este complexo fenômeno implica.

Observamos por meio das atividades de leitura e escrita com as quais estamos familiarizados que existem diferentes níveis de escrita e de leitura e

também que há textos que pertencem ao cânone e outros que se encontram à margem, isto é, são vistos como inferiores. No entanto, compreendemos que para uma literatura existir necessita da outra e sempre haverá essa disputa entre quem pertence ao cânone e quem fica fora dele. Zohar (1990, p. 9) nos relata que,

Parece que quando não existe “subcultura” (literatura popular, arte popular, “cultura inferior” em qualquer sentido, etc.), ou quando não se permite exercer pressão real sobre a cultura canonizada, há poucas oportunidades para que exista uma cultura canonizada dotada de viabilidade.

A produção literária abrange diversos gêneros textuais, existem textos muito bem escritos em que os autores lutam para de algum modo atingir níveis apurados de escrita e de compreensão e desse modo atingir o cânone. Para Zohar (1990, p. 9), “a literatura como instituição sociocultural pode continuar existindo para sempre, mas seu grau de “adequação” pode muito bem ser julgado segundo sua posição na cultura”. A produção literária continuará existindo, pois não faltam elementos que servem de inspiração para a produção de novos textos e livros. E a disputa pelo cânone também continuará existindo, isso se torna positivo porque estimula novas produções literárias.

1.5 Leitura e produção de texto

É importante refletir também nesse contexto de leitura e escrita sobre como o cérebro humano age diante da leitura. O pesquisador Dehaene (2012), em seu livro *Os neurônios da leitura*, nos explica sobre a nossa capacidade de ler, ressaltando então a possibilidade de como o cérebro reconhece as letras, palavras, imagens e como isso é importante para a aprendizagem da leitura, da escrita e a aquisição da linguagem. Para Dehaene (2012), “o poder da escrita é verdadeiramente mágico – não porque ele seja um dom divino, mas porque ela amplia consideravelmente as competências de nosso cérebro”. Conhecer as competências do cérebro e ampliá-las é o maior desafio que os professores podem vivenciar em suas trajetórias profissionais, visto que todos os dias, em sala de aula, deparam-se com diversos cérebros que necessitam de auxílio pedagógico para que realmente se desenvolvam. Segundo Soares (2017, p. 160),

Em cada sociedade práticas de leitura e escrita diferenciam-se segundo os contextos sociais exercendo papéis diversos na vida de grupos ou de indivíduos específicos. Assim, pessoas que ocupam diferentes lugares sociais, exercendo diferentes profissões e vivendo diferentes estilos de vida, enfrentam demandas funcionais de leitura e escrita muito diferentes: sexo, idade, localização urbana ou rural, etnia são entre outros, fatores que determinam a natureza das práticas de leitura e escrita.

Para que as práticas de leitura e escrita, de acordo com a pesquisadora, se efetivem, torna-se necessário observar os contextos sociais em que o estudante está inserido; e assim se faça uso dos atos de ler e escrever conforme as necessidades da comunidade na qual o estudante está inserido. Ferrarezi (2015, p. 77-78) nos alerta para o ato de escrever e orienta sobre planejamento de produção de texto em sala de aula:

Ensinar a escrever na escola requer uma boa dose de planejamento. Tal planejamento envolve prever o que se pretende ensinar e quando isso acontecerá: quais gêneros de texto vão ser ensinados, quais habilidades meus alunos terão de desenvolver, qual grau de autonomia meu aluno deverá adquirir, em que momento haverá a aula para essas aprendizagens ocorrerem e tudo o que esse processo envolve. O planejamento envolve ainda o que será avaliado na redação. [...] não basta chegar à sala e mandar o menino escrever uma redação. Não é assim que se faz. Há de se ter método, de ser metódico, de ser rigoroso no método, de seguir as coisas “à risca” para obter os melhores resultados.

Segundo o estudioso, o ato de escrever requer planejamento, orientação, leitura, é preciso seguir um ritual, um método para que se tenham resultados satisfatórios. Em seu livro *Produzir textos na educação básica: o que saber como fazer*, o pesquisador chama-nos a atenção para o propósito de um texto, para as habilidades que precisam ser desenvolvidas, pois ler e escrever em nossa sociedade são atos que possuem valores socioideológicos que vão desde tornar uma pessoa mais inteligente até a possibilidade real de ascensão social que o domínio da leitura e escrita possibilita. Para Ferrarezi (2015, p. 128).

Vivemos em uma sociedade altamente letrada e tecnológica. Embora ainda existam bolsões de pobreza e vazios tecnológicos em algumas regiões do Brasil, isso durará pouco tempo, pois as novas tecnologias têm se popularizado, e a própria pressão do mercado, ávido por mais e mais consumidores fará a tecnologia e a escrita chegarem com a mesma força do nosso arroz com feijão diário a todos os lugares. Aliás, tem gente que já passa sem arroz e

feijão, mas não passa sem celular conectado às redes sociais! Por isso, o próprio futuro profissional e pessoal dos membros de sociedades como a nossa está cada vez mais vinculado à escrita e à capacidade de bem escrever.

Ainda refletindo sobre a capacidade de bem escrever, Ferrarezi sugere diversas atividades práticas para serem aplicadas no ensino fundamental e isso leva tempo para obter-se resultados importantes. No entanto, se a produção de texto passar a ser vista pelos professores de forma diferente em um futuro próximo teremos outros resultados quanto ao ato de escrever. A tecnologia de certo modo vem obrigando as pessoas a se capacitarem para fazer uso das redes sociais e assim somos obrigados a aprender a escrever, a ler e a compreender se quisermos acompanhar a comunicação e a evolução tecnológica. A este respeito Passarelli, (2012, p. 146) assevera que,

A competência para escrever advém da quantidade de leitura motivada por interesse ou prazer e essa competência é obtida inconscientemente. [...] o desempenho é a capacidade de usar esse conhecimento internalizando, quando se elabora um texto escrito.

A leitura, ou melhor, a bagagem de leituras que nos acompanham na vida acaba por determinar nossa competência enquanto escritores. Movida por prazer ou por interesse a leitura desenvolve nossa imaginação, nos ajuda com argumentos durante a produção de textos. Entendemos, portanto, que ambas a leitura e a escrita caminham juntas e automaticamente quem lê escreve e quem escreve é porque tem afinidade com a leitura. Segundo Solé, (1998, p. 90),

Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo, uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler.

Ainda segundo a autora (1998), a leitura pode ser realizada com diferentes objetivos e dessa forma o leitor alcança diversos objetivos. Quando o ato de ler é uma atividade prazerosa, quando aprendemos que ao ler obtemos informações e durante este processo compreendemos o texto, estamos significando a leitura. Nesse movimento proposto num ato de leitura, o leitor também utiliza simultaneamente seu conhecimento de mundo, durante a leitura constrói sua

compreensão da obra literária em questão. Antunes, (2003, p. 67) assegura que,

A atividade de leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.

Conforme Antunes, o leitor atua na construção de sentido de um texto e seu conhecimento de mundo fará com que ele continue uma leitura ou simplesmente abandone aquele texto, pois, se ele leitor, não compreender o que lê, o ato de ler deixa de fazer sentido e a leitura fica pelo caminho. Nesse contexto a atividade de escrita acompanha a leitura e quem pouco lê logo pouco consegue escrever, porque nós revelamos durante a atividade escrita nosso percurso enquanto leitores. Escrever requer ideias muitas e diversas ideias para assim recriar histórias, fábulas, contos...Sem contar que a bagagem para a escrita é sem dúvida a leitura. É notório que o domínio sobre os atos de ler e escrever transforma a vida das pessoas e são considerados por muitos como forma de ascensão social. Nas palavras de Solé (1998), “se ensinarmos um aluno a ler compreensivamente e a aprender a partir da leitura, estamos fazendo com que ele aprenda a aprender, isto é, com que ele possa aprender de forma autônoma em uma multiplicidade de situações”. Reconhecemos que ao compreender-se o que se lê ocorre de fato a interação entre leitor e texto, e assim de texto em texto, de leitura em leitura o leitor constrói sua capacidade de compreensão. Para Antunes (2003), há uma profunda atividade de interação entre a leitura e a produção escrita, pois o leitor coopera na construção do significado do texto, ao investigar minuciosamente as intenções do autor.

1.6 A tecnologia e a literatura digital

A expansão tecnológica vivenciada na contemporaneidade continua criando novos suportes para a literatura, formas de comunicação altamente velozes das quais segundo Hayles, (2009, p. 101),

O contexto de mídia em rede e programável do qual a literatura eletrônica surge faz parte de um espaço de mídia em rápido

desenvolvimento que está transformando o modo como os cidadãos de países desenvolvidos fazem negócios, conduzem sua vida social, comunicam-se uns com os outros e, talvez o mais importante ainda, como constroem a si mesmos como sujeitos contemporâneos.

A tecnologia evolui muito rapidamente e isso provoca muitas mudanças na vida dos seres humanos, desde uma simples conversa entre amigas a um negócio milionário tudo envolve tecnologia, e é preciso saber manusear esses objetos modernos que invadiram a vida das pessoas nos últimos tempos. A literatura também está se transformando o que antes era impresso hoje já é digital, e de certo modo tem despertado a curiosidade dos jovens. De acordo com a pesquisadora Hayles (2009, p. 163),

A literatura digital será um componente importante do cânone do século XXI. Mais acertada do que possa parecer, essa previsão baseia-se no fato já comentado de que quase toda a literatura contemporânea já é digital. [...] A digitalidade é tão essencial para os processos contemporâneos de composição, armazenamento e produção que o meio impresso deveria ser devidamente considerado uma forma de produção de arquivos digitais, e não uma mídia separada da instância digital. O digital deixa sua marca no meio impresso por meio de novas habilidades para uma tipografia inovadora, novas estéticas de modelos de livros e, no futuro próximo, novas formas de marketing.

Para a autora, o texto digital já faz parte dos processos de impressão de livros, então para tornar tudo digital falta muito pouco. É preciso apenas saber manusear a tecnologia e assim criar livros digitais que certamente despertarão nos jovens o prazer de ler. Sabemos que há disponíveis milhares de livros digitais para leitura e isso nos motiva a pesquisar sobre a literatura digital, visto que num futuro próximo as histórias serão digitais mediadas pelos recursos tecnológicos.

É importante também destacar as contribuições que as tecnologias de informação e comunicação doravante (TICs) desempenham atualmente na disseminação do conhecimento e da informação de modo geral. Segundo Straub (2009, p. 57), “o mundo globalizado exigirá, cada vez mais, novos modos de aprender que vêm se traduzindo em aquisição de novos conhecimentos, com educação continuada ou ao longo da vida [...]”. Com as TICs, estudantes e professores contam com muitos endereços eletrônicos ricos em conteúdo, que despertam a curiosidade para os mais variados conhecimentos, textos multimodais

composto de som, imagem e movimento que corroboram muito com a aprendizagem.

Em razão disso, os professores sentem a necessidade de aprender mais sobre o uso das novas tecnologias e questionam-se como podem contribuir em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem. Pesquisas recentes sobre as TICs apresentam resultados muito promissores em relação à aprendizagem. Nossos jovens são nascidos digitais e essas ferramentas tecnológicas contribuem no desenvolvimento dos conteúdos e de jogos interativos que facilitam a aprendizagem. De acordo com Straub (2009, p. 57),

Muitos desafios vieram se apresentando para os educadores no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, particularmente no final do século XX e início do século XXI. Esses desafios ganharam novas dimensões com maior presença e disseminação das tecnologias de informação e de comunicação[...].

Como se pode perceber, as tecnologias são ferramentas incorporadas ao dia a dia das pessoas e saber manuseá-las, com responsabilidade em situações de necessidade, não apenas em jogos e brincadeiras, torna-se cada vez mais imprescindível. Estamos em contato com diversos aparelhos tecnológicos como: celulares, computadores, aparelhos de TV, caixas eletrônicos em bancos, eletrodomésticos em geral; não podemos negar que o campo ocupado pelas tecnologias proporciona novos conhecimentos, facilita a comunicação e a informação, promove conforto, mas também provoca certo temor. Ainda, segundo Straub (2009, p. 57), “ao mesmo tempo em que as tecnologias de informação e de comunicação se fazem presentes [...] também se tornam complexas para sua apropriação e também aceitação no interior do processo educacional”. Ressalta-se aqui que é necessário superar certas barreiras e aprender a usar esses equipamentos. A internet está diante de nós e parece ser uma ferramenta importante que pode ser muito utilizada nas escolas brasileiras como fonte de pesquisa, diversão, leitura, informação, aprendizagem e também comunicação. Nesse sentido, Palfrey (2011, p. 17) assegura que:

Os Nativos Digitais vão mover os mercados e transformar as indústrias, a educação e a política global. Estas mudanças podem ter um efeito imensamente positivo no mundo em que vivemos. De modo geral, a revolução digital já tornou este mundo um lugar melhor. E os Nativos Digitais têm todo o potencial e a capacidade

para impulsionar muito mais a sociedade, de um sem número de maneiras – se deixarmos.

Utilizar-se das (TICs) em aulas de literatura e língua portuguesa faz-se necessário na atualidade, já que estas ferramentas despertam o estudante para o conhecimento e oportunizam mais aprendizagem. O uso das tecnologias nas escolas é uma exigência da cibercultura, o novo ambiente de comunicação e a expansão da rede mundial de computadores no início do século XXI provocaram a revolução no modo de trabalhar e organizar informações. Saber usar essa tecnologia para selecionar informações e resolver problemas do cotidiano, bem como ajudar no desenvolvimento humano e na compreensão da realidade que nos cerca são ações que ultrapassam as paredes da sala de aula. Para que a escola realmente faça uso dessas ferramentas tecnológicas, será essencial ousar, superar desafios e buscar uma nova maneira de atuar na produção do conhecimento. De acordo com Rojo (2013, p. 19-20), é crucial que:

Consideremos, por um momento, as novas formas de produção, configuração e circulação dos textos, que implicam multiletramentos. As mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação, o surgimento e a ampliação contínuos de acesso às tecnologias digitais da comunicação e da informação provocaram a intensificação vertiginosa e a diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais, que, por isso mesmo distanciam-se hoje dos meios impressos, muito mais morosos e seletivos [...] implicando mudanças significativas nas maneiras de ler, produzir e fazer circular textos na sociedade.

Para a pesquisadora citada, o uso da tecnologia na sala de aula tornou-se imprescindível, uma vez que os textos multimodais atraem os estudantes e tornaram-se meios de comunicação de massa, por meio destes textos conteúdos curriculares podem ser abordados e isso torna as aulas atuais e diversificadas. Com o surgimento do hipertexto, as informações aparecem (em imagens, sons, textos, gráficos, vídeos etc.), isso torna o conteúdo mais interessante, fácil e rápido de ser assimilado. No entanto, sabemos que ainda existem milhares de analfabetos que, na maioria das vezes, não conseguem fazer o uso social da leitura e da escrita manuais. Nesse aspecto nos questionamos como estas pessoas farão o uso das tecnologias se ainda não adquiriram conhecimentos básicos de leitura e escrita?

Para Rojo (2013), é preciso alterar significativamente a maneira de ler e escrever, uma vez que a tecnologia mudou a forma de circulação dos textos na sociedade. Nesse contexto, fica a dúvida, como agir com aqueles indivíduos que não são alfabetizados? Como essas pessoas seguirão na vida? E como os pesquisadores poderão conhecer o nível de letramento de uma sociedade? Dos alunos em uma escola? Acreditamos que políticas públicas na área da educação possam amenizar a situação, contudo ainda há muito para ser feito no que diz respeito ao ler, escrever e utilizar com eficiência as TICs na escola.

Ademais, a constante evolução tecnológica vem transformando o livro. Segundo Spalding (2012), “o livro como hoje conhecemos é fruto de um processo tecnológico que data de milênios, passando pelos rolos, depois pelos códices manuais, pela prensa de Gutenberg e pelas transformações da era digital”. No período contemporâneo, não é diferente, haja vista que os livros digitais criados por programadores e *designers* se utilizam de som, movimento, *hiperlinks*, atributos esses que revolucionam a maneira de ler e também de escrever. Para Spalding (2012, p. 236),

Nesse aspecto, é natural que muitas pessoas digam que ler na tela de um computador (ou mesmo de um *tablet*) é incomparavelmente pior do que ler em um livro impresso. O que essas pessoas não percebem é que cada vez mais escritores, designers, programadores e produtores estão criando livros especialmente para esses aparelhos digitais, os verdadeiros livros digitais, que exploram ferramentas existentes apenas nesses aparelhos, como movimento, som, toque na tela, *hiperlinks*, etc.

É extraordinária a transformação pela qual o livro tem passado nesses últimos anos, e isso se deve ao fato de que a tecnologia evolui muito rapidamente, assim como os bens de consumo que se desenvolvem na mesma proporção. Neste aspecto, compreendemos que os atos de ler e escrever também sofrem transformações significativas e influenciam diariamente a vida das pessoas. No presente, há um intenso envolvimento por parte do público infanto-juvenil com as TICs. Diante disso, elas podem e devem ser aliadas dos educadores na missão de educar e ensinar. Nas palavras de Spalding (2012, p. 238), “o livro digital, assim, é um produto do seu tempo que tem na palavra, na literatura, seu cerne, mas irá agregar a ela todas as demais artes, a música, o vídeo, o design, a fotografia, e, ainda, a interatividade, o movimento, a construção em rede”. Agregar ao texto

literário o movimento, a música, a interatividade são transformações muito relevantes e que influenciam diretamente o ato de ler e compreender.

Aos olhos de quem estuda tudo, parece tornar-se encantador e, portanto aprender já não é algo tão penoso. Segundo Spalding (2012, p. 238), “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, mas enquanto houver um poeta, uma língua e um leitor, lá haverá literatura. Seja na pedra, no papel, na tabuleta, no *tablet*, na terra, no espaço ou no ciberespaço”. Em outras palavras, transformam-se os suportes onde a literatura apresenta-se ao leitor, mas de acordo com o pesquisador citado, enquanto houver um escritor, um leitor e uma língua sempre haverá literatura para suprir as necessidades humanas de fantasia. O suporte onde esses textos são produzidos não fará tanta diferença, pois o que realmente importa é que cada leitor encontre nos textos que lê respostas para suas aflições.

1.7 O hiperconto

A tecnologia é um novo suporte didático que deve ser utilizado em sala de aula para promover a aprendizagem. E a literatura digital é aquela produzida em meio digital, um exemplo disso são os hipercontos, gênero textual contemporâneo em que as histórias, as imagens e os sons compõem a estrutura textual. Complementando tal definição, Fanin (2016, p. 35) explica que:

O hiperconto surge no formato de um gênero literário e digital, uma vez que o ponto de partida de sua criação utiliza elementos narrativos do conto e, ao mesmo tempo, integra elementos estruturais e cognitivos do hipertexto. Embora ainda de forma tímida, surge dessa realidade globalizada e altamente tecnologizada que exige práticas letradas que vão além dos textos impressos.

Desse modo, os hipercontos são textos digitais que surgem com efeitos de sentido como imagens, músicas, e que visam à continuidade da história pelo leitor. Para produzir textos digitais, utilizamos recursos multimodais. De acordo com Fanin (2016, p. 36), no que se refere à elaboração:

[...] A estrutura que dá vida ao hiperconto, composta por situação inicial, conflito, resolução, clímax e desfecho é familiar ao conto, porém os elementos que constituem a narrativa digital compõem-se, além de palavras, imagens, vídeos, músicas e ícones, também

de diversos finais viabilizados pelos links. Isso garante ao autor uma relação democrática com o leitor, pois permite opções para a continuidade da leitura, levando-o a espaços e tempos, multissequenciais, multilinearizados e indeterminados, que ao leitor compete os caminhos a seguir, os compartilhamentos que desejar, bem como colaborar com opiniões e desfechos diferentes, ampliando, assim, as possibilidades de sentidos criadas pela diversidade de linguagens e, portanto, a fluência e desenvoltura nas práticas de leitura e escrita nesse processo acontecem de forma diferente do material impresso.

A estrutura do hiperconto é semelhante ao conto, todavia o gênero híbrido se utiliza das TICs, que proporcionam ao leitor a possibilidade de continuidade de uma história. A literatura digital e os hipercontos são abordados por Spalding (2009), visto que ele, ao longo de seus estudos, resolveu investigar de que maneira a literatura está presente na internet e desse modo tornou-se o precursor do gênero textual hiperconto no Brasil. Observe a seguir a estrutura do hiperconto:

1.8 O modelo da estrutura do hiperconto

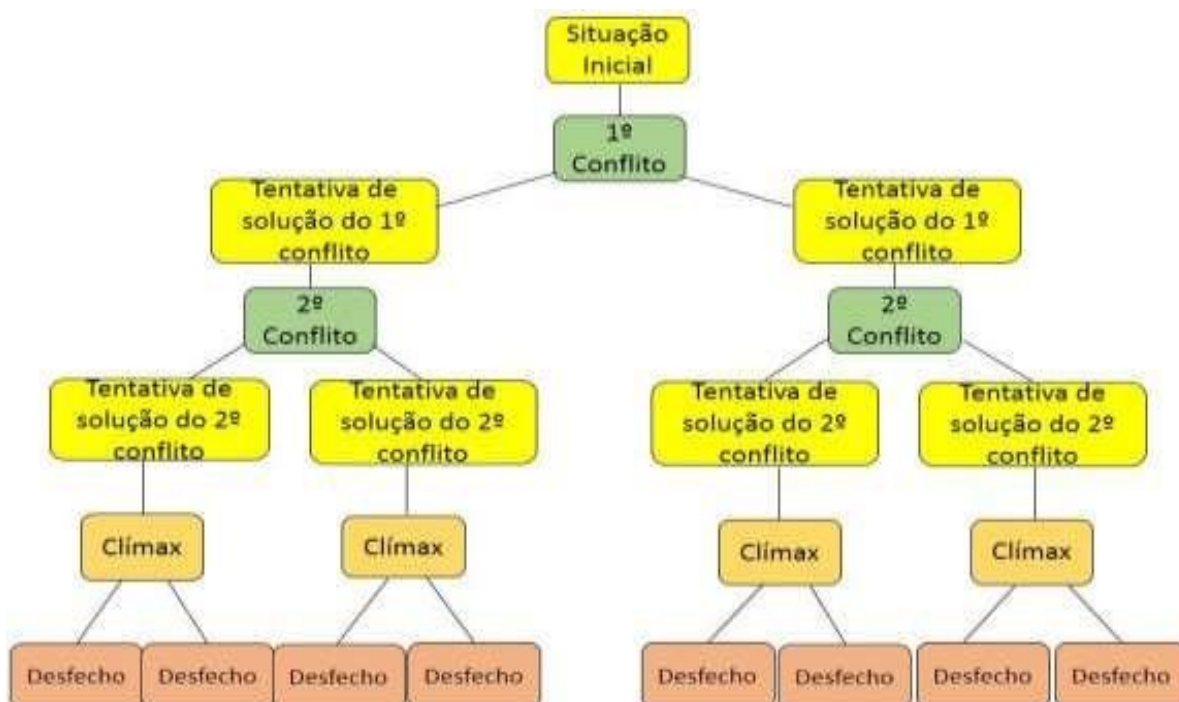


Figura 1 – Disponível em:

<https://profeletras.letras.ufmg.br/arquivos/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Marcos%20Cel%C3%ADrio.pdf>

O hiperconto é o texto que se organiza a partir de uma situação inicial e um 1º conflito, segue o desenrolar da história com várias possibilidades e *links* de acesso para o leitor selecionar e assim compor a história de acordo com seus

desejos. O modelo acima apresentado ilustra a estrutura do hiperconto. As imagens, a música, as cores ajudam a compor o enredo da história e o hiperconto surge em meio digital. O trabalho com a literatura geralmente se concentra no texto impresso, já na literatura digital, lidamos com imagens, sons, vídeos, interatividade. Por exemplo, ao escrever um hiperconto, os estudantes devem criar uma história que tenha duas ou mais possíveis continuidades, diferentes finais para seu texto e podem fazer essa atividade em grupo.

Segundo Spalding (2009, p. 01), “a literatura digital é uma forma atrativa, moderna e muito produtiva de se trabalhar com literatura em sala de aula”. Portanto, apesar de nós, professores, sermos aprendizes dessas tecnologias que tanto fascina os estudantes, é premente a sua aprendizagem e a sua inserção no ambiente escolar. Aliás, muito oportuna para se trabalhar de forma lúdica a literatura.

Ademais, os suportes para leitura e escrita estão mudando muito rapidamente, a tecnologia tem tornado os atos de ler e escrever mais interessantes e dinâmicos. Segundo Xavier (2013), sons, ícones, imagens e animações dialogam entre si numa produção textual e isso favorece aprendizagem, facilitando a compreensão de conteúdos ou de textos multimodais que circulam na sociedade atual. O “hipertexto é a tecnologia enunciativa inédita e exclusiva da qual emerge o modo de enunciação digital. Trata-se de mais uma tecnologia enunciativa que possui um modo próprio de se constituir, dispor, compor, supor significações” (XAVIER, 2013, p. 181). A literatura digital encanta, mas também intimida ao mesmo tempo, pois se constitui de um modo próprio de produção. Para Pierre (1993, p. 20),

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficas ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda conosco, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

É desse modo que a sequência de informações escolhida pelo leitor pode levá-lo a se distanciar muito do objetivo inicial de leitura se este não souber qual

caminho deseja realmente percorrer, visto que no hipertexto, as informações não surgem de forma linear como num livro impresso. Os *links* levam o leitor a navegar por outros caminhos e ali se encontram informações que, por sua vez, contém uma rede inteira de conhecimentos. Por este fato, entendemos que ao mesmo tempo em que o hipertexto seduz o leitor, também o preocupa por ser algo complexo de lidar, levando-o para conexões não desejadas, ou seja, capazes de fazê-lo perder o rumo de sua pesquisa. No entanto, o hipertexto possui também aspectos positivos, conforme Xavier (2010, p. 210),

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros, formando um todo de significativo e de onde sentidos são complexivamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital. É assim o hipertexto. Com ele, ler o mundo tornou-se virtualmente possível, haja vista que sua natureza imaterial o faz ubíquo por permitir que seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer hora do dia e por mais de um leitor simultaneamente.

O hipertexto segundo o autor mencionado se utiliza de diferentes elementos (som, gráficos, imagens, movimento) para compor sua mensagem e assim inserir o leitor nas discussões que afligem a humanidade. Exige do leitor muito mais do que apenas a decodificação das palavras, de acordo com Xavier (2010,p. 213) “toda leitura cobra do leitor um intenso esforço de atos inferenciais, preenchimentos de lacunas e interstícios deixados pelo autor, até porque o texto, [...], não pode dizer tudo, por motivos óbvios de falta de espaço e obediência às regras [...]”. O leitor seleciona o que vai querer e passa a explorar os *hiperlinks* que mais lhe interessam. Não podemos deixar de mencionar as notas de rodapés, os índices, os sumários, a divisão em capítulos nos livros tradicionais que também fornecem ao leitor caminhos não lineares de leitura. Ainda para Xavier (2010, p. 213-220),

O fato de conseguirmos imprimir um hipertexto não significa que ele seja conversível a texto impresso, pois a impressão não preserva a sua natureza essencialmente virtual, além de não garantir outras propriedades inerentes como a ubiquidade, acessibilidade ilimitada e a presença de outras mídias como os sons e as imagens em movimento em sua superfície virtual. [...]
O hipertexto permite que todos (autores e leitores), renomados ou

não, com suas respectivas posições político-ideológicas defendem-nas num mesmo espaço virtual e democrático, para, através do debate, do confronto e da beligerância exclusivamente conceituais exporem seus pensamentos à avaliação coletiva e, quem sabe, chegarem a um consenso sobre os problemas fundamentais que aterrorizam a vida humana. É neste aspecto também que postulo o hipertexto como um lugar de coprodução dos sentidos. Sentidos homogêneos e hegemônicos nas questões essenciais (respeito incondicional à vida humana) e heterogêneos e divergentes nas triviais (diferenças de cultura, lazer e religião). A arquitetura do hipertexto otimiza tecnicamente este espaço de livre exposição, construção e debate de múltiplos discursos.

O hipertexto surge junto com a tecnologia e vem mudando a forma de leitura e a produção escrita. Automaticamente a produção de sentidos amplia-se extraordinariamente, na era da tecnologia é preciso reconhecer que não basta decodificar palavras, as informações estão disponíveis aos cidadãos do mundo, basta acessar a rede mundial de computadores e temos a nossa disposição conhecimentos dos mais diversos campos das ciências que podem ser acessados por qualquer pessoa na hora em que ela quiser e o mais significativo de tudo de qualquer parte do planeta. Acreditamos, portanto, que o hipertexto na verdade é muito mais positivo do que negativo, seus aspectos positivos contribuem para o crescimento intelectual dos leitores que neste momento não podem dar-se ao luxo de permanecer apenas na decodificação de palavras, necessitam estar alfabetizados e também letrados para não se perderem em suas pesquisas.

É importante destacar que a pesquisa por nós desenvolvida se utiliza da tecnologia para compor os hipercontos produzidos pelos estudantes. Conforme Xavier (2010, p. 219),

Quanto maior a quantidade e, obviamente, a qualidade da informação – já que pessoas sérias e honestas continuarão a existir e a influenciar outras, recorrendo para isso também ao hipertexto – maior será a probabilidade de o leitor ponderar e decidir com mais talante, ainda que sob a pressão normal dos vetores sócio-histórico-ideológicos. O leitor, agora inserido em uma comunidade virtualmente desterritorializada e potencialmente mais informada terá mais participação na constituição do seu saber pela maior construção de sentido do hipertexto que vier a ler, já que poderá verificar imediatamente o grau de veracidade e fundamentação de certos argumentos que costumam sustentar posições e ações de personalidades e instituições que exercem forte influência sobre o presente e o futuro dos cidadãos da recém – chegada sociedade da informação.

Conforme o pesquisador e professor Xavier (2010) o que conta com a nova ordem mundial é a qualidade das informações, isso com certeza influenciará na formação do leitor do século XXI que talvez já não seja o mesmo de alguns anos atrás. Inserido em um mundo virtual e em contato com textos multimodais o leitor hoje passa a utilizar o hipertexto de acordo com suas necessidades. Ainda segundo Xavier (2010, p. 219-220) assegura que,

Entender os processos de produção/ compreensão da significação do / no hipertexto é, sem dúvida, um imperativo que mais cedo ou mais tarde precisaremos acatar. A nova ordem mundial tecnocrata institui como necessária a impreterível a aprendizagem desta recente tecnologia de escrita pela qual transitam e transitarão daqui por diante os textos/discursos que condicionarão, mas não determinarão, assim espero, as nossas ações enquanto sujeitos-leitores no mundo.[...] .Como bem já dissera o sociólogo polonês Adam Schaff (1995, p. 43) marxista convicto, ponderando sobre as medidas promovidas pelas inovações tecnológicas: “Fatos são fatos, não se podem descartá-los enfiando a cabeça na areia como avestruz”.

Concluimos o primeiro capítulo da pesquisa com a segurança de que em relação a tecnologia há muito por se fazer nas escolas brasileiras e não há motivo para temor. Pois a tecnologia é fato neste mundo e não há como negar a sua importância. A compreensão e interpretação de textos a partir do hipertexto tornou-se algo muito significativo na atualidade. E de acordo com as novas ordens que controlam o mundo aprender a ler os hipertextos passou a ser necessidade e aprendizagem. Porque a significação e a compreensão de textos não são as mesmas de tempos antigos. O projeto de pesquisa por nós desenvolvido tem buscado maneiras diferentes de utilizar a tecnologia em sala de aula e assim promover aprendizagens inovadoras como relataram os estudantes. Produzir hipercontos tem sido um desafio e tanto para estudantes e pesquisadora. Buscamos orientação e construímos um belo site de hipercontos junto com os estudantes. Utilizamos a literatura africana de língua portuguesa como tema para a criação das histórias que foram postadas no site.

CAPÍTULO II – LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS POSSÍVEIS ORIGENS

As sociedades africanas organizavam-se em torno de relações de parentesco e da fidelidade ao chefe, esse líder geralmente era uma pessoa mais velha do grupo e que tinha a capacidade de liderança. Além disso, coletavam da natureza alimentos e plantavam somente o suficiente para o sustento de suas famílias. No entanto, essa harmonia foi quebrada pelos portugueses que retiraram os homens fortes de suas casas na África para serem escravizados no outro lado do Atlântico. Os negros eram transportados para o Brasil pelos portugueses, viviam nas senzalas em condições precárias, submetidos a muitas horas de trabalho pesado por dia. Contudo, nunca deixaram de cultuar suas tradições. Livres foram despejados das fazendas. Muitos não tinham para onde ir e ainda buscam um espaço digno na sociedade.

No Brasil, os colonizadores portugueses utilizaram a mão de obra escrava nas fazendas, nas casas dos senhores e nos engenhos de açúcar do nordeste, na extração de ouro das Minas Gerais, nas plantações de café no Sudeste, na pecuária na região Sul e na borracha na região Norte. Eram capturados na África e vendidos em nosso país como escravos. Por viverem em solo africano e não utilizarem a escrita, foram considerados pelos europeus como seres humanos inferiores e, portanto, podiam ser escravizados. Para Penna Filho (2009, p. 6),

Durante muito tempo, os europeus adotaram o ponto de vista de que a África não possuía uma história propriamente dita, haja vista que o continente era composto por uma maioria de povos que ainda não utilizavam a escrita e que, portanto, não eram merecedores de um lugar de relevo no panteão das grandes civilizações.

É desse modo que a história nos mostra a visão equivocada de que esses povos considerados inferiores pelos europeus, não tinham o poder de decisão, a dignidade e ainda lhes foi roubada a humanidade. Um tema bastante controverso é o tráfico de negros para as colônias, tendo em vista o fato de líderes africanos serem acusados de envolvimento direto com o contrabando de seres humanos. Ainda há os que defendem o não reconhecimento de tráfico como crime. Conforme Brito (2011, p. 12);

O tráfico de africanos alimentou a demanda por trabalhadores escravizados nas Américas. Consistia no sequestro de homens, mulheres e crianças africanas dos seus lugares de origem, das suas comunidades e do convívio com seus familiares para serem vendidos nos mercados de escravos de países como Estados Unidos, Cuba e para o Brasil.

Em terras brasileiras, a barbárie da escravidão demorou a acabar, posto que os interesses dos fazendeiros e do Império favoreceram para a lentidão do processo de libertação dos escravos. Silva Filho (2009, p. 18) nos aponta que,

O fim do regime escravocrata brasileiro foi lento, gradual e negociado. A pressão dos proprietários de terra e de escravos e também os ganhos do Império com o tráfico colaboraram para essa lentidão. Assim, durante mais de 50 anos leis e decretos determinaram o término dos 336 anos (1532-1888) da institucionalização da escravidão negra no Brasil.

Segundo o autor, a escravidão levou aproximadamente 50 anos para chegar ao fim no Brasil, pois havia muitos interesses em jogo. No entanto, chegou ao fim e o povo negro enfim pode viver de acordo com suas crenças e costumes. Os africanos, que por terras brasileiras vivem, disseminam saberes, que vão muito além de danças, músicas e pratos típicos. Ademais, os negros nascidos no Brasil contribuíram com os aspectos de organização político-social, nos modos de vida, na religião, na filosofia, nas manifestações culturais que só sobreviveram aos senhores patrões, porque eram camufladas e os capitães acreditavam que os negros estavam se distraíndo nas senzalas brasileiras. Para Santos (2011, p. 5),

Os africanos que para aqui foram trazidos nos legaram um rico patrimônio imaterial, que são as formas de expressão, os saberes, os modos de fazer, as celebrações, as festas e danças populares, as lendas, as músicas, os costumes e outras tradições que embasaram a formação da cultura afro-brasileira.

Lendas, músicas, danças são alguns dos aspectos culturais africanos incorporados à cultura brasileira e, por isso, é difícil dissociar o Brasil da África. Contudo, a colonização também deixou marcas profundas no continente africano, já que muitos países surgiram a partir do que o colonizador deixou para trás, estruturas que só interessavam ao europeu e que desconsideravam o africano na sua dignidade. Segundo Penna Filho, (2011, p. 6),

Em grande medida, o problema do Estado na África faz parte do legado do colonialismo europeu. Isso porque os países africanos derivam diretamente do que sobrou das estruturas coloniais, as quais foram montadas com o objetivo explícito de servir aos interesses dos senhores brancos que dominaram o continente. Sem dúvida a maioria dos estados africanos resulta de iniciativas que visavam dotar os territórios de uma funcionalidade econômica para os europeus, desconsiderando os interesses e necessidades dos povos africanos. Muito do que havia de funcional e que seguia a lógica de um desenvolvimento interno, condizente com uma perspectiva genuinamente autóctone, ou seja, africana, acabou sendo suprimida em nome dos interesses da Europa.

Em nome dos interesses do colonizador, a dignidade, a humanidade e o poder de decisão foram negados ao povo africano. Portanto, trata-se, hodiernamente, de constituir valores antes negados ao povo que trabalhou para construir o Brasil em 400 anos de escravidão.

A Lei 9.394/1996 a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, foi modificada pela Lei 10.639/2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”. A referida lei inclui o estudo da história da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, busca regatar a contribuição do povo africano nas áreas social, econômica e política na história do Brasil. Sendo que esses conteúdos citados devem ser ministrados em todo o currículo escolar, desde o ensino fundamental, o ensino médio e o ensino superior.

Em especial nas disciplinas de artes, literatura e história, no entanto, outras disciplinas do currículo podem também inserir a temática africana em seus planejamentos de ensino. Pois são muitas as contribuições africanas em relação aos conhecimentos científicos para com a humanidade e que permanecem invisíveis aos olhos da população brasileira e de todos de modo geral. Reconhecer estes saberes não ameniza o sofrimento pelo qual essa gente passou e de certa forma ainda vivência situações desagradáveis no dia-a-dia, mas destrói falsos argumentos criados para denegrir a imagem desse povo.

Em 2008 a lei 11.645 foi aprovada e passa a modificar a lei 10.639/03 em seu artigo 26-A assim torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. A lei citada anteriormente refere-se aos diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira a partir

dos indígenas e dos negros, grupos populacionais com grande representação em território brasileiro. Faz-se necessário o resgate das contribuições desses povos para com as áreas social, econômica e política relacionadas a história do Brasil. Os conteúdos curriculares referentes à história e a cultura afro-brasileira devem ser ministrados em todo o currículo escolar dando ênfase principalmente as disciplinas de artes, literatura e história, no entanto compreendemos que as temáticas referentes a cultura africana e indígena devem circular por todas as disciplinas e por todas as fases de ensino do fundamental ao ensino superior sempre respeitando a faixa etária em que os estudantes se encontram.

A lei 10.639/03 é resultado de inúmeras lutas do Movimento Negro Unificado no Brasil com o objetivo de combater a desigualdade, o racismo e as injustiças sociais. Nesse sentido, o Movimento Negro luta para que sejam reparados os danos causados a essa parcela significativa da população brasileira. Em razão disso, as escolas tornaram-se responsáveis por promover diálogos sobre essa temática. Para Paulo (2011, p. 5),

A inserção dos conteúdos de História da África e Cultura Afro-Brasileira, estabelecidos pela lei nº 10.639 de (09/01/2003) no currículo da educação, sem dúvida, constituiu num marco positivo no combate à desigualdade racial, pois promoveu um intenso debate educacional no Brasil, o qual acentuou a convicção de que não nos constituímos num país democrático em termos étnicos e raciais e inclusive contribuiu para uma visibilidade ampla às demais formas de desigualdades e injustiças sociais.

Posto isso, é premente a necessidade de reconhecermos que atrocidades ocorreram e que injustiças sociais e desigualdades precisam ser corrigidas. Reconhecemos que não é a cor da pele que deve dizer quem possui mais valor numa sociedade e sim o caráter e as atitudes de cada cidadão. Portanto, o preconceito precisa ser combatido e valores como igualdade, solidariedade e fraternidade devem ser ensinados às crianças. “O Brasil é um país de grande extensão territorial, intensa diversidade regional, racial e cultural. Ele se destaca como uma das maiores sociedades multirraciais do mundo”, conforme Gomes (2010, p. 97).

É notório que o Brasil possui uma diversidade cultural invejável e que sua extensão territorial, por ser de proporções continentais, privilegia que diferentes culturas estejam presentes no dia a dia das pessoas. É preciso reconhecer que,

parcela significativa da população se reconhece como preta, parda, amarela ou indígena. Entende-se, portanto, que os conhecimentos que vêm da tradição africana ou indígena não devem ser negados ou ocultados. Todos têm o direito de estar em contato com esses saberes. Para Gomes (2010, p. 99),

Trata-se de um contexto peculiar marcado por séculos de escravidão, pela colonização e dominação político-cultural de grupos sociais e étnico-raciais específicos, pela resistência negra à escravidão, por um processo de abolição tenso e negociado de várias maneiras, pela instauração de uma república que não considerou de maneira adequada a necessidade de integração da população negra liberta, pelos processos autoritários e golpes que marcaram a vida republicana, pelas lutas dos movimentos sociais, pela retomada da democracia nos anos 80 e pela luta em prol da democratização do Estado e da sociedade atual, marcados pelo neoliberalismo e pela globalização capitalista.

Para o referido autor (2010), o contexto em que o negro vem sendo abordado, é marcado pela escravidão, pela dominação de grupos brancos que visam a seus interesses particulares, bem como por um processo de abolição lento e por uma república que não considerou a população negra. Para que essas distorções fossem reparadas, foi criada a lei 10.639/03. De acordo com Gomes (2010, p.106),

A lei 10.639/03 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais podem ser consideradas como parte do projeto educativo emancipatório do Movimento Negro em prol de uma educação antirracista e que respeite a diversidade. Por isso, essa legislação deve ser entendida como uma medida de ação afirmativa, pois introduz em uma política do caráter universal, a LDBEN 9394/96, uma ação específica voltada para um segmento da população brasileira com um comprovado histórico de exclusão, de desigualdade de oportunidades educacionais e que luta pelo respeito à sua diferença.

Dessa forma, discutir o currículo e implantar novos saberes é uma oportunidade de a escola se posicionar diante das questões que envolvem a temática africana e indígena pois as instituições de ensino são o espaço destinado, sobretudo, à formação humana. O movimento negro reivindica práticas educacionais efetivas no que tange à diversidade e à diferença. Nesse sentido, Aroyo (2010, p. 125) assevera que:

A introdução, por lei, da história da África, da memória e cultura negras (lei 10.639/03) introduz o debate no cerne do núcleo duro do currículo: há conhecimentos, saberes, valores, ciências, interpretações da natureza, das sociedades e da condição humana que vêm da tradição africana e das vivências dos afrodescendentes que merecem o status de conhecimento curricular.

Apesar de já terem se passado 15 anos desde a implantação da lei 10.639/03, ainda são muito tímidas as iniciativas nas escolas que visam ao negro e às suas tradições. Compreendemos que o conhecimento proporcionado pelas vivências africanas merece ser reconhecido como conteúdo que a escola deve implantar em sua matriz curricular e assim aos poucos tentar talvez reparar os danos causados aos africanos e seus descendentes. A discussão ocorrerá na pretensão de reconhecimento de saberes e o avanço no diálogo significa a valorização da pluralidade das culturas e vivências.

A Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2004, p. 9), a qual “assegura o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garante às histórias e culturas que compõem a nação brasileira além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros”. É desse modo que, a partir da lei aludida, pode-se inferir uma busca por parte dos governantes da valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos. Para tanto, é necessário que haja a discussão acerca das relações étnico-raciais de forma positiva com a finalidade de se alcançar uma sociedade mais justa e democrática.

As Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, p. 12) relatam que “reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação”. Entende-se, portanto, que não se pode falar de Brasil sem mencionar a África e isso exige um mínimo de conhecimento para que não se cometam injustiças. Para Machado (2012, p. 121),

Os negros que vieram, e não apenas para o Brasil, eram capturados nas mais diversas regiões da África. Era gente que nem se entendia, nem falava a mesma língua, uma vez que pertencia a diferentes culturas africanas. Ao chegar aqui, essas culturas se misturaram e deram um componente africano-brasileiro que se

fundiu, também, com a cultura europeia e seu catolicismo.

De acordo com Machado, os negros que chegaram ao Brasil acabaram por mesclar suas culturas com a do europeu e do indígena que aqui viviam, originando a cultura afro-brasileira que nada mais é do que uma miscigenação de saberes, sabores, linguagens e prazeres que acabaram por constituir a origem de um dos povos mais multiculturais do mundo de que se tem notícia; o povo brasileiro. Apesar disso, percebe-se que os valores da cultura do branco europeu ainda prevalecem sobre o negro. Nas palavras de Machado (2012, p. 26),

Mesmo sendo um país de pluralidade étnica, em que cerca de 45% da população brasileira é constituída por negros e seus descendentes, observa-se nas relações sociais uma supremacia de valores da cultura de origem europeia branca. Valores que se confundem, muitas vezes, com a questão da distribuição de renda, da dicotomia ricos x pobres. As culturas negras e indígenas e as que trazem traços dessas culturas miscigenadas quase sempre são apresentadas como inferiores.

É sabido que os negros ainda são vítimas de preconceito e de inferiorização, visto que a diversidade não é bem aceita por uma parcela expressiva da sociedade. Desse modo, sempre presenciamos na mídia fatos desagradáveis em relação aos índios, negros, pobres, gays, homossexuais e todo aquele que por ventura não se encaixar nos moldes impostos pela sociedade. Ainda o que prevalece mesmo são os valores pregados pela cultura europeia branca.

3.1 A literatura africana de língua portuguesa

A literatura perpassa todas as áreas do conhecimento e permite-nos discutir assuntos diversos. Sobre isso, Barthes (2007, p. 17) nos esclarece que “a literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), botânico, antropológico (Robinson passa da natureza a cultura)”. Por caminhar entre as disciplinas do currículo escolar é que a literatura necessita de um olhar mais comprometido com o saber por parte dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Dentre os temas abordados em textos literários também temos a Cultura Africana para ser debatida nos bancos escolares. Para Felinto *et al*, citado por Santos (2012, p. 11),

Os diversos povos desembarcados no Brasil para trabalhar nos engenhos de produção de açúcar, nas lavouras de café, fumo, algodão, nas minas de extração de ouro, etc., trouxeram consigo seus costumes, línguas, valores, deuses e crenças.

Dessa forma, os povos africanos, os quais foram trazidos à força para o Brasil, tiveram que negociar com a Igreja, com os senhores de escravos e com os indígenas que viviam no Novo Mundo, para que pudessem praticar suas crenças religiosas, seus mitos e suas divindades. Segundo Santos (2012, p. 19), “durante a nossa história colonial, as crenças afro-brasileiras só puderam subsistir de modo disperso por meio de ‘batusques’, entendidos [...] como divertimentos úteis para manter a paz nas senzalas”. Desse modo, os negros mantiveram vivos seus costumes e crenças.

A literatura africana de língua portuguesa surge no século XV, quando os portugueses iniciam suas viagens de exploração em busca de novas terras. É o que se pode confirmar com a citação de Ferreira (1977, p. 7):

A literatura africana de expressão portuguesa nasce de uma situação histórica originada no século XV, época em que os portugueses iniciaram a rota da África polarizada depois pela Ásia, Oceania e América. A historiografia e a literatura portuguesa sob a ótica expansionista testemunha o esforço lusitano da época renascentista. Cronistas, poetas, historiadores, escritores de viagem, homens das ciências, pensadores, missionários, viajantes, exploradores, enobreceram a cultura portuguesa e em muitos aspectos, colocaram-na ao nível das ciências e das grandes literaturas europeias.

Os portugueses, por intermédio de suas viagens pelo mundo, não apenas conquistaram novas terras, como também espalharam sua língua, seus costumes, suas crenças, sua religião, sua gastronomia e a literatura lusitana. Embora tenham cometido muitas atrocidades nos lugares por onde passaram não se pode negar que deixaram um grande legado representado principalmente pela língua portuguesa e pela literatura que desenvolveram durante as atividades de exploração das colônias. Entre os países que possuem a língua portuguesa como língua oficial estão: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, todos localizados na África. A seguir, serão expostas algumas das características desses países, no que diz respeito à literatura de língua portuguesa. Por exemplo, a força do crioulo na literatura da Guiné-Bissau revela a tradição oral

desse povo. Segundo Amâncio (2008, p. 51),

A leitura de textos literários da Guiné-Bissau permitiu a percepção da força linguística do Crioulo guineense e da tradição oral. Nas construções textuais, destacam-se a afirmação discursiva das raízes e matrizes africanas em termos de vivência social, cultura e ideologias, bem como os questionamentos sobre o modelo escravocrata português. O poder político de Amílcar Cabral, líder revolucionário, intelectual e poeta, com sua representatividade junto ao PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde) e seu extremado pertencimento sociocultural tornaram-se foco dos debates. Importantes articulações temático-discursivas do período das lutas de libertação emergiram durante a recepção dos textos literários.

Como se pode perceber, a literatura em Guiné-Bissau surge como forma de luta pela liberdade e questionamento sobre o modelo de escravidão conduzido por Portugal. Já em Cabo Verde, de acordo com Amâncio, (2008, p. 59), a literatura evidencia a opressão colonial sofrida pelos cabo-verdianos, o mar e o sistema político imposto.

A literatura de Cabo Verde revela, de forma contundente, as especificidades geográficas do arquipélago. Entre outros aspectos, a opressão colonial, o flagelo provocado pelo vento leste proveniente do Saara e a forte tensão vivenciada pelo cabo-verdiano em sua condição insular são fortes características desse contexto. Mar, sempre o mar a ir e vir, em uma coreografia geográfica que dialoga estética e ideologicamente com a diáspora africana e com os sistemas políticos impostos às nações.

Assim como na Guiné-Bissau, a literatura de língua portuguesa em São Tomé e Príncipe também denuncia a relação entre negros escravizados e brancos colonizadores. Nela, os negros se unem com o intuito de combater os portugueses, no que tange à escravidão. Para Amâncio (2008, p. 59),

De São Tomé e Príncipe, ouvem-se ao longo da viagem ficcional, os fortes ecos da tensa relação entre negros escravizados e brancos colonizadores e das resistências à mestiçagem racial, provavelmente resultante do fato de o país ter sido utilizado como entreposto para o tráfico negreiro e, por isso, espaço de extrema violência e rebeldia. Unem-se, esteticamente, as vozes dos sujeitos negros africanos de diferentes pertencimentos étnicos, contra as práticas portuguesas no cotidiano colonial.

Percebe-se, nesse contexto, que o negro não se calou diante das situações

de exploração e escravidão em que se encontrava, pois sempre encontrou uma forma de fazer com que seus desejos e, principalmente, seus ideais fossem alcançados. Os angolanos, por exemplo, trilharam o mesmo caminho dos demais países africanos, haja vista que produziram textos literários cuja preocupação principal era o combate às ideologias do opressor, o sistema colonial português. Amâncio (2008, p. 67) relata que,

Fortemente armada essa literatura engendrou o combate às ideologias do sistema colonial português, o que culminou na reação internacional aos desmandos salazaristas e na resistência interna ao regime imposto. São contundentes as características da produção literária angolana, do final do século XIX à fase das lutas de libertação nacional.

Segundo Amâncio (2008), a literatura angolana buscou combater o regime português que dominava aquele país, o que levou Angola à independência. A literatura de língua portuguesa também chegou a Moçambique, por meio de seus escritores, as vozes da África ecoaram contra a opressão, a crueldade e o egoísmo. De acordo com a reflexão de Amâncio (2008, p. 78),

De Moçambique para o mundo, vozes literárias fazem ecoar em África os sons do *blues* e do *jazz* afro-americano, paralelamente a denúncias contra a opressão e a crueldade do racismo inerente ao sistema português. Ao mesmo tempo, as produções literárias moçambicanas imprimem as matrizes culturais africanas, [...].

Vale destacar que o colonizador português explorou parte do território africano que dizia ter conquistado, e para isso, se utilizou dos métodos menos humanitários que existem com o único objetivo de obter lucro. Porém, esqueceram-se de que lá vivia um povo com suas crenças religiosas, sua cultura e seus costumes. E a literatura africana de língua portuguesa serviu para mostrar que na África há diversidade, cada país, cada vilarejo tem características peculiares. Ademais, que o negro escreve e sua produção intelectual denuncia as situações de exploração muitas vezes comandada pelo branco europeu. Segundo Amâncio (2008, p. 84),

Nesse breve percurso, relativo às produções literárias do período das lutas pela independência, evidenciam-se algumas especificidades dos países africanos de língua portuguesa. Isso

permite verificar que a leitura literária das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, por um lado, contribui para que se fragmente a noção equivocada de que em África é tudo igual ou a de que o africano não demonstrou resistência formal ao processo colonizatório; por outro lado, dá visibilidade a um fazer estético-ideológico que se realiza via escrita, o que pode parecer novidade para quem ainda acredita que africano não escreve ou não tem produção intelectual. Ao mesmo tempo, tais textos literários revelam a direta relação entre os intelectuais das ex-colônias portuguesas, fato que comprova o diálogo estético-ideológico dos africanos de Língua Portuguesa com os brasileiros da época.

Para os africanos, a palavra possui valor sagrado e serve para promover a paz ou disseminar a guerra. A tradição oral é fortíssima. As populações africanas eram ágrafas quando o europeu por ali desembarcou e, por isso, a oralidade sempre foi muito valorizada. Consequentemente, o analfabetismo vem sendo combatido e uma nova língua aprendida por essa população. Geralmente, os textos ali produzidos possuem o caráter de protesto, de revolução, de sentimento nacional de quem é explorado, reprimido. De acordo com Mattos (2012, p. 19),

Até os dias atuais, a maior parte das sociedades africanas subsaarianas dá grande importância à oralidade, ao conhecimento transmitido de geração para geração por meio das palavras proferidas com cuidado pelos tradicionalistas – os guardiões da tradição oral, que conhecem e transmitem as ideias sobre a origem do mundo, as ciências e os fatos históricos. Nessas sociedades de tradição oral, a relação entre o homem e a palavra é mais intensa. A palavra tem um valor sagrado, sua origem é divina. A fala é um dom, não podendo ser utilizada de forma imprudente, leviana. Ela tem o poder de criar, mas também o de conservar, destruir. Uma única palavra pode causar uma guerra ou proporcionar a paz. Alguns ofícios existentes nas sociedades africanas estão relacionados à tradição oral, a um conhecimento sagrado, a ser revelado transmitido para as futuras gerações; é o caso dos ferreiros, carpinteiros, tecelões, caçadores e agricultores. Os mestres que realizam essas atividades fazem-no ao mesmo tempo em que entoam cantos ou palavras ritmadas e gestos que representam o ato da criação.

É importante ressaltar que segundo Mattos para os africanos a palavra não pode ser usada de forma imprudente e a tradição oral revela conhecimentos sagrados em ofícios como agricultura, caça e tecelagem. Outro assunto muito mencionado nos textos é a escravidão, tendo em vista que nas sociedades africanas as pessoas se tornavam escravas por motivos diversos, tais como: fome,

castigos penais e até mesmo as dívidas eram pagas com serviço escravo. No entanto, era uma escravidão diferente da implantada pelos portugueses. Ao adentrarem territórios africanos, os portugueses atenderam exigências de africanos que se dispuseram a negociar. Os africanos recebiam mercadorias de luxo, cavalos, tecidos em troca de seres humanos e assim aos poucos os portugueses foram dominando territórios africanos, impondo suas leis, seus costumes, sua língua e aumentando consideravelmente seus lucros.

Verifica-se que a denúncia contra a opressão, bem como o combate à violência, à exploração, à repressão e à alienação são bandeiras levantadas pelos autores africanos que se utilizaram da palavra para conquistar a liberdade de seu povo. Como se percebe, por meio dos textos literários, os escritores despertaram a atenção do mundo para as questões que envolvem o povo africano.

3.2 Autores e obras de literatura africana de língua portuguesa

Nesta pesquisa, trabalhamos com contos de autores africanos de língua portuguesa, entre eles, destacamos: Mia Couto, Ondjaki, Leão Lopes, Maria Helena Spencer. Vejamos agora alguns dados biográficos dos autores citados e também de outros importantes escritores africanos.

Mia Couto – é o pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto, nasceu na cidade da Beira, em Moçambique, África, no dia 5 de julho de 1955. Filho de Fernando Couto, emigrante português, jornalista e poeta que pertencia aos círculos intelectuais de sua cidade. Com 14 anos, Mia Couto publicou seus primeiros poemas no jornal *Notícias da Beira*. Em 1971, deixou a cidade da Beira e foi para a capital Lourenço Marques, hoje Maputo, para ingressar no curso de Medicina, porém não o concluiu.

A partir de 1974 passou a trabalhar como jornalista na *Tribuna* e no *Jornal de Notícias*. Em 1976 com a independência de Moçambique, tornou-se repórter e diretor da Agência de Informação do país. Foi jornalista da revista semanal *Tempo*, entre 1979 e 1981. Em 1983, publicou seu primeiro livro de poesias *Raízes de orvalho*. Em 1985 abandonou a carreira de jornalista e ingressou no curso de Biologia, na Universidade Eduardo Mondlane, com especialidade em Ecologia.

Em 1992 Mia Couto publicou *Terra sonâmbula*, seu primeiro romance, escrito em prosa poética, no qual compõe uma bela fábula passada no

Moçambique pós-independência, mergulhado na devastadora guerra civil que se estendeu por dez anos. Em 1995, a obra ganhou o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos. O livro foi considerado, por um júri especial da Feira do Livro do Zimbabwe, um dos melhores livros africanos do século XX. Veja agora conforme Brincher (2010, p. 01), “terra Sonâmbula tem como pano de fundo o período de guerra civil pós-independência em Moçambique, mesclando realismo visceral a elementos fantásticos de forma absolutamente orgânica”. Como personagem principal um velho e um menino perambulam por uma estrada procurando um meio de sobreviver diante de tanta destruição.

Ondjaki – O poeta e escritor africano Ndalu de Almeida, popularmente conhecido como Ondjaki, nasceu na cidade de Luanda, metrópole e capital angolana em 1977. Sua trajetória artística passa também pela atuação teatral e pela pintura. Ele aproveita sua estada em Lisboa para cursar teatro amador, optando depois por uma especialização profissional. Dedica-se igualmente a duas mostras individuais de artes plásticas, uma em Angola e a outra no Brasil. Além de tudo, Ondjaki também é cineasta. Autor de roteiros cinematográficos, não deixa passar a oportunidade de codirigir, em 2006, ao lado de Kiluanje Liberdade, um documentário que aborda sua cidade Natal, denominado: Oxalá cresçam pitangas – histórias da Luanda, fruto de uma parceria entre Angola e Portugal. Ondjaki recebeu o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco em 2007 por sua obra *Os da minha rua*. Nesta obra literária, Ondjaki com a escrita muito próximo da oralidade, reconstrói o universo da infância e o correr da vida em Luanda: a escola e os professores cubanos, brincadeiras e descobertas, festas em casa dos amigos e familiares. São 22 pequenas histórias que revelam uma Angola destruída pela guerra, mas ainda existe a esperança de que essa jovem nação aprenda a se reerguer e a conquistar seu espaço no mundo da mesma maneira que uma criança aprender a conviver com os que estão ao seu redor.

Bom dia camaradas é uma obra de grande destaque de acordo com Brincher (2010, p. 01), “expõe a trajetória de Angola depois da independência, ambientado em Luanda na década de 80. Narra um momento que “aconteceu” ao autor e faz parte da formação da sociedade e da utopia”. Nessa obra literária o protagonista vivido por um menino revela para os leitores conversas com os professores cubanos e também o medo da despedida, dos sonhos etc. Observe

agora um trecho retirado das orelhas da obra *Bom dia camaradas*, de Ondjaki (2014),

Todo dia, quando se levanta, o narrador deste livro sente a vida que se revela, os cheiros da casa e os movimentos do abacateiro. Sempre animado, dá o seu cumprimento aos pais e ao camarada Antônio na residência da família. Na escola, as crianças também gritam, em uníssono, o seu bom-dia aos camaradas professores. Os mestres de quem mais gostam são os cubanos, como o camarada professor Angel e sua esposa Maria, que estão em Angola para ajudar na luta pela educação e por um país melhor.[...] Este romance sensível do premiado escritor angolano Ondjaki retrata pelos olhos de um menino a vida cotidiana de Luanda no fim dos anos 1980 (ainda durante a guerra civil), naquilo que a realidade de Angola tem de mais verdadeiro: a solidariedade, o sonho, a simplicidade e o lirismo.

A partir de leituras e pesquisa por nós realizada percebemos que a ótica literária que representa a literatura africana de língua portuguesa apresenta a temática social por meio da exposição de conflitos raciais e também a exploração promovida pelos europeus em detrimento do sofrimento do povo africano, uma visão pessimista da sociedade que conforme Silva (2011, p. 04) “ instiga à revolta contra as distorções sociais apontadas na trama de suas efabulações. [...] com a prosa ficcional de Luandino Vieira a literatura angolana atinge seu ponto máximo de expressão artística”, pois o escritor apresenta ao público um texto literário inovador ele passa então a participar ativamente da vida política de seu país. Cabo Verde também possui uma literatura variada segundo Silva (2011, p. 13),

a cultura popular – em geral, representada pela tradição lírica advinda das *mornas*, cantigas populares próprias da região –, a questão da diáspora africana, os conflitos sociais e o tradicional embate racial entre brancos e negros não estão ausentes. Tudo isso pode tanto ser percebido na poesia de um Aguinaldo Fonseca, um Arménio Vieira, um Corsino Fortes, quanto na prosa engajada de um Manuel Ferreira.

Ao estudar as manifestações literárias africanas pressupõe-se uma ampla reflexão mesmo que em constante transformação sobre a questão do nacionalismo e da identidade (SILVA, 2011, p. 15), “um percurso ideológico de muitas faces, mas no qual se afirmam pelo menos duas ideias recorrentes: o imperativo moral e o imperativo estético”. Os dramas na vida dos africanos são temas comuns em suas produções literárias, percebe-se ali ideias recorrentes em defesa da liberdade e de

valores sociais que aponta para uma tomada de decisão, conforme Silva (2011, p. 15),

[...] a literatura se volta, entre outras coisas, para a defesa de valores sociais da humanidade, associando-se, assim, à prática libertária, seja ela relacionada ao autor, ao leitor ou à sociedade como um todo. Nesse sentido, a literatura – e esta é uma correlação bastante apropriada à literatura africana lusófona – traduz-se numa tomada de posição daqueles que com ela estejam diretamente envolvidos.

Conforme as orelhas do livro *Uma escuridão bonita*, percebemos que Ondjaki é um escritor africano premiadíssimo e que possui romances, contos, poesia e livros infantis traduzidos para o francês, espanhol, o italiano, o inglês, o sérvio, o polonês e o sueco. Neste romance o palco sagrado das conversas eram dois: na varanda ou no quintal. Testemunhas: os mosquitos e os morcegos. Banda sonora: alguma televisão com som alto a dar bonecos ou telenovela. Se não houvesse Luz? Uma escuridão bonita é, talvez, a simples estória de um beijo. Esses são fragmentos de textos retirados das orelhas do livro *Uma escuridão bonita*. É importante destacar que entre as obras que foram doadas aos estudantes havia exemplares desse livro e foi o livro que mais despertou curiosidade nos estudantes, talvez por seu colorido, pela forma como a história é contada. Um livro todo preto com ilustrações dentro brancas, as páginas pretas, as letras brancas e uma história que deixou os estudantes encabulados pois diziam não ter compreendido o enredo e não conseguiam contar a trama com suas próprias palavras. Leitura rápida e que deixa ao leitor o dever de deduzir, inferir para poder compreender a obra.

No livro *Avó dezanove e o segredo do soviético*, Ondjaki conta a história de um bairro simples de Luanda capital de Angola, a Praia do Bispo que passa por um período de agitação incomum por causa da construção do mausoléu que vai abrigar o corpo do ex-presidente Agostinho Neto. São os soldados soviéticos que comandam a construção e a população do bairro aguarda as consequências dessa obra em suas vidas. A história tem como protagonista e narrador um menino que vive na Praia do Bispo, nesse livro a fantasia e a infância se cruzam. Temos então, mais um romance brilhante deste que parece ser uma grande promessa como escritor, Ondjaki.

Ondjaki nos surpreende porque escreve livros para adultos, poesia e também livros para as crianças. *Ynari, a menina das cinco tranças*, é sua primeira obra para o público infanto-juvenil onde conta a história da menina que nasceu com cinco tranças que nunca se desfazem e ela não sabe porquê. A obra é muito bem ilustrada e colorida e a trama foi muito bem construída. Na abertura do livro, Ondjaki (2010) deixa algumas palavras, “para escrever uma estória como esta, eu tive que espremer um sonho. Ora, espremer um sonho, como se sabe, não é uma coisa muito fácil de se fazer, [...]” e agradeceu às crianças adultas que o acompanham e todas as vozes deste mundo. Outra obra muito significativa é *A bicicleta que tinha bigodes* (2012), “não há como fugir ao que tem de ser dito: escrevemos em busca da voz que mais nos fala por dentro, ajustando a vida (a escrita?) às “falas do lugar”. Escrevendo para lembrar o que ainda não tinha sido contado...”.

O coelho saltitão (2009) pertence a coleção Mama África e foi publicado pela editora Língua Geral no Rio de Janeiro - Brasil, uma história de literatura infanto-juvenil que reconta um conto baseado no relato de David Yava Mwau (estória de um Coelho e de um Leão). Obra muito bem colorida, ilustrada e escrita que envolve o leitor do começo ao fim. *O convidador de pirilampus* (2018), livro que acabou de sair da editora, publicado pela Pallas no Rio de Janeiro, muito ilustrado, colorido e que com certeza vai fazer a cabeça da criançada, conta a história de um menino e um avô que saem a procura de pirilampus.

Outra obra de Ondjaki é *E se amanhã o medo* (2010), publicada pela Língua Geral no Rio de Janeiro, conta um pouco das viagens de Ondjaki pelo mundo, “a presente coleção pretende dar a conhecer aos leitores brasileiros vozes novas, ou ainda pouco conhecidas, [...]. não se entende Brasil sem a África ou Portugal, da mesma não se entende Angola ou Cabo Verde sem a participação do Brasil” Ondjaki (2010, p. 07). Esses são relatos de textos literários utilizados em nossa pesquisa de autoria africana de língua portuguesa. Por meio de pesquisas na internet descobrimos as obras de Ondjaki e aos poucos fomos selecionando os textos que seriam utilizados pelos estudantes para a produção de um vídeo sobre a obra. Não podemos deixar de comentar o texto literário presente no livro *O voo do golfinho* (2012) lançado pela editora Companhia das Letrinhas, a obra é muito bem ilustrada, colorida e atraente, a história nos convida a mudar de vida, ousar e talvez dar um salto a mais. Indicada para a infância, mas pode muito bem ser utilizada por

adolescente ou até adultos. Leitura rápida, rica em metáforas, um golfinho deseja ser pássaro, esse é o início da trama. No livro *Ombela: a origem das chuvas* (2015) Ondjaki reconta o mito da origem das chuvas, em umbundu Ombela significa chuva. O pai da Deusa Ombela lhe ensina chorar e fala que suas lágrimas eram salgadas ou doces. Uma bela história para explicar a origem da chuva. Obras compostas por belas ilustrações e muito colorido Ondjaki sempre nos surpreende com sua dose de boa literatura e com a apresentação de seus textos aos leitores.

Maria Helena Spencer – Nasceu em 3 de abril de 1911, na cidade da Praia, com o nome de Maria Helena Salazar d'Eça Spencer Santos. O seu espólio escrito encontra-se quase todo, se não todo, publicado no Antigo Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação, periódico mensal publicado pela Imprensa Nacional, na Praia de 1949 a 1964. É nesta revista que ela se torna conhecida como jornalista, repórter e cronista de colaboração certa. Também nela publicou os contos, mais de duas dezenas. Suas narrativas espelham os temas mais glosados pela autora: a) a emigração, como não solução para problema algum do cabo-verdiano, a emigração entendida na escrita de MHS, como uma ilusão, uma miragem enganadora, que as mais das vezes apenas destrói laços afetivos e familiares, b) a diferenciação social como resultado de uma educação e de uma literacia diferenciadas, ainda que entre irmãos consanguíneos, c) a fome como um flagelo que quase ciclicamente assolava as ilhas em tempos idos e de má memória porque portadora de desgraças, de dramas familiares, da morte, da derrocada física e moral para os que a padeceram.

Leão Lopes – (Ribeira, Santo Antão, Cabo Verde, 1948), é um realizador de cinema, escritor, artista plástico e professor cabo-verdiano. Como cineasta, destacou-se pela realização do primeiro longa-metragem de ficção cabo-verdiana, *O ilhéu de contenda* (1996) baseado no romance homônimo de Teixeira de Souza. É também autor de vários documentários, entre os quais se destacam *Bitú* (2009) e *São Tomé – os últimos contratados* (2010). Em 1979, fundou, em Mindelo, a ONG AtelierMar, dedicada à formação e capacitação cultural, bem como ao desenvolvimento local, sendo presidente da instituição até os dias atuais.

Manuel António dos Santos Lopes nasceu na Ilha de S. Vicente em 23 de dezembro de 1907 e faleceu em Lisboa (25-01-2005). Poeta, contista, romancista e ensaísta e, nos últimos anos, também pintor. Foi o fundador, com Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa, da revista *Clareza*, integrando por isso a galeria dos fundadores da moderna literatura cabo-verdiana. Os seus romances *Chuva braba* e *Os flagelados do vento leste* são ainda hoje exemplos da definição dos contornos dessa ficção nascida nos anos 40 com a publicação de *Chiquinho*, do seu colega Baltasar Lopes da Silva. Manuel Lopes Estudou no colégio de S. Pedro e na Escola Comercial em Coimbra. Regressou a Cabo Verde e empregou-se como telegrafista, primeiro na Italcable e, com o fecho desta companhia devido à II Guerra Mundial, passou a tesoureiro da Câmara Municipal de S. Vicente, depois empregou-se de novo como telegrafista na Western Telegraph, primeiro na ilha de S. Vicente, depois (1944) na cidade da Horta, ilha do Faial nos Açores, e por último em 1956, foi transferido para os escritórios de Carcavelos, Cascais, Portugal, onde se aposentou e passou a viver. *Os flagelados do vento leste* uma de suas obras mais conhecidas, segundo Brincher (2010, p. 01), “considerado um romance neo-realista, nele o fenômeno da seca cabo-verdiana é ao mesmo tempo paisagem e personagem. José da Cruz é um homem a quem as forças e as esperanças se esvaem, [...]”.

Pepetela - Um dos maiores nomes da literatura angolana, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela, nasceu no dia 29 de outubro de 1941 em Angola, na região litorânea de Benguela. Sua família tinha raízes fincadas entre os colonos deste país da África, porém seus pais já eram angolanos de nascimento. Pepetela realiza seus primeiros estudos, o Primário e parte do Secundário, em sua terra natal, onde permaneceu até 1956. Logo depois partiu para Lubango, pois só aí teve a possibilidade de completar seus estudos, no Liceu Diogo Cão, seguindo posteriormente para Lisboa, com o objetivo de cursar o Instituto Superior Técnico.

Na capital portuguesa ele também integrou a Casa dos Estudantes do Império, principiando desta forma sua trajetória política e literária. Entre outras atividades, ele se torna um dos criadores do Centro de Estudos Angolanos, o qual integra enquanto representante do MPLA. Em 1960 o futuro escritor entrou na Faculdade de Engenharia, mas logo em seguida optou por Letras, para depois de

um ano decidir-se pela carreira política, ingressando, em 1963, no MPLA – Movimento Popular para a Libertação de Angola. Esta escolha subverteria completamente seu futuro, pois as experiências conquistadas no testemunho direto da história angolana inspirariam sua obra e sua própria trajetória existencial.

Durante algum tempo Pepetela é obrigado a buscar abrigo na França e na Argélia. Mas após a tão desejada libertação de Angola, o romancista retorna, em 1975, para seu país, assumindo o cargo de Vice-Ministro da Educação, sob a liderança do Presidente Agostinho Neto. Ele acaba se licenciando em Sociologia na Universidade de Argel, o que lhe permite, após a deserção do caminho político, optar pela docência na Faculdade de Arquitetura de Luanda. A partir de então ele passa a ministrar aulas e, ao mesmo tempo, a desenvolver sua carreira literária, a qual somente ganha impulso depois da Independência.

Boa parte de sua obra só foi lançada depois de seu retorno do exílio. Entre seus livros mais importantes estão *Muana puó* (1978), *As aventuras de Ngunga* (1979), *Mayombe* (1980), *A geração da utopia* (1992), *Parábola do cágado velho* (1996), *A gloriosa família* (1997). O conteúdo deles gira especialmente em torno da história de seu país, tanto a mais distante, quanto a recente trajetória social e política.

Pepetela atinge o auge de sua carreira literária em 1997, quando conquista o Prêmio Camões, um dos mais renomados e desejados pelos escritores que professam a língua portuguesa, pela totalidade de sua produção. Antes disso, porém, já recebera o Prêmio Nacional de Literatura de Angola pela obra *Mayombe*. Este reconhecimento o consagra como um nome significativo da literatura contemporânea do idioma português. O autor africano permanece até hoje em Lisboa. Em seu currículo constam também lideranças importantes na esfera cultural, principalmente na União dos Escritores Angolanos e na Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. Observe agora um pouco sobre a obra *Yaka* (1984), conforme Brincher (2010, p. 01). “Uma estátua, Yaka, pura ficção, surge como motivo condutor deste romance em que, no final do século passado, uma família de colonos se estabelece em Benguela, [...] Recorrendo à memória familiar, Pepetela traça os vários momentos da saga desses colonos, [...]”. a estátua envolta por segredos e mitos simboliza a migração de povos africanos caçadores.

José Eduardo Agualusa - Agualusa é um dos mais importantes escritores em língua portuguesa da atualidade. Nascido em Angola, mudou-se ainda jovem para Portugal, para estudar agronomia e silvicultura. Acabou alterando a sua carreira para o jornalismo, passando a colaborar para vários jornais, entre eles o *Público*. Sua obra foi traduzida para mais de 25 idiomas, e em 2016 foi um dos finalistas do Prêmio Man Booker, pelo romance *Teoria geral do esquecimento*.

É autor de romances, contos, novelas, livros infantis e peças de teatro. Sua estreia ocorreu, em 1988, com *A conjura*, romance que lhe valeu o Prêmio Sonangol Revelação de Literatura de Angola. Seus livros percorrem muitas realidades, mas estão mais centrados em personagens do que em lugares. Alguns deles são baseados em figuras reais como a poetisa Lídia do Carmo Ferreira (*Estação das chuvas*) e a rainha Ana de Sousa (*A rainha Ginga*).

Também publicou *Nação crioula*, vencedor do Grande Prêmio de Literatura RTP, *Fronteiras perdidas*, *Barroco tropical*, e *O vendedor de passados*, que ganhou o Prêmio Independente de Ficção Estrangeira do jornal *The Independent*. Em 2017, venceu o Dublin Literary e, com o prêmio em dinheiro recebido, pretende instalar uma biblioteca pessoal na Ilha de Moçambique, aberta aos habitantes do local.

José Eduardo Agualusa acredita que os livros são um território de pensamento e a literatura é um exercício permanente de colocar-se na pele do outro. Seu romance mais recente é *A sociedade dos sonhadores involuntários*, lançado em 2017 e que é uma fábula política, satírica e divertida, que desafia e questiona a natureza da realidade. Um de seus livros mais conhecidos é *O vendedor de passados* (2004). Para Brincher (2010, p. 01), "é uma narrativa densa sem ser fatigante, com humor e amor na dose certa, satirizando com comedimento a construção da História e dos "heróis" daquele país, (Angola) tudo visto através do olhar de uma osga (lagartixa), o narrador do romance. [...]". O personagem principal vivido por Felix Ventura escolhe o ofício de vender passados falsos. E assim passa a vender passados para a burguesia angolana. Pode-se considerar uma sátira à atual sociedade angolana. *O vendedor de passados*, de Agualusa obra máxima do premiado escritor africano possibilita uma infinidade de reflexões, em que realidade e ficção, mentira e verdade, essência e aparência confundem-se (SILVA, 2011).

3.3 A comunidade africana em Mato Grosso

Por sua vez, o negro chegou a Mato Grosso para trabalhar e aqueles que eram especializados em algum tipo de trabalho permaneciam na capitania de Mato Grosso e recebiam tratamento diferenciado. Para Santos (2009, p. 39), “a presença dos povos africanos foi determinante e da sua mão-de-obra ergueram-se aldeias, arraiais, fortes e vilas”. Quando aqui chegaram, os afrodescendentes também trabalhavam nas atividades da fábrica de pólvora do Coxipó, onde exerciam as mais variadas profissões, carpinteiro, ferreiro, serrador, oleiro, malhador, servente, barbeiro, doméstico e vigia de bois.

Os escravos eram essenciais para o funcionamento da cidade, visto que desempenhavam diversas funções, no entanto, eram vigiados permanentemente, já que ocorriam rebeliões e, a fim de tentar coibir tais ações organizadas, os senhores recorriam ao poder público para castigar os escravos que deixassem de cumprir com suas obrigações. Os primeiros grupos de escravizados que chegaram a Mato Grosso, por volta do ano de 1861, não só serviram de mão de obra nas mais diversas frentes de trabalho, como também participaram da Guerra do Paraguai, em que, armados pelos seus senhores, partiram para frente de batalha com o objetivo de defender os interesses do império.

É importante destacar que os negros, após a diáspora negra, se organizaram, formando assim povoados onde eles espalhavam a sua cultura, suas ideias e seus símbolos pelo novo mundo. Desse modo, foram surgindo os quilombos que se tornaram uma marca registrada da luta dos negros contra a escravidão. Um exemplo disso é o citado por Santos (2009, p. 43):

Em Mato Grosso, desde os primórdios da colonização têm-se notícias de organização quilombola. Dentre outras, pode-se citar o quilombo do Quariterê ou do Piolho, localizado nos arredores de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso. Esse quilombo, além de servir de refúgio de negros escravizados, também acolhia ameríndios de várias nações, como, por exemplo, os cabixis. Entre as várias especificidades desse espaço de diversidade cultural e étnica, destaca-se a liderança de Tereza de Benguela, a rainha Tereza, como era conhecida pelos aquilombados. Mulher forte e destemida enfrentou seus algozes com tenacidade para ver seu povo livre do jugo da escravidão.

Além dos quilombos, outra herança bastante evidente deixada pelos negros é a população negra que atinge o percentual de 53,6%, sendo maior que a média nacional.

3.4 O racismo e o preconceito no livro didático

Após intensa investigação na coleção de livro didático utilizado tanto na rede municipal de ensino quanto na rede estadual em Matupá constatamos que nos livros de português do ensino fundamental do 3º ciclo dos autores William Cereja e Thereza Cochar intitulados *Português linguagens* adquirido no último PNLD (programa nacional do livro didático) no município surgem timidamente reportagens sobre preconceito e racismo apenas nos livros do 8º ano e 9º ano. Nos livros do 6º ano e 7º ano não há menção da cultura africana ou de qualquer outro assunto voltado para a temática africana exigida pela lei 10.639/2003. Observamos que os autores selecionaram uma notícia que aborda o tema em questão, não optaram por textos literários africanos de língua portuguesa que a nosso ver contemplariam exitosamente a lei que exige das instituições de ensino práticas pedagógicas sobre cultura africana e afro-brasileira. Parece-nos que o preconceito e a discriminação estão talvez mantidos em silêncio, mesmo que a problemática seja vivenciada todos os dias nas escolas e na sociedade, negar que ela existe para alguns ainda parece ser o melhor caminho. Conforme Padilha (2010, p. 8), “Tanto na África, como em sua diáspora brasileira, o movimento foi o mesmo, ou seja, de supressão e, não de inclusão da diferença, como postula, por exemplo, a tese luso-tropicalista defendida por Gilberto Freire (1961)”. Entendemos que a pesquisadora Padilha corrobora com nossa reflexão sobre a presença da literatura africana no livro didático, pois observa-se a supressão desta importante cultura do material pedagógico que vai estar em contato diariamente com o estudante. Cultura essa que forma o povo brasileiro e da qual seus descendentes quase não tem contato. A partir da promulgação da lei 10.639/03 as editoras iniciam uma intensa produção de material literário para atender a demanda da legislação. No entanto, o livro didático parece estar a parte de toda essa movimentação nos meios literário, segundo Padilha (2010, p. 13) “a neocolonialidade insiste em não ceder espaço”. As imagens a seguir deixam clara a intenção das autoridades, do colonizador, do homem branco muitas vezes dominador em relação ao negro. Seguem abaixo imagens de textos disponíveis nos respectivos livros didáticos.

CAPÍTULO

2

PRECONCEITO INVISÍVEL?

"No Brasil não há preconceito", é o que ouvimos desde crianças. Será que não existe mesmo ou há preconceito disfarçado? Para quem sofre preconceito, qual dos dois é pior: o assumido ou o disfarçado?

TEXTO 1

Daniel Alves: É hipocrisia negar racismo e criticar #somostodosmacacos

Após ser alvo de atitude racista na partida de futebol entre o Barcelona e o Villarreal, no último domingo (27), o lateral da equipe catalã e da seleção brasileira Daniel Alves disse, em entrevista exclusiva à BBC Brasil, que é hipocrisia criticar a campanha #somostodosmacacos, iniciada nas redes sociais pelo atacante Neymar em defesa do colega de equipe.

Rapidamente, esportistas, jornalistas, apresentadores de TV, artistas famosos e pessoas desconhecidas de todo o mundo aderiram à campanha, publicando e compartilhando fotos com bananas em solidariedade ao jogador. O Futebol Clube Barcelona declarou que "Alves uniu o mundo do esporte contra o racismo".

Por outro lado, também choveram declarações de representantes de movimentos antirracistas e pessoas anônimas criticando a iniciativa. Para eles, dizer que "somos todos macacos" seria uma maneira de reforçar um estereótipo contra o qual os movimentos antirracistas travam uma batalha constante.

"É hipocrisia criticar uma campanha contra o racismo. Os críticos estão se apegando ao contexto (o episódio da banana), e não ao objetivo, que é conscientizar as pessoas de que somos todos humanos e somos todos iguais", disse Daniel Alves.

[...].

Reação em campo

Durante a partida de domingo, Alves bateria um escanteio quando um torcedor do Villarreal atirou uma banana ao campo do estádio El Madrigal. De maneira inusitada, o brasileiro comeu a fruta e continuou a jogada.

Daniel Alves comeu a banana jogada por um torcedor do Villarreal durante partida no domingo.

"Foi tão natural e intuitivo, que só depois pensei na preocupação dos meus pais, porque eu nem pensei se tinha alguma coisa na banana", explicou.



© Friso Gentsch/dpa/Corbis/Latinstock

Figura 2 – Livro *Português e Linguagens* (8º ano)

Após a partida, o colega de time e de seleção Neymar ironizou o episódio publicando uma foto dele com o filho e uma banana, que imediatamente mobilizou as redes sociais.

As manifestações de apoio surpreenderam Alves. "Não esperava que as pessoas se envolvessem tanto com esse assunto. Em outras ocasiões em que havia denunciado o racismo, isso não aconteceu. Estava até pessimista com esse aspecto", comentou ele, que se disse alegre porque o racismo no futebol está em pleno debate.

Espanha racista?

Nesta terça-feira (29), as declarações que o jogador fez à imprensa brasileira de que há racismo na Espanha foram contestadas pelo técnico da seleção espanhola, Vicente del Bosque, e pelo presidente do Villarreal, Fernando Ruig.

Em diferentes coletivas de imprensa sobre outros assuntos, eles responderam a Alves afirmando que não há racismo na Espanha e que se tratava de casos isolados.

"Eu não quis generalizar. Não quis dizer que a Espanha seja racista. Mas sim que há racismo na Espanha, porque eu sofro isso em campos (de futebol) diferentes. Não foi um caso isolado", replicou Alves.

Ele disse que há quase seis anos tem denunciado casos de racismo no futebol. "Não sou vítima, nem estou abatido. Isso só me fortalece e vou continuar denunciando atitudes racistas", avisou.

[...]

(Liana Aguiar. De Barcelona para a BBC Brasil, 30/4/2014. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140430_entrevista_daniel_alves_la_an.shtml. Acesso em: 16/6/2014.)

TEXTO 2

Um casal inter-racial ainda passa por constrangimentos em 2014?

Sim. Inacreditavelmente. E o melhor exemplo é estar aqui falando sobre isso, não é? Eu e o Julio estamos juntos há 20 anos. No início do namoro, entrar em um bar ou em um restaurante de mãos dadas era um acontecimento. Mas nós moramos quase cinco anos em Paris e de lá trazemos uma outra visão, muito mais misturada. E a certeza de que nós ainda temos, aqui, um longo caminho até a igualdade.

Há, claro, uma questão de classe que, no Brasil, está muito ligada à cor da pele. Preto é pobre. Ainda espanta as pessoas do nosso círculo cruzarem com o Julio nos mesmos locais, consumindo as mesmas coisas, falando de igual para igual.

Mas o principal aprendizado dessa história de amor "inter-racial" sobra para mim, o lado branco. Porque antes o racismo era invisível e eu, como a grande maioria da população brasileira, negava sua existência. A gente aprende que a pousada na praia tem quarto vago se sou eu quem pergunta; se ele vai na frente, está lotada. Que o restaurante da moda está cheio de mesas "reservadas" quando o Julio pergunta,



Alamy/Glow Images

Figura 3 – Livro *Português e Linguagens* (8º ano)

mas que o gerente “quebra o galho” quando me vê chegar. Que o corretor de imóveis não acredita que queiramos ver o apartamento caro em um bairro bom de São Paulo, mas muda de ideia quando finalmente conhece a esposa loira do interessado. Que a primeira pergunta que me fazem sobre o Julio, sempre, é se é músico ou jogador. Fora a piadinha recorrente: se você é casada com um negro, é porque “gosta de negão”. Nunca ouvi alguém fazer um comentário parecido se o marido é loiro. Também aprendemos que, em São Paulo, se eu saio sozinha à noite, o Julio fica preocupado com assaltos. Mas, se é ele que sai sozinho dirigindo nosso carro, eu fico preocupada com a polícia — preto dirigindo carro bom, se não é famoso, deve ser ladrão.

Izabela Moi, 43 anos, jornalista, casada com Julio Pinheiro, 42, digital expert de uma multinacional
(Revista *Trip*, nº 231.)

Estudo dos textos

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

1. O texto 1 é uma reportagem produzida pela rede inglesa BBC sobre um episódio ocorrido com o jogador brasileiro Daniel Alves em um jogo de um campeonato europeu de futebol. Qual é esse episódio?
2. Segundo o texto, qual foi o aspecto positivo da repercussão desse episódio?
3. O que representantes de movimentos antirracistas consideram como aspecto negativo da campanha #somostodosmacacos?
4. Que opinião Daniel Alves tem sobre as diferentes reações à campanha?
5. O texto 1 mostra opiniões diferentes a respeito da existência de racismo na Espanha.
 - a) Qual é a opinião do técnico da seleção da Espanha, Vicente del Bosque, e do presidente do Villarreal, Fernando Ruig, sobre a existência de racismo no país?
 - b) Daniel Alves concorda com a opinião de Vicente del Bosque e de Fernando Ruig?
6. No texto 1, é feita alguma referência a racismo no Brasil?
7. No texto 2, há um depoimento da jornalista Izabela Moi sobre racismo no Brasil.
 - a) Além de falar sobre racismo no Brasil, Izabela contrapõe sua experiência no país com a que teve no exterior. Que observação ela faz com base na comparação entre as duas situações?
 - b) Segundo Izabela, há no Brasil um fator social que impulsiona o racismo. Qual é ele?
 - c) Que opinião sobre racismo no Brasil a jornalista tinha antes de se relacionar com um negro?



Marcelo Theobald/Extra/Agência O Globo

Figura 4 – Livro *Português e Linguagens* (8º ano)

AGORA É A SUA VEZ ►

Você acha que, no Brasil, existe preconceito racial? Se sim, acha que ele é assumido ou enrustido? Leia, a seguir, o painel de textos sobre o assunto para colher informações. Depois escreva um texto dissertativo-argumentativo a partir do seguinte tema: **Brasil: um país sem preconceito?**

Daniel Alves participou de dois gols do Barcelona na vitória sobre o Villarreal por 3 a 2 neste domingo. No entanto, o que mais chamou a atenção na atuação do brasileiro foi a maneira com que o lateral-direito lidou com uma manifestação racista. Aos 35 minutos do segundo tempo, torcedores jogaram uma banana dentro de campo quando o jogador ia cobrar um escanteio. Sem se abalar, Daniel pegou a fruta e comeu, como forma de protesto. [...]

[...]

Dani Alves recebeu diversas mensagens de apoio, incluindo uma publicação de Neymar dando força ao amigo de clube e de seleção brasileira.

[...]

(Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/04/dani-alves-desabafa-apos-ironizar-racismo-temos-que-rir-desses-retardados.html>. Acesso em: 17/6/2014.)

Somos todos racistas. E a banana do Daniel Alves não muda isso

A campanha publicitária antirracista iniciada por Daniel Alves e Neymar tem lá seus méritos por disseminar uma discussão sobre o assunto. Mas será que ela ataca o ponto principal? Será que vai servir para ao menos reduzir a discriminação no futebol?

[...]

Obviamente que não. A estrutura do futebol é racista. E ela é racista porque nós, homens, que a construímos, somos racistas. [...]

Olhe por exemplo para o presidente da Fifa, Joseph Blatter. Branco e suíço. Seus antecessores sempre foram brancos das elites de seus países [...]. Negros só ocuparam posições laterais no poder. [...]

Observe agora a América do Sul, a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol). A foto de seu núcleo de poder só mostra brancos no centro. [...].

Chegamos ao Brasil, à CBF. Todos os presidentes da confederação até hoje foram brancos. [...]

Agora, pegue uma foto do presidente do seu clube. Se olharmos para as imagens dos presidentes dos 12 grandes times nacionais, no máximo, você verá o moreno Roberto Dinamite. [...]

[...]

Vamos aos bancos de reservas. Nos grandes times nacionais, há dois técnicos negros [...].

[...]

E não há negros no futebol? Ora, o futebol brasileiro foi formado em cima da capacidade técnica de jogadores mulatos, pretos, índios, mestiços em geral. [...] E nenhum deles teve

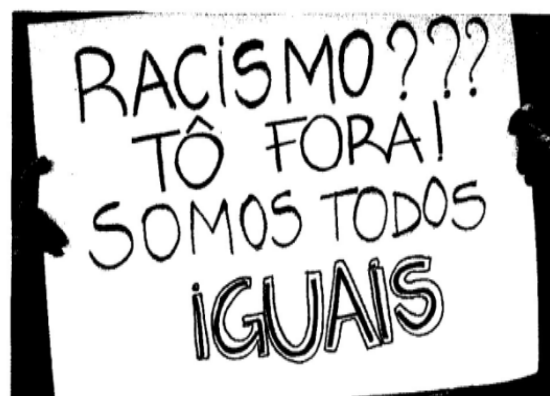


Figura 5 – Livro Português e Linguagens (9º ano)

capacidade de ascender a cargos importantes após o final de sua carreira? Ou o caminho estava barrado por uma estrutura arcaica e racista?

Qual o quadro então que vê um torcedor destes desprovidos de inteligência, com banana na mão? Um futebol dirigido e dominado por brancos no qual os negros e mestiços podem atuar como bem-pagos artistas de espetáculos. Na visão distorcida dele, aquele ali é um macaco de exibição com quem ele pode fazer o que quiser, até tacar bananas.

[...]

Quando linchamos o racista no estádio, tentamos esconder o que também está em nós, ainda que escondido. Porque fomos nós que construímos essa estrutura discriminatória do futebol mundial, como reflexo do que fazemos na sociedade inteira. E, por mais que nos esforcemos por mudanças, continuaremos a ser racistas por longo tempo, de barrigas cheias de bananas ou não.

(Disponível em: <http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2014/04/29/somos-todos-racistas-e-a-banana-do-daniel-alves-nao-muda-isso/>. Acesso em: 18/6/2014.)

WMO

NAO EXISTE NADA MAIS
PERIGOSO
NO BRASIL DO QUE SER UM
JOVEM NEGRO
DOS 52.198 MORTOS POR
HOMICIDIO EM 2011 O PAIS
TEM A MAIOR TAXA DE MORTES DE JOVENS
71,5% ERAM NEGROS
93% ERAM HOMENS

A COR DA PELE
E O PRINCIPAL MOTIVO DE
SUSPEIÇÃO POLICIAL
65% DOS
POLICIAIS
ENTREVISTADOS ADMITIRAM QUE
PRETOS E PARDOS
SÃO PRIORIZADOS NAS INTERVENÇÕES

PARA **55,8%**
DA POPULAÇÃO
A MORTE DE UM JOVEM NEGRO
CHOCA MENOS
DO QUE A MORTE DE UM JOVEM BRANCO

(Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/231/especial/ser-um-jovem-negro.html>. Acesso em: 18/6/2014.)

Adolescentes contra o racismo – Depoimento de Gabrielle dos Santos Oliveira

Bom dia a todos! Sou Gabrielle, tenho 15 anos, venho do município de Valente, faço parte do Comitê Estadual da Bahia e sou membro da equipe Pró Selo do meu município, juntamente com outros adolescentes, participando de discussões e buscando ações de melhorias para qualidade de vida de nossas crianças e adolescentes.

O que eu acho do racismo: Eu sou negra e já fui vítima desse preconceito. Sei como isso afeta psicologicamente as pessoas, fazendo com que elas se sintam inferiores a outras pessoas, o que não é certo e nem é verdade.



Be free three (2010), de Kaaria Mucherera.

Figura 6 – Livro *Português e Linguagens* (9º ano)

Uma das coisas que o País pode fazer para acabar com o racismo, por exemplo, é iniciar uma mudança na educação — porque ela é a base de tudo —, buscando valorizar a história do povo africano que foi um povo que influenciou muito em nossa cultura, pois na escola nós só aprendemos, na maioria das vezes, que os negros vieram ao Brasil como escravos. Não nos falam que de lá vieram muitas rainhas e que aqui elas foram transformadas em escravas.

Portanto, a mensagem que deixo a vocês aqui hoje é: Não se pode julgar uma pessoa pela cor da sua pele, afinal o que realmente importa é o que cada um traz dentro de si.

(Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/multimedia_19597.htm. Acesso em: 18/6/2014.)

Quando nasci em São Paulo, tinha tudo para que minha vida desse errado. Sou albino. Isso já acarreta uma série de problemas, como não poder tomar sol ou ter visão prejudicada. Tenho 10% de visão no olho direito e 15% no esquerdo. Além dessas inconveniências físicas, havia também os problemas econômicos. Minha mãe era empregada doméstica, e meu pai, feirante. Tínhamos poucos recursos. Quando nasci, eles ficaram assustados. Já tinham perdido um filho com albinismo, com sérios problemas cardíacos.

Passado o susto, minha família sempre me aceitou e deu apoio. Fora de casa, era diferente. As pessoas me apontavam na rua, debochavam. Fui chamado de vovô, rato branco, até mesmo de marciano — e olha que nem sou verde. Nunca quis me esconder em casa. Desenvolvi uma série de estratégias. À medida que as pessoas me zoavam, fui percebendo que elas me colocavam no centro das atenções. Na adolescência, decidi que ocuparia essa posição por conta própria. Fiz teatro amador, estudei inglês e me dediquei aos estudos. Com o incentivo de professores, fiz mestrado e doutorado em dramaturgia americana na USP — e virei professor.

(Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Vida-util/noticia/2013/03/roberto-rillo-biscaro-venici-preconceitos-e-virei-defensor-dos-albinos.html>. Acesso em: 18/6/2014.)



Planejamento do texto

- Anote os melhores argumentos que encontrou nos textos lidos e que possam ser úteis para fundamentar o ponto de vista que você irá desenvolver. Depois anote argumentos próprios que expressem sua opinião sobre o tema.
- Organize o texto em parágrafos. Você pode apresentar a ideia principal (a tese) de seu texto logo no primeiro ou no segundo parágrafo e, nos parágrafos seguintes, expor argumentos que possam fundamentá-la. Reserve um parágrafo para a conclusão.
- Busque uma linguagem objetiva, tendendo à impessoalidade e de acordo com a norma-padrão.
- Tenha em vista o perfil do interlocutor. O texto deverá ser exposto no mural da classe e, portanto, lido por seus colegas.
- Dê ao texto um título que desperte o interesse do leitor.

Figura 7— Livro *Português e Linguagens* (9º ano)

Observamos que nos textos propostos na coleção analisada apenas temáticas como racismo e preconceito são abordados de forma superficial nas reportagens sobre o jogador Daniel Alves da seleção brasileira que comeu uma banana jogada por um torcedor durante uma partida de futebol do Barcelona em 2014. O livro do 8º ano questiona o estudante sobre o preconceito se é assumido ou disfarçado e traz algumas questões de compreensão e interpretação para serem respondidas pelos estudantes após a leitura do texto. Já no livro do 9º ano antes da leitura do texto há um questionamento se o preconceito no Brasil é assumido ou enrustido. E na sequência temos o texto sobre o fato ocorrido com o jogador brasileiro. Há algumas ilustrações que chamam a atenção do estudante para a questão do racismo, violência contra negros e porcentagens de jovens negros mortos. No início da atividade, os autores solicitam ao estudante que após a leitura do texto escreva um texto dissertativo argumentativo intitulado: ***Brasil um país sem preconceito?*** (grifo do autor).

Percebemos por meio das atividades apresentadas nos livros que permanece a cultura do branco em detrimento da africana, as discussões propostas pelo livro praticamente não amenizam questões raciais e preconceituosas. Ressaltamos aqui que a literatura africana ou afro-brasileira vai muito além das questões elencadas pelos autores neste livro didático. Poderíamos, por exemplo, disponibilizar aos estudantes contos, poemas de autores africanos de língua portuguesa e por meio de atividades significativas que despertam o estudante para a problemática eventualmente abordada. É preciso emocionar para talvez sensibilizar. Destacamos que o preconceito e o racismo são questões que a nosso ver não se resolvem com material didático que por ventura não atinja o emocional do estudante.

3.5 Conteúdos e desafios à luz da lei 10.639/03

O pesquisador Verrangia (2010, p. 4) assegura que a;

[...] história e cultura de sujeitos específicos, isto é, do povo que forma a sociedade brasileira, que em sua maioria descende de africanos/as que aqui chegaram há mais de 500 anos. Lidamos aqui com a história e cultura dos/as alunos/as, negros/as e não negros/as, que vivem na e/ou em contato com uma cultura marcadamente influenciada pela matriz africana, mas que, muitas vezes não se dão conta dessa marca ou marginalizam-na por falta

de conhecimentos adequados. [...] Assim, a cultura Africana e Afro-Brasileira, presente no cotidiano do Brasil, se expressa e é mantida/transformada nas manifestações histórico-culturais diretamente vinculadas a visões de mundo de raiz africana, também chamadas de africanidades. Essas visões de mundo estão enraizadas em jeitos de ser, viver, pensar e de construir existências próprias do mundo africano, lembrando que o mundo africano inclui a diáspora, considerada a sexta região desse imenso e rico continente.

De acordo com o autor citado, a raiz africana constitui o modo de ser e pensar deste povo que compõe a sociedade brasileira e para dialogar com o conhecimento, com a cultura, com a literatura africana temos também o parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CP 003/2004 que vem para atender a demanda da população afrodescendente e orientar as instituições de ensino quanto à valorização da história e cultura afro-brasileira e dos africanos. Cabe ao Estado garantir através da educação o desenvolvimento de todos os cidadãos, por isso políticas de reparação voltadas para a educação dos negros se fazem necessárias bem como garantir o ingresso, a permanência da população e sucesso na educação escolar. Segundo o parecer citado anteriormente e o censo do IBGE, 45% da população brasileira é composta por negros, no entanto, ainda há em nosso país a valorização das raízes europeias que privilegiam a brancura, ignorando ou pouco valorizando outras culturas como (a indígena, africana ou asiática).

Combater o racismo, o preconceito, trabalhar pelo fim da desigualdade social e, racial, por qualquer forma de discriminação é função da escola enquanto instituição social responsável por assegurar a todos o direito à educação. Reconhecemos que o processo de se educar ocorre também no ambiente familiar, nos grupos de amigos, culturais, em comunidade, enfim no convívio social, mas a escola é o ambiente privilegiado para o diálogo por proporcionar o encontro das diversidades.

Em Mato Grosso, o parecer do Conselho Estadual de Educação CEE/MT 234/2006 orienta sobre as relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Todos os documentos que se referem às políticas étnico-raciais são frutos de muitas lutas do Movimento Negro que surgiu no Brasil em 1978. No dia 18 de junho de 1978, foi divulgada a carta dos princípios em que o MNU (Movimento Negro Unificado) resolve unir forças para lutar contra a

discriminação racial, péssimas condições de vida, desemprego, perseguição, violência policial, exploração sexual, abandono e maltrato dos menores negros em sua maioria, o mito da democracia racial entre outros. O Movimento Negro é uma organização pioneira na luta do povo negro no Brasil fundado e lançado no dia 18/06/1978 nas escadarias do teatro municipal em São Paulo. Para que os direitos humanos fossem respeitados, foi criada a declaração universal dos direitos humanos que em seu artigo 1º declara: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”. Junto com o movimento negro nasce a lei 10.639/03 que tenta reparar os danos sofridos pelos negros desde a chegada ao Brasil há mais de 500 anos. A referida lei tramitou no congresso brasileiro por mais de 20 anos, sendo aprovada em 1999 e sancionada pelo presidente da república em 2003.

3.6 Conteúdos que podem ser abordados a luz do parecer (CEE/ MT 234/2006)

Segundo Verrangia (2010, p. 6), o parecer da CNE003/2004 ressalta que,

valorizar a cultura africana e afro-brasileira, e as africanidades de nosso povo, envolve dar destaque à oralidade, corporeidade e ancestralidade, presentes no jeito de ser, viver e pensar manifestado no dia-a-dia e em celebrações, como congadas, maracatus, rodas de samba entre outras.

A partir dos apontamentos do pesquisador é importante ressaltar o diálogo com as outras disciplinas das ciências humanas, sendo a interdisciplinaridade um caminho viável para o desenvolvimento da proposta pedagógica a ser implementada pelas escolas, visando ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Em Geografia, deve-se trabalhar a ocupação, a dispersão, políticas de colonização, a presença e luta de afrodescendentes nos espaços urbanos de Mato Grosso e do Brasil. Em Sociologia, pode-se pesquisar e discutir o combate ao racismo, reconhecer o território e direitos dos afrodescendentes numa sociedade socialmente hierarquizada, excludente e racista. Em Filosofia, a ética, a cidadania, o racismo, conflitos étnicos, a diáspora africana, tendo como foco a convivência pacífica das diferentes culturas. Ainda segundo Verrangia (2010, p. 6),

Muitas fábulas, mitos, lendas, e provérbios de matriz africana e afro-brasileira abordam elementos como a origem da vida; os fenômenos naturais; os animais; as plantas; as relações entre formas vivas e não vivas; a saúde; a produção de alimentos; objetos de estudos das Ciências Naturais. Dessa forma, o professor de Ciências pode se valer de tais dimensões da cultura de matriz Africana para introduzir fenômenos/temáticas que serão estudadas, estimulando os/as estudantes a conhecerem mais detidamente perspectivas culturais africanas e afro-brasileiras.

Para o pesquisador citado anteriormente, professores de outras disciplinas podem se valer de fábulas, lendas, mitos para aos poucos introduzirem seus conteúdos relacionados à matriz africana. Em literatura e língua portuguesa e artes, podemos trabalhar a contribuição negra na composição da língua brasileira, apontando palavras de reminiscência africana que utilizamos no nosso cotidiano. Incluir também nas aulas leituras de literatura infantil e juvenil que apresentem personagens negros em posição de destaque.

Trabalhar personagens negros importantes para a literatura e a luta por garantias de direitos do povo negro e sociedade em geral. Trabalhar a mitologia africana, levantar discussões e informações sobre a diversidade entre os diferentes povos de manifestarem as suas crenças. Desenvolver projetos que conduzam às aprendizagens para negros, brancos e indígenas quanto à importância da diversidade para que reedifique o olhar sobre si e sobre os outros. Desautorizar apelidos depreciativos referentes aos fenótipos dos alunos negros. Realizar campanhas educativas com vistas à valorização da diversidade étnico-racial e cultural presentes no estado. Realizar encontros, seminários, fóruns para avaliar ações referentes à implantação da lei 10.639/03 no Estado e também capacitar professores sobre as africanidades.

Em História, o papel dos anciãos e dos contadores como guardiões da memória histórica; a história da ancestralidade e religiosidade africana, aos núbios e aos egípcios como civilização e organização políticas pré-coloniais, como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbábue, ao tráfico e à escravidão do ponto de vista dos escravizados. História do continente africano antes da chegada dos europeus, tráfico, diáspora negra e o Mundo Atlântico, história das populações negras no Brasil que aborda a história (períodos colonial, imperial e republicano) comunidades quilombolas da atualidade, direitos humanos e saúde da população

Negra, expressões culturais negras (danças, músicas, cantos, literatura), religiões de matriz africana, juventude negra e corporeidade (ROCHA & SILVA, 2013, p. 74).

Em Ciências, podemos abordar o impacto das ciências naturais na vida social e o racismo científico; a superação de estereótipos e a valorização da diversidade por meio de conhecimentos de ciências naturais; o continente africano e seus descendentes no desenvolvimento científico mundial; o uso de conhecimentos científicos na mídia e relações étnico-raciais (GENTILE e VERRANGIA, 2005, VERRANGIA, 2008 e 2009b) Verrangia (2010). Ainda no ensino de Ciências, entendemos que as doenças prevalentes na população negra como a somatória de condicionantes sociais e de grande vulnerabilidade (condições de vida) com as características hereditárias de nossos ancestrais (condicionantes genéticos). Anemia falciforme e deficiência de glicose, desnutrição, mortes violentas, mortalidade infantil elevada, DST/AIDS, doenças do trabalho, hipertensão arterial, diabete, doenças essas que podem ser derivadas de condições socioeconômicas desfavoráveis, condições fisiológicas ou socioeconômicas (SILVA, SILVA e LIMA, 2018, p. 389-390).

Em Matemática, podem ser abordados cálculos matemáticos daquela época são hoje ensinados sem fazer nenhuma relação com a origem da Matemática, em física, astronomia, matemática, a mecânica dos egípcios influenciaram cientistas como Nicolau Copérnico (1473-1543), Galileu Galilei (1564-1642), René Descarte (1596-1650) cientistas que serviram de base para que Newton (1725-1807) desenvolvesse a sua teoria. A física como ciência teve sua origem na África com os egípcios (ABREU & GARCIA, 2018, p. 348). O mesmo ocorre em Química, Arquitetura e Engenharia. Muitos são os conhecimentos que contribuíram para que o mundo fosse hoje o que conhecemos e essa é uma grande contribuição da África. No entanto, o continente africano só é mostrado como espaço de pobreza, miséria e fome.

Salientamos que nossa pesquisa visa compreender como a lei 10.639/03 vem sendo abordada nas escolas, portanto nos dedicamos a pesquisa com afinco e descobrimos que existem milhares de estudos e pesquisas disponíveis nas redes sociais, bem como muito material literário produzido a partir do momento em que a lei foi sancionada pelo presidente da república. No entanto, o movimento para que a lei seja realmente cumprida ainda é silencioso, parece que não há interesse que os saberes herdados dos africanos sejam divulgados.

CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Realizamos a intervenção pedagógica na Escola Municipal Jane Pereira Lopes, no município de Matupá – Estado de Mato Grosso, com 30 alunos do 9º ano do ensino fundamental, durante o 1º e o 2º semestres de 2018, na disciplina de Língua Portuguesa, com carga horária de quatro horas semanais. Temos como concentração a área: Teorias da Linguagem e Ensino.

A pesquisa é de ordem qualitativa, que tem como foco a investigação do objeto analisado, com o objetivo de investigar os aspectos educacionais no estudo da Literatura, História e Cultura Africanas na formação intelectual dos alunos do 9º ano. Além disso, pretende-se despertar os estudantes para o letramento literário por meio de atividades diversas com contos africanos, produção de textos, vídeos e produção de hipercontos com o auxílio das tecnologias. Como suporte tecnológico, foram utilizados o laboratório de informática e o *notebook* da professora. Vídeos e documentários sobre a África também foram importantes na execução do projeto.

De acordo com Gil (2002, p. 143), “na pesquisa-ação ocorre um constante vaivém entre as fases, que é determinado pela dinâmica do grupo de pesquisadores em seu relacionamento com a situação pesquisada”. Por meio da pesquisa-ação, apresentamos um conjunto de atividades distribuídas em etapas e as denominamos Módulos.

O público participante da pesquisa são os adolescentes que frequentam o 9º ano do ensino fundamental no período matutino, no período oposto muitos já cumprem carga horária de trabalho, os estudantes residem no município.

4.1 A sequência básica

A sequência básica é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. A seguir vamos apresentar cada um dos passos.

Motivação: consiste em preparar o aluno para entrar no texto. A motivação que chamamos de rito de passagem consiste em conversar com os alunos sobre a África e sua cultura. Utilizamos como motivação a leitura de pequenos contos africanos, diversas cruzadinhas sobre conhecimentos gerais africanos, desenhos e caça-palavra.

Introdução: consiste na apresentação do autor e da obra. Chamar a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra. Apresentamos aos estudantes obras de Ondjaki, Mia Couto, e também falamos aos estudantes sobre os autores e suas produções.

Leitura: a leitura de um texto literário é uma experiência única e como tal não pode ser vivida por outra pessoa. Esta atividade consistiu na leitura de contos africanos de língua portuguesa que distribuimos impressos aos estudantes e realizamos a leitura em sala, em grupo, no qual cada aluno leu em voz alta um parágrafo do texto. Também realizamos a atividade de leitura silenciosa e em duplas.

Interpretação: consiste no momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. Realizamos diversas atividades de interpretação. Após a leitura, os alunos responderam algumas questões sobre o conto, ou elaboraram questões para o texto, fizeram desenhos e assim constatamos se houve a compreensão, ou seja, percebemos que os alunos se sentiram tocados pela verdade do mundo que o conto lhes proporcionou.

4.2 O conto e sua estrutura

De acordo com Gotlib (2006, p. 12),

O contar (do latim computare) uma história, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as histórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois relatar implica que o acontecido seja trazido outra vez, isto é: re (outra vez) mais latum (trazido), que vem de fero (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido. O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos.

A arte de contar histórias reuniu ao redor das fogueiras famílias que apreciavam ouvir histórias e aqueles que dominavam a arte de conta-las. Para a autora, contar histórias requer que o acontecido seja trazido por alguém que vivenciou algo e se transformado em um texto oral ou escrito, desperte no ouvinte o deleite que só ficção e realidade mescladas podem proporcionar. Então, o que é um conto? “O conto é o que tem unidade de tempo, de lugar e de ação. O conto é o

que lida com um só elemento; personagem, acontecimento, emoção e situação” (GOTLIB, 2006, p. 59). Em meio a essa discussão, refletimos sobre o que é um conto. Quais são suas características? E reconhecemos que o conto, nas palavras de Gotlib, se utiliza da economia de estilo, de situação e proposição temática resumida. Não podíamos também deixar de mencionar aqui os contos maravilhosos que surgem para divertir as crianças, em que realidade e ficção se mesclam tornando muitas vezes um conto inesquecível. Para Gotlib (2006, p. 29),

O que caracteriza o conto é seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos. O que houve na sua “história” foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura: o conto permanece, pois, com a mesma estrutura do conto antigo; o que muda é a sua técnica.

Cada conto traz consigo o compromisso com a estória e assim as histórias são contadas, criadas, inventadas, transformam-se, e encantam o público de tempos em tempos. As técnicas de criação de histórias modificam-se com o passar do tempo, mas a estrutura, esta permanece.

Para apresentar a estrutura do conto, selecionamos o texto *A história de Blimundo*, e apresentamos a seguir os elementos que compõem a narrativa.

Parte inicial: Era uma vez um boi. Um boi grande um boiona que se chamava Blimundo. Blimundo, filho das rochas, possante, calmo e sabedor do mundo, amante da vida e da liberdade, era boi respeitado por todos os seus iguais, e [...] Senhor rei [...], não admita que boi algum do seu território fugisse à obediência, às vezes demandas dele, senhor todo poderoso, dono das ribeiras, campos, lombos e vertiginosas montanhas, dono das águas e dos trapiches (LOPES, 1982, p. 9-10).

O conflito: O reino está ameaçado por Blimundo, que arrastando na sua irreverência outros bois [...] – Quem fará andar os trapiches? – Quem fornecerá a carne para a minha mesa? – Quem? – Respondam! – Quem? – Morte ao Blimundo e viva o Rei! – Berrou Senhor Rei. – Viva Senhor Rei! – Secundaram os súditos (LOPES, 1982, p. 14-15).

Resolução: Quando chegaram as notícias ao palácio senhor rei caiu em desespero. Não tinha mais, estratégias de combate ao Blimundo, e não podia suportar a ideia de tão perigoso desafiador à solta. É nisto que lhe chega a notícia de um rapazinho criado no borralho de cinzas que lhe promete ir buscar o Blimundo. [...] – Senhor Rei dá-me um cavaquinho, um bli d’água e uma bolsa de

pretém que eu lhe trago Blimundo e, como recompensa, quero metade da riqueza do reino e sua codizinha para com ela me casar (LOPES, 1982, p. 17-18).

Clímax: [...] A dada altura, Blimundo do seu esconderijo, ouve a canção que o encanta. Levanta grandes orelhas e se põe à escuta com mais atenção. Quando entende bem a mensagem, deixa o rapazinho aproximar. [...] (LOPES, 1982, p. 20).

Desfecho: Chegados junto a entrada do palácio, o rapazinho pediu ao Blimundo que o deixasse descer e que o esperasse, pois tinha que pedir ao barbeiro do Rei para lhe fazer a barba, antes de se apresentar a vaquinha da praia. [...] Blimundo, paciente, deixa-se envolver pela toalha e ensaboar, enquanto o Rei e o rapaz assistem com ar triunfante a cerimónia.

Blimundo fecha os olhos imaginando a impaciência da Vaquinha de Praia esperando, enquanto o pincel de barba envolve deliciosamente, com espuma branca e fresca, a sua barba selvagem.

Blimundo deixa-se embalar quase que num sonho e, num ápice, num terrível e certo golpe de navalha de barba do barbeiro-carrasco fica o plano consumado. É traiçoeiramente assassinado Blimundo. Seu corpo cai para um lado e, num estrebuchar de revolta e violência, uma bela patada trazeira de toneladas atinge o Senhor Rei que acabou aí o seu reinado.

O rapazinho e o barbeiro fogem espavoridos, mas jamais iria esquecer o último olhar de revolta de Blimundo, o último olhar que os havia de perseguir eternamente. Blimundo cantou no seu derradeiro fôlego. Cantou na agonia do momento a sua última canção – uma canção profunda e condenadora, bela e terrivelmente melancólica que jamais deixaria de condenar os seus assassinos (LOPES, 1982, p. 27-28).

4.3 Os módulos da sequência básica

Módulo 1 – da Sequência Básica – Apresentação do projeto de pesquisa (previstas 2 aulas). Temos como objetivos específicos neste módulo: Conversar informalmente sobre o projeto de pesquisa para orientação das ações; oportunizar aos alunos a leitura deleite de contos africanos; ler e valorizar os contos africanos; refletir sobre o negro na escola e na sociedade; realizar atividades com cruzadinhas e caça-palavras. Observamos que neste dia, os alunos estavam eufóricos, foi difícil controlar a turma para que as atividades fossem

realizadas. Mas com diálogo e paciência, aos poucos fomos esclarecendo aos estudantes sobre o projeto e orientações gerais. Como motivação, utilizamos um caça-palavras com vocábulos presentes em contos africanos e também uma cruzadinha com conhecimentos gerais sobre o continente africano (apêndice 1). Os estudantes liam as perguntas e tentavam responder e quando não conseguiam recebiam ajuda da professora. Também realizamos a leitura de contos “O homem chamado Namarasotha” (uma lenda de Moçambique); de autor desconhecido, e “A menina que não falava”; também de autor desconhecido. Os objetivos para este módulo foram cumpridos.

Módulo 2 – O questionário de sondagem (previstas 2 aulas), sendo os objetivos específicos: Ler contos africanos e discutir sobre temas abordados nas histórias; realizar atividades com bingo, cruzadinhas e caça-palavras, utilizando palavras presentes em contos africanos; responder ao questionário de sondagem para reconhecer conhecimentos iniciais sobre leitura, uso da biblioteca, tecnologia e África.

Durante a realização deste módulo, observamos que os estudantes estavam mais calmos e foi mais fácil ministrar as atividades planejadas. Iniciamos com a leitura de contos africanos: “A lua feiticeira e a filha que não queria pilar”; e também “A lenda do tamborinho”, ambos de autor desconhecido. Em seguida, aplicamos o questionário de sondagem e a cruzadinha sobre conhecimentos gerais sobre a África. Percebemos que os estudantes se empenharam para responder as questões e se deliciaram com a atividade da cruzadinha (apêndice 2). Passamos agora para a transcrição das respostas das questões da entrevista. Foram transcritas as respostas mais recorrentes. Veja as questões 1, 2, 3, 4 e 5 na opinião dos entrevistados.

1) Você tem o hábito de ler? Qual livro marcou sua vida?	Sim, Não tenho, Não leio pouco,	Branca de Neve, O menino e o lobo, Não tem um livro específico, Diário de um Banana, Livros de aventura, As histórias de Eugênia, A culpa das Estrelas, Anne Frank, A cabana, O preço da felicidade,
2) Costuma frequentar a biblioteca de sua escola? É bem atendido na biblioteca?	Não, Não tem biblioteca,	
3) A biblioteca de sua escola possui livros diversos para leitura? Quantos livros você lê por mês/ano?	Não tem biblioteca na minha escola, Não, Não sei.	Uns três livros, Não sei, Um por mês, Nenhum.
4) A leitura é importante para você?	Sim, a leitura dá mais habilidade. Toda, A leitura é essencial e traz conhecimento pra nós, Muito, Na vida se você não ler você não sabe das coisas, Ajuda a melhorar a escrita e a conhecer palavras novas, a escola é a base para uma vida brilhante, Com a leitura a gente vai a qualquer lugar, Nada, Aprendemos muitas coisas e esclarecemos dúvidas. A leitura é importante na minha vida para entender mais a história do mundo. A leitura faz muita diferença na vida das pessoas porque a leitura também ensina. A leitura faz bem	
5) Você conhece ou já leu contos? E hipercontos? O que você sabe sobre Esse gênero textual?	Sim, Já,	Não, nada, Nunca li hipercontos. Diferentes tipos de Textos, sei pouco sobre Hipercontos.

Para as questões 6, 7, 8, e 9, foram transcritas as repostas recorrentes, os estudantes responderam da seguinte maneira.

6) Em sua família todas as pessoas são alfabetizadas? Alguém não frequentou a escola? Por quê? Qual é o maior grau de escolaridade em sua família? Que importância você dá para a escola?	Não, 4º ano, Sim, Não sei, Tenho primos e primas formados na faculdade, Sim todos estudaram faculdade, O maior grau é ensino Fundamental.	Aprender, Ser alguém na vida, Meu pai não terminou ele fez até o 2º ano/3º ano, É preciso dela (faculdade) para ser alguém. Muito, pois é nela que aprendemos tudo para ter uma vida boa.
7) Para que serve o celular, o computador e a internet para você? E para sua família?	Usar, para ler, aprender, jogar, tirar fotos, fazer trabalhos, Pesquisar, notícias, Informações, Para fazer comunicações, se distrair, para se comunicar com as pessoas distantes e próximas, para trabalhos Assistir canais no celular,	Aprendemos muitas coisas
8) O que você sabe sobre o continente africano? Já estudou sobre a África?	Que é muito umiudi (Humilde), Alguns lugares passam fome e miséria, e outras são muito rico. É um país de várias classes sociais, de algumas pessoas muito ricas e outras muito pobres. Escravidão, pobreza, desigualdade,	Sim
9) Quando falamos sobre o continente africano que imagem lhe vem à cabeça?	Como é a África, Escravidão, um país com muita riqueza, mais também com muita pobreza, miséria, morte, sofrimento, povos trabalhando, trabalho duro, desrespeito, um país com uma cultura rica,	

Para as questões 10, 11, 12, 13 e 14, respectivamente, foram transcritas as respostas recorrentes.

10) Você sabia que há países na África em que o idioma oficial é a língua portuguesa? Quais?	Sim (15), Não (9), às vezes (3)
11) Que imagens ou fatos negativos lhe vem à cabeça quando falamos da África?	As casas, fome, pobreza, que lá tem um mercado de escravos, saúde precária, desemprego, desigualdade social,

12) Que imagens ou fatos positivos lhe vem à cabeça quando falamos da África?	Nenhum, cultura, A cultura com a maioria das pessoas sorridentes, As paisagens e os animais, que lá as pessoas não são racistas, uma cultura muito rica, que é um país que não desiste e tenta se reerguer, dança, União, felicidade, Povo trabalhador,
13) Você já estudou sobre a África na disciplina de língua portuguesa?	Não lembro, Não, Sim,
14) Você já ouviu falar de escritores africanos e de suas obras?	Não, Não sei,
15) Das atividades abaixo, quais vocês (ou seus pais) costumam fazer? Consultar catálogo telefônico. Consultar guia de rua. Faz listas de coisas que precisa realizar. Usar agenda para marcar compromissos. Deixar bilhetes com recados para alguém da casa. Escrever cartas para amigos e familiares. Ler cartas de amigos ou familiares. Ler correspondência impressa que chega a sua casa. Fazer lista de compras. Procurar Ofertas ou promoções em folhetos e jornais. Verificar as datas de vencimento dos produtos antes que compra. Fazer compras a prazo com crediário. Comparar preços entre produtos antes de comprar. Pagar contas em bancos ou casas lotéricas. Fazer depósitos ou saques em caixas eletrônicos. Ler manuais para instalar aparelhos domésticos. Reclamar por escrito sobre produtos ou serviços que adquiriu. Ler bulas de remédios. Copiar ou anotar receitas. Copiar ou anotar letras de músicas. Escrever histórias, poemas ou letras de músicas (de sua autoria). Escrever diário pessoal.	As respostas recorrentes foram transcritas a seguir. Fazer lista de compras, comparar preços de produtos antes de comprar, pagar contas em bancos ou casa lotéricas, fazer depósitos ou saques em caixas eletrônicos, ler manuais para instalar aparelhos eletrônicos, copiar e anotar receitas, deixar bilhetes com recados para alguém de casa, ler bulas de remédio, verificar a data de vencimento dos produtos, procurar ofertas ou promoções em folhetos e jornais, verificar a data de vencimento dos produtos antes que compra, fazer lista das coisas que precisa fazer, ler cartas de amigos ou familiares, copiar ou anotar letras de músicas, escrever histórias, poesias ou letras de música de sua autoria, escrever cartas para amigos e familiares, ler correspondência impressa que chega a casa, escrever diário pessoal, usar agenda para marcar compromissos.
16) Dos materiais impressos citados abaixo quais há em sua casa? 1. Álbuns de fotografias 2. Bíblia ou livros religiosos 3. Cartilhas ou livros escolares 4. Livros ou folhetos de literatura cordel 5. Dicionário 6. Enciclopédias 7. Folhetos, apostilas ou livretos de	As respostas recorrentes foram transcritas. Álbuns de fotografia, bíblia ou livros religiosos, livros de receita, dicionário, cartilha ou livros escolares, livros infantis, manuais de instrução, folhinhas calendários, catálogos de lista telefônica,

movimentos sociais, de partidos políticos, ou grupos religiosos 8. Folhinhas, calendários 9. Guias de ruas e serviços 10. Catálogos ou lista telefônica 11. Jornais 12. Livros de receitas 13. Livros de literatura 14. Livros didáticos ou apostilas escolares 15. Livros infantis 16. Manuais de instrução 17. Livros técnicos ou especializados 18. Revistas 19. Outros. Quais? _____ 20. Não tem nenhum desses materiais	revistas, livros técnicos ou especializados, folhetos, apostilas ou livretos de movimentos sociais, guias de ruas ou serviços, catálogos ou lista telefônica
17)Quais das atividades você (ou seus pais) costumam fazer no computador? 1. Escrever relatórios ou textos 2. Escrever trabalhos escolares 3. Organizar agendas ou listas de tarefas 4. Digitar dados ou informações 5. Elaborar planilhas ou montar banco de dados 6. Consultar e pesquisar 7. Montar página ou fazer programas de computadores 8. Fazer cursos à distância 9. Pagar contas e movimentar contas bancárias 10. Enviar e receber e-mails 11. Comprar pela internet 12. Jogar ou desenhar 13. Navegar por diversos sites 14. Copiar músicas em CD ou arquivo eletrônico 15. Entrar em sites de bate papo e discussão	As respostas recorrentes foram transcritas. Consultar e pesquisar, escrever trabalhos escolares, enviar e receber <i>e-mails</i> , comprar pela internet, jogar ou desenhar, navegar por diversos <i>sites</i> , fazer cursos à distância, digitar informações, pagar contas e movimentar contas bancárias,

Com o objetivo de ilustrar e contribuir para que se compreendam melhor as respostas fornecidas pelos estudantes quanto aos conhecimentos sobre o continente africano e letramento apresentamos a seguir gráficos, e o primeiro trata da alfabetização. Para a questão: Em sua família todas as pessoas são alfabetizadas? Apresentamos o gráfico nº1.

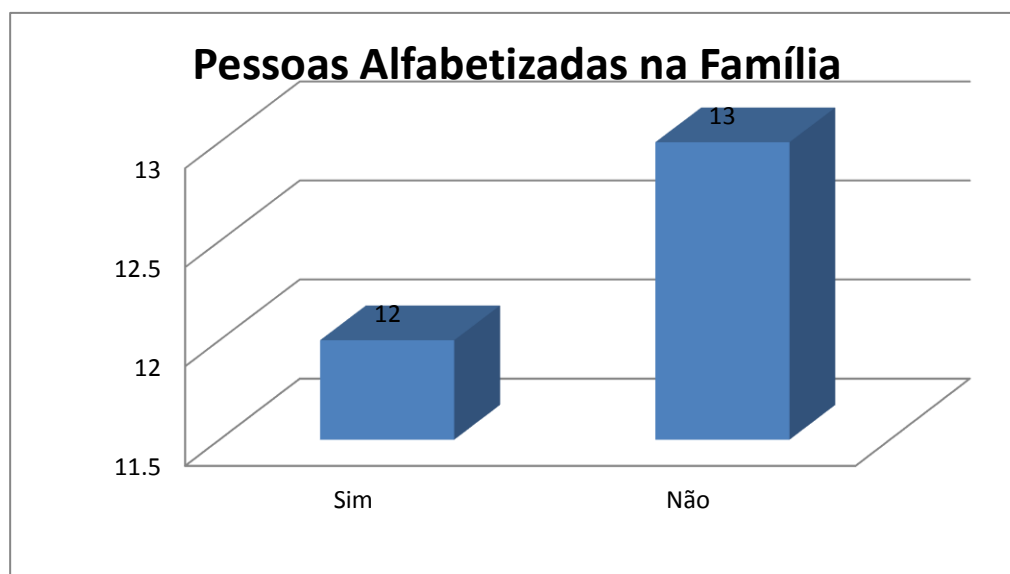


Gráfico 1

Quanto ao número de pessoas que sabem ler e escrever, observou-se que 64% dos entrevistados reconhecem em seus familiares esta habilidade. Nessa questão, orientamos aos estudantes que alfabetização significa “saber ler e escrever” e percebe-se por meio das entrevistas que os atos de ler e escrever são comuns nas famílias pesquisadas; no entanto, essas pessoas encontram-se em nível de letramento básico no que se refere à leitura e à escrita. Para a questão: Você já estudou sobre a África na disciplina de Língua Portuguesa? Apresentamos o gráfico nº2.

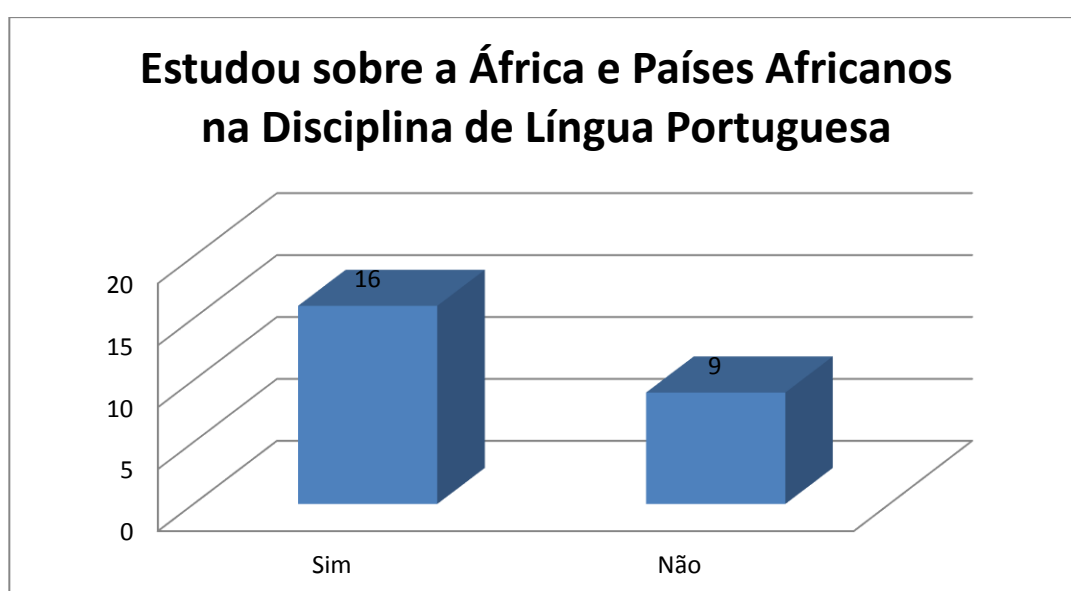


Gráfico nº 2

Os estudantes já haviam estudado sobre a África, através do gráfico, percebemos que os estudantes sabem que há países africanos, onde o idioma

oficial é a língua portuguesa, através da pesquisa percebe-se que 64% dos estudantes reconhecem a existência de países africanos em que a língua oficial é a Língua portuguesa. As formas de lazer que auxiliam no desenvolvimento dos letramentos e multiletramentos também foram questionadas na entrevista e segundo a pesquisa, os estudantes quase nunca vão ao cinema, o mesmo se repete com o teatro e com os shows. Para a questão: Indique com que frequência você vai ao cinema ao teatro ou a um show. Veja o gráfico nº 3.

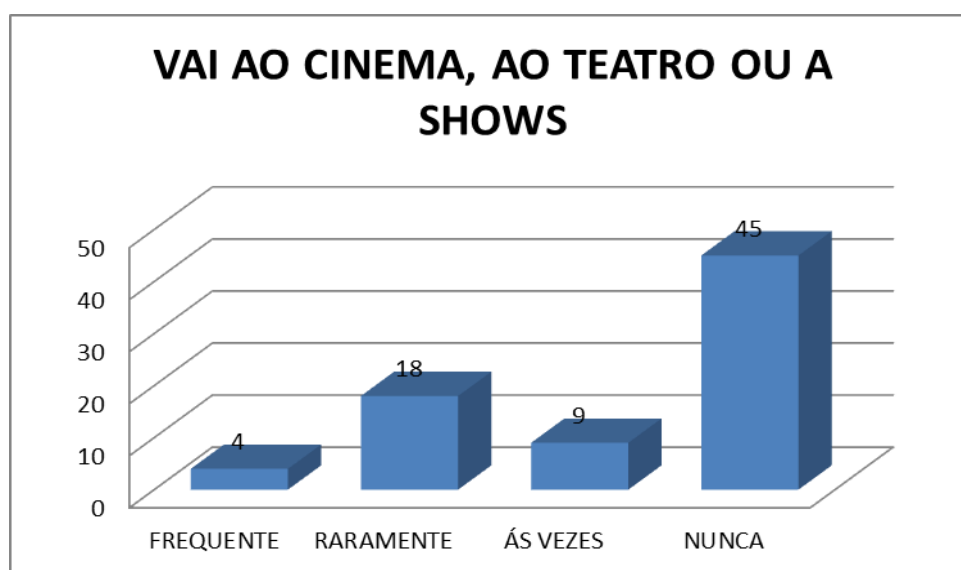


Gráfico nº 3

Talvez por vivermos em uma cidade pequena no interior do Estado de Mato Grosso e por não existir uma sala de cinema aqui, crianças e adolescentes não frequentam esses espaços e isso contribui para que os letramentos e multiletramentos não acompanhem o desenvolvimento de crianças e jovens que frequentam salas de cinema e vivem em cidades onde esses espaços são comuns. A mesma coisa acontece com o teatro. Nossas crianças e adolescentes não frequentam esse espaço cultural e com isso deixam de conhecer as artes cênicas e suas possibilidades. São realizadas esporadicamente apresentações teatrais nas escolas e igrejas. Os shows são atividades de lazer das quais os estudantes quase não participam e pouco frequentes em nossa região.

Observamos que os estudantes pesquisados não possuem o hábito de ouvir noticiário e nem outros programas de rádio. Perguntados se ouvem noticiário ou outros programas de rádio? Observemos o gráfico nº4.

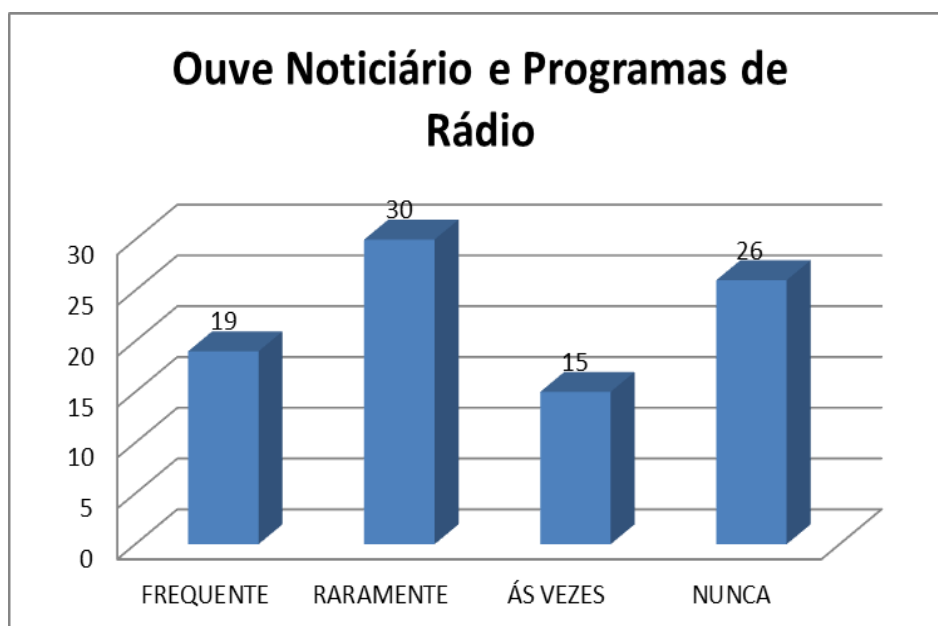


Gráfico nº 4

O gráfico nos mostra que ouvir noticiário de rádio não é uma atividade na preferência dos estudantes. Ouvir outros programas de rádio não faz parte da rotina dos estudantes pesquisados. Para a questão: Indique com que frequência você assiste a vídeos e DVDs em casa. Observe o gráfico nº9.

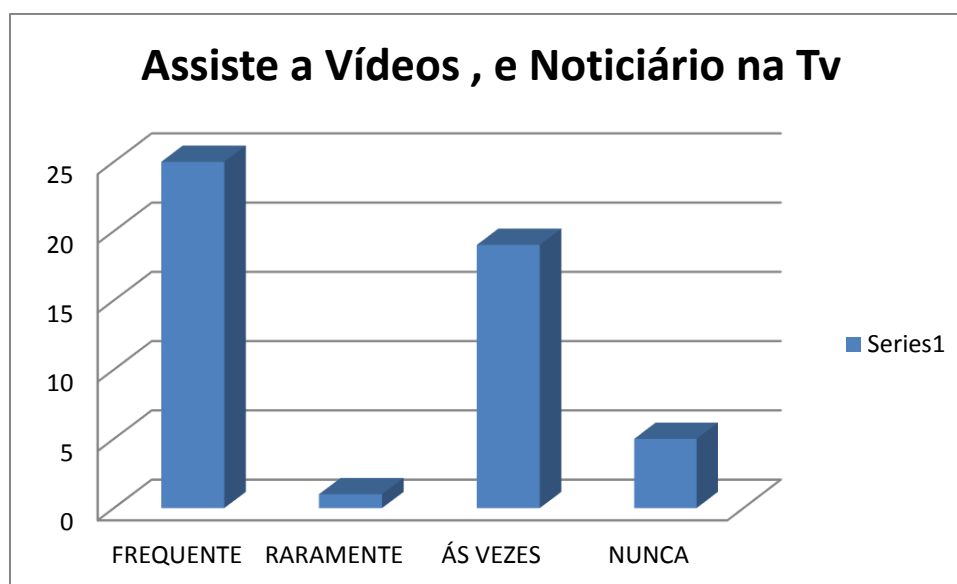


Gráfico nº 5

Assistir a vídeos e DVDs e noticiário na TV em casa é uma atividade comum aos estudantes pesquisados. Assistir a filmes na TV ou outros programas parece ser uma atividade comum aos estudantes. O gráfico nos mostra que assistir ao

noticiário na TV está entre as atividades preferidas dos estudantes pesquisados. Para a questão: Indique com que frequência você assiste a filmes ou a outros programas na TV. Por meio do gráfico, percebe-se que filmes e programas de TV atraem a garotada. Vejamos o gráfico nº 6.

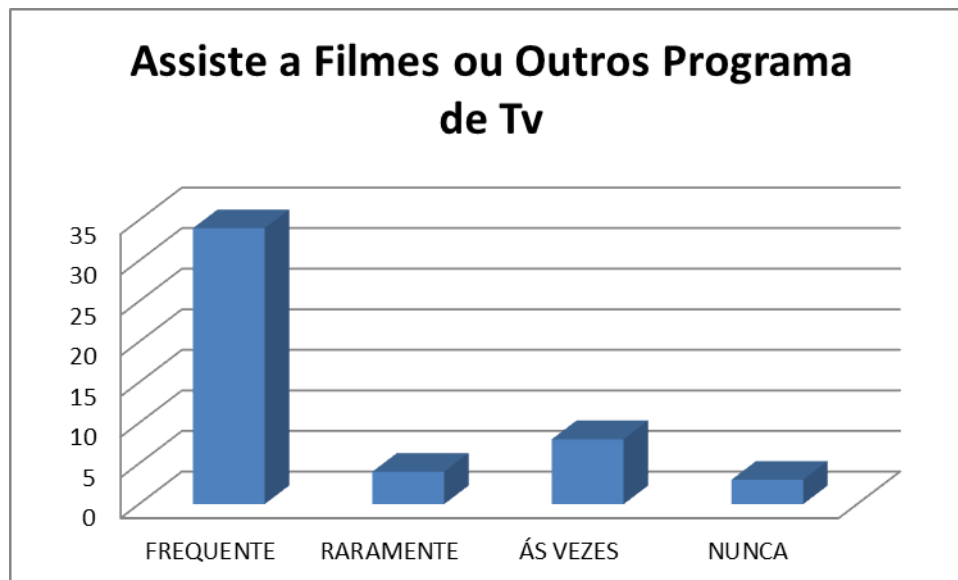


Gráfico nº 6

Assistir a outros programas de TV parece ser uma atividade importante aos adolescentes pesquisados. E por viverem em uma cidade em que não há museu, os adolescentes pesquisados nunca foram a um museu, não realizam esta atividade. Percebemos que talvez a condição social destes estudantes e de suas famílias impede que algumas atividades sejam realizadas. Da mesma forma observamos que o computador está presente em muitos lares dos estudantes pesquisados, a internet também faz parte da vida de muitos deles. Para a questão: Em sua casa tem computador e internet? 64% possuem computador em seus lares, isso nos leva a inferir que estes adolescentes estão em contato com os multiletramentos e letramentos. A internet também não é novidade para os estudantes pesquisados. Muitos lares possuem internet e os adolescentes fazem uso desta tecnologia. A partir da pesquisa realizada com os estudantes, se percebe que a leitura e a escrita são atos mais comuns entre os entrevistados do que se imaginava. Os estudantes reconhecem que é preciso estudar para se ter uma vida melhor, “É preciso dela (faculdade) para ser alguém”. “Muito, pois é nela que aprendemos tudo para ter uma vida boa”. “Ser alguém na vida”. De acordo com as respostas apresentadas, observamos que o estudante possui consciência acerca da importância de saber ler, escrever, enfrentar os bancos da escola.

Quanto aos usos da leitura e da escrita, percebemos que são muitos. “Fazer lista de compras”, “comparar preços de produtos antes de comprar”, “pagar contas em bancos ou casa lotéricas”, “fazer depósitos ou saques em caixas eletrônicos”, “ler manuais para instalar aparelhos eletrônicos”, “copiar e anotar receitas”, são algumas das mais diversas utilidades da leitura e da escrita para os estudantes entrevistados.

Indagados sobre a África; que imagens ou fatos positivos lhe vêm à cabeça quando falamos da África? Os estudantes nos relataram “Escravidão”, “Um país com muita riqueza, mas também com muita pobreza, miséria, morte, sofrimento”, “povos trabalhando”, “trabalho duro”, “desrespeito”, “Um país com uma cultura rica”.

Na questão sobre materiais impressos que você possui em casa, os estudantes responderam: “Álbuns de fotografia”, “bíblia ou livros religiosos”, “livros de receita”, “dicionário”, “cartilha ou livros escolares”, “livros infantis”, “manuais de instrução”, “folhinhas”, “calendários”, são alguns dos materiais impressos encontrados nos lares dos estudantes.

Quanto ao uso do computador, as respostas recorrentes foram: “Consultar e pesquisar”, “escrever trabalhos escolares”, “enviar e receber e-mails”, “comprar pela internet”, “jogar ou desenhar”, “navegar por diversos sites”, “fazer cursos à distância”. Por meio da pesquisa e dos gráficos, compreendemos que os estudantes possuem certo grau de letramento e de multiletramentos. A escola deve ampliar esses letramentos e auxiliá-los na conquista de novos letramentos e multiletramentos, pois reconhecemos a leitura e a escrita como armas poderosas na vida de um cidadão. Talvez, por residirem afastados dos grandes centros urbanos, os estudantes não possuem contato com shows, exposições, museus, nem teatro ou cinema. Esses meios de comunicação e expressão ou atividades de lazer ajudam o estudante a adquirir novos letramentos e também o sensibilizam para outras áreas do conhecimento.

No módulo 3 – O texto inicial (previstas 2 aulas), tivemos como objetivos específicos: Assistir aos vídeos para conhecer aspectos importantes da África; reconhecer elementos da cultura africana; redigir a primeira versão de um pequeno texto para diagnosticar os níveis de escrita dos estudantes. Os estudantes assistiram ao vídeo, *O mundo segundo – Os brasileiros – Johannesburgo*. Neste vídeo, o apresentador procura mostrar aspectos gerais de Johannesburgo como a

violência, a economia, o *apartheid*, a cultura, a rua onde Nelson Mandela morava e sua importância para os africanos, a culinária e uma dança.



Figura 8¹

Outro vídeo proposto foi *Raízes do Brasil: os africanos*, retrata que os africanos viviam em pequenos reinos, dominavam técnicas de agricultura, metalurgia e mineração, o comércio e a escravidão de negros.

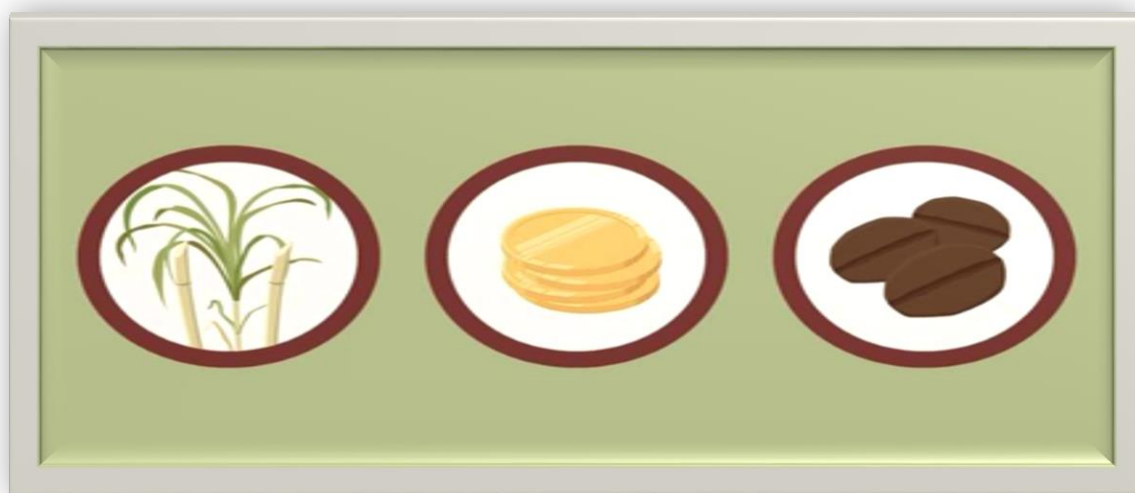


Figura 9²

O vídeo *Breve história da cultura africana* apresenta a música, a dança, a

¹ Vídeo *O mundo segundo os brasileiros* Johannesburg. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=video+o+mundo+segundo+os+brasileiros+joanesburgo&og=video+o+mundo+segundo+os+brasileiros+joanesburgo&ags=chrome.69i57.16451j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acessado em: 06/09/2017.

² Vídeo *Raízes do Brasil*. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=video+os+africanos+raizes+do+brasil&og=video+os+africanos+raizes+do+brasil&gs_l=psyab.

cultura africanas e a religiosidade dos negros. Retrata também os estados onde os negros eram escravizados no Brasil.



Figura 10 – vídeo: Breve história da cultura africana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RPzxt1iZGiA>

De acordo com o vídeo, os estados brasileiros onde houve maior concentração de escravizados trazidos da África foram: Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e Maranhão. Após a exibição dos vídeos, solicitamos aos estudantes uma produção de texto inicial na qual eles relataram o que lhes chamou atenção em relação aos vídeos exibidos? Seguem agora produções iniciais dos alunos selecionadas para a pesquisa.

O que mais me impressionou nos vídeos foi que a maior parte das músicas como o samba, as comidas, as danças como a capoeira são da cultura africana. Fiquei muito legal e bonito as roupas, os estilos e as danças. Gostei muito das gráficas com pessoas que são importante e fizeram a diferença para eles. Eu não imaginava que existia tanta desigualdade e discriminação na sociedade e que apesar de todo sofrimento e injustiça que eles passaram é um povo feliz e sorridente e acho que temos muito a aprender com essas pessoas.

(Gabrielly Lopes)

Figura 11 – Acervo da professora-pesquisadora

Os africanos tem diferentes culturas, como dança, músicas, religiões, comidas típicas e entre outras.

Vimos também que os negros passaram por muitas dificuldades na época da escravidão, mas por outro lado eles ajudaram muito no desenvolvimento do Brasil, através da agricultura dos melões de mimosas, suas culturas também foram trazidas ao Brasil, como a capoeira, a kilopango e outros.

Notamail

Figura 12 – Acervo da professora-pesquisadora

Africano

A África é um dos maiores continentes do mundo possui grandes riquezas naturais, e uma vasta cultura. O Brasil herdou muita dessa cultura e também muitos africanos, que acabaram se estabelecendo aqui.

A África pode ser um lugar maravilhoso dependendo de como se vê. Apesar do grande índice de miséria, sofrimento e mortes, eles sempre acreditam em dias melhores.

Suas religiões são diferenciadas, eles preservam suas raízes e acreditam que tudo que acontece tem a permissão de algum tipo de deus, entre esses deuses um deles que é superior a todos, grande e onipotente. Suas religiões são variadas, uns utilizam pinturas, outros tambores e músicas etc. Também são muito vaidosos, com perfumes, roupas elegantes, e vários colares, linco e pulseiras. São também muito conhecidos pelo culinário e seus saborosos alimentos. Realmente a África é um país que nos surpreende.

Figura 13 – Acervo da Professora-pesquisadora

Bem, o que eu entendi sobre a África é bem interessante, ...
 Muitas coisas africanas sabem, homens negros serviam para ser escravos em senzalas e as mulheres quando não tinham muito sucesso (digamos assim) serviam como empregadas domésticas para mulheres brancas e os maridos das mulheres usavam as mulheres negras como seu "brinquedo sexual"³³
 Mas agora em alguns lugares da África eles vivem como uma vida normal.

Figura 14 – Acervo da professora-pesquisadora

C. africo

Lo' no africo é muito pobre eles são muito humildes não tem muitos recursos financeiros não se veste bem não com corretamente o salário é muito baixo.

Eu achei muito interessante como que eles transportaram 5 milhões de africanos.

Eles são muito espertos eles são capazes de ser o que quiser, as pessoas não pode julgar pelo cor, aparência, mas sim pelo caráter da pessoa.

Eu fiquei sabendo que a copoliro foi eles que fez eu isso muito legal a copoliro é uma tradução deles

Um Victor Colisio Almeida

Figura 15 – Acervo da professora-pesquisadora

A maioria das pessoas ainda tem preconceito com africanos, principalmente por conta de serem negros. O preconceito também vem por conta de pensarmos de quando eles eram escravos, os europeus falavam que a "raça" branca era superior a "raça" negra, e até nos dias de hoje ainda há esse preconceito.

Nos brasileiros julgamos muito e esquecemos das coisas maravilhosas que eles com partilharam conosco, começando de sua culinária até sua cultura.

O samba por exemplo, todos os anos há desfiles maravilhosos de samba, com pessoas de todos os lados do mundo para ver os desfiles e se divertir. A maior parte destas pessoas nem sabe que o samba é de origem africana.

Muitas pessoas escutam rap e não sabem que ele é de origem africana, muitas pessoas sabem julgar de que estudar assim como o pensamento de que todo africano é pobre, sendo que estas ideias são perigosas.

João Sardenho

Figura 16 – Acervo da professora-pesquisadora

No módulo 4, Contos Africanos de Língua Portuguesa (previstas 16 aulas divididas em dois blocos de 8 aulas), os objetivos específicos foram: Reconhecer os elementos da narrativa, sua estrutura e tipologia textual; Perceber as condições de produção e escrever a primeira versão de um conto; Reconhecer o texto literário e a sua realidade; Conhecer a biografia dos autores africanos Ondjaki e Mia Couto; Leão Lopes, Maria Helena Spencer; Apresentar aos estudantes a estrutura do conto, a situação inicial, o conflito, a resolução, o desfecho e os elementos que dão vida à narrativa, enredo, tempo, espaço, narrador e personagens.

Iniciamos o trabalho com o escritor africano Ondjaki. Apresentamos o autor, seu livro *Os da minha rua* e realizamos a leitura e interpretação do conto "A ida ao Namibe". A professora iniciou a leitura em voz alta e pediu aos alunos para que cada um lesse um parágrafo do texto, após os estudantes comentaram suas

impressões sobre a história e responderam as questões apresentadas abaixo: Como o narrador se posiciona no ato de narrar, participa ou só observa e relata? As ações se dão em que tipo de espaço, qual a importância desses para a história? O tempo obedece a uma cronologia ou se organiza pelas emoções dos personagens? Quem determina o tempo e o espaço na narrativa? Os personagens têm nome? O que significa? Quem eles representam? As descrições construídas com qualidade e riqueza de figuras de linguagem são importantes para a construção do espaço? Represente a história que lemos em forma de desenho. Defina a situação inicial, o conflito, a resolução e o desfecho no conto estudado? Cite elementos que dão vida ao enredo, à narrativa, tempo, espaço, narrador e personagens. Escreva um comentário crítico em relação ao texto estudado.

Os estudantes realizaram as atividades com empenho, estavam um pouco eufóricos e muito conversadores, foi preciso chamar a atenção para as atividades e, principalmente, para que se concentrassem na leitura do texto. Ressaltamos que nem todos os estudantes realizaram as atividades solicitadas, por isso, foram abordados pela professora sobre as questões para que as desenvolvessem e participassem da aula. À medida que os estudantes concluíam as atividades, distribuímos caça-palavras com vocábulos da língua portuguesa de origem africana e que fazem parte do nosso idioma no dia a dia. As palavras destacadas são nomes ligados à religião, à família, a brincadeiras, à música e à vida cotidiana, por possuírem estrutura semelhante à língua portuguesa. A língua bantu contribuiu com muitas palavras, devido ao uso de muitas vogais e sílabas nasais ou abertas.

Mas os povos africanos que habitavam o litoral da África falavam diversas línguas (o quicongo, o quimbundo e o umbundo). Então muitas palavras da língua portuguesa são de origem africana. Vejamos alguns exemplos: “bunda”, “bagunça”, “curinga”, “moleque”, “dengo”, “gangorra”, “fubá”, “macaco”, “cachaça”. Os estudantes realizaram a atividade como tarefa de casa. No dia seguinte, optamos por trabalhar o conto de Ondjaki “O voo do Jika”. Após a leitura em voz alta, feita pela professora, pedimos aos estudantes que elaborassem 5 questões com respostas sobre o texto em nível de 9º ano, a atividade foi importante e realizada com certo empenho pelos estudantes. No entanto, encontramos 3 estudantes com dificuldades sérias de escrita e concentração, ainda assim realizaram as atividades, de acordo com suas possibilidades. Houve um estudante que realizou as atividades apenas oralmente, ele frequenta a sala de recurso e possui dificuldade para se

concentrar e desenvolver as atividades escritas solicitadas pelo professor.

Quando esta atividade foi concluída, distribuímos aos estudantes cópias do conto “O bigode do professor de Geografia”, de Ondjaki. Foi realizada a leitura em voz alta, cada estudante leu um parágrafo do conto, após a leitura eles responderam as questões de interpretação escrita do texto, também fizeram o desenho sobre o texto e caça-palavra com vocábulos presentes no texto. Vejamos alguns desenhos sobre o texto “O bigode do professor de geografia”.

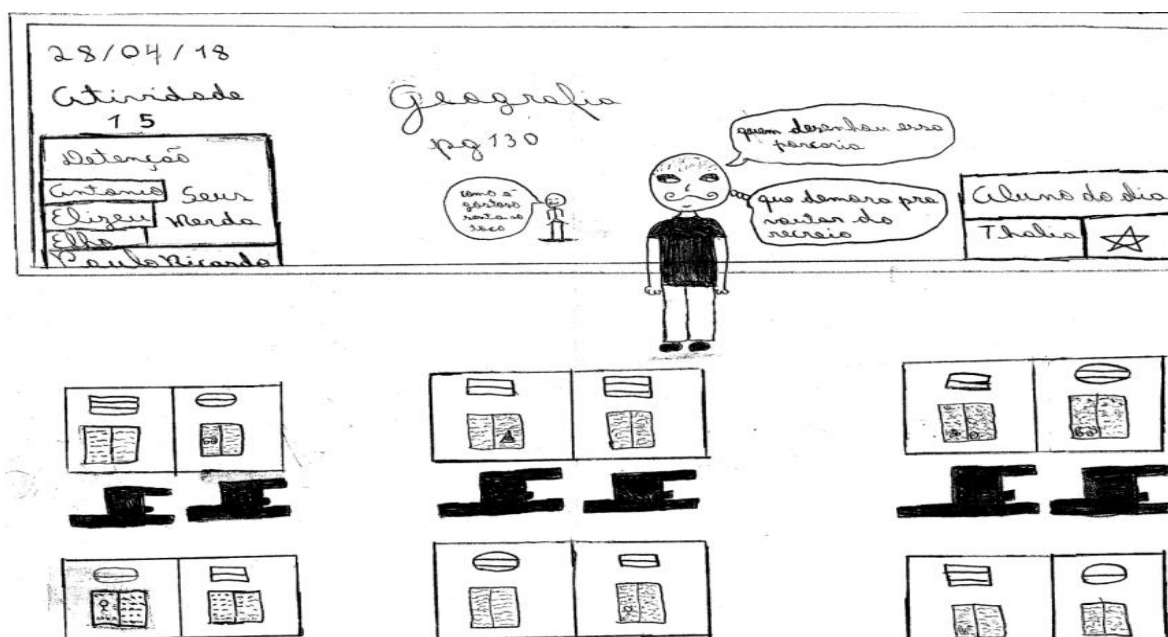


Figura 17 – Acervo da professora-pesquisadora

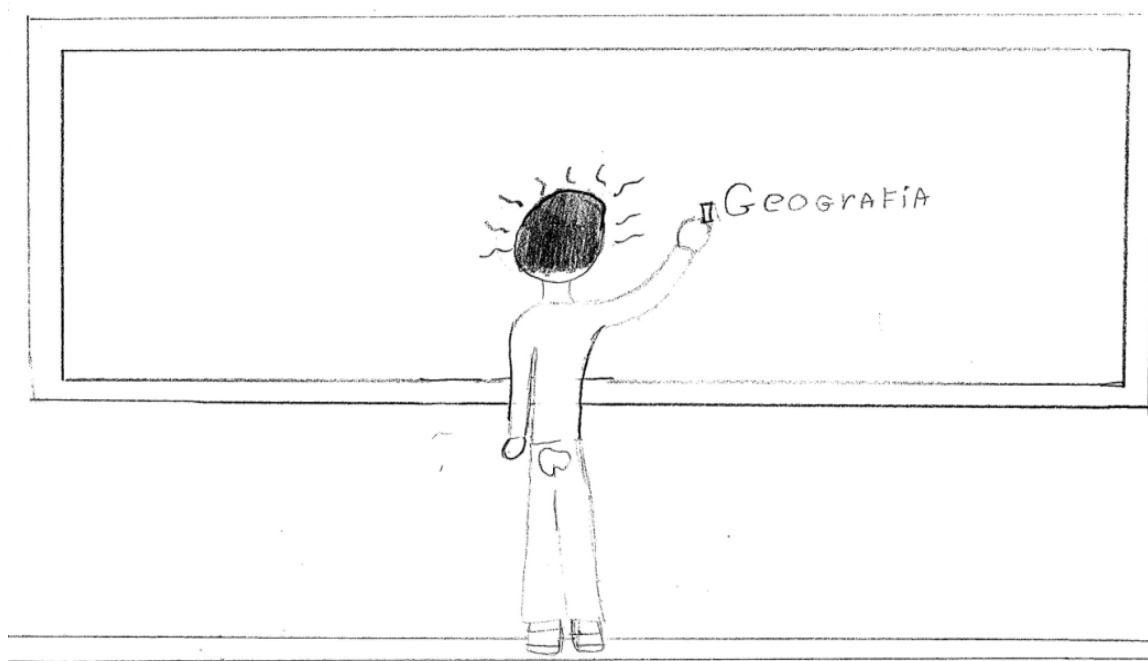


Figura 18 – Acervo da professora-pesquisadora

realizamos a leitura do conto de Ondjaki “Um pingo de chuva”. Sentimos necessidade de trabalhar atividades leves nas aulas seguintes para dar sequência à leitura de contos e produção de textos, pois os alunos apresentavam-se entediados.

Portanto, inserimos nesta sequência básica atividades com a árvore símbolo da África e apresentamos aos estudantes o vídeo da música de Gabriel Pensador *Até quando*. Entregamos a letra da música impressa aos estudantes que assistiram ao vídeo e leram a canção. Estas duas atividades não estavam previstas na sequência básica inicial, no entanto se fizeram necessárias, pois a leitura dos contos e as atividades escritas não estavam apresentando resultados satisfatórios. Os estudantes sentiram-se entediados com a leitura de textos impressos longos.

Nas aulas seguintes, apresentamos aos estudantes dois vídeos sobre a árvore de origem africana Imbondeiro, também conhecido como Embondeiro ou Baobá. Nesta atividade, procuramos mostrar aos alunos a importância desta árvore para os povos africanos e também realizamos uma atividade motivacional e reflexiva sobre cultura e preservação do meio ambiente. Entregamos um texto com a história do Baobá para ser lido em classe. Após assistirem aos vídeos e lerem o texto, os estudantes, em grupo, fizeram o desenho da árvore em cartolinas. O vídeo: *Baobás e árvores exóticas no mundo*; o vídeo: *Conheça essa impressionante árvore africana* e o vídeo: *Um pé de quê?* serviram de inspiração aos alunos para que as representassem através de desenhos e conhecessem a árvore e sua importância para o povo africano. Vejamos as imagens abaixo:

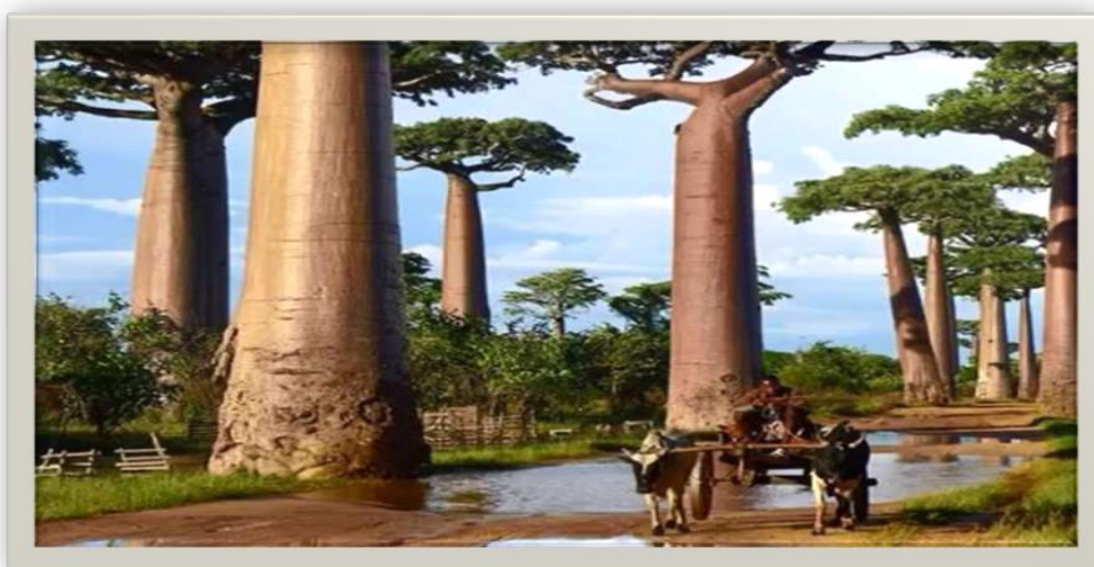


Figura 21 – Vídeo: Baobás e árvores exóticas no mundo com música. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5fixqbCoetg>. O vídeo faz uma viagem para o sul da África para conhecer a árvore símbolo da África.



Figura 22 – Vídeo: Baobá Conheça essa impressionante árvore africana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UBoyVUIAv8c>



Figura 23– Vídeo: Um pé de que?
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GFm-Mu8_8mk



Figuras 24 e 25 – Acervos da professora-pesquisadora



Figura 26 – Acervo da professora-pesquisadora

A atividade com o vídeo de Gabriel Pensador também foi proposta com a intenção de relaxar sem deixar de refletir sobre as questões abordadas até aquele momento. O vídeo de Gabriel Pensador: *Até quando* é um convite à reflexão

acerca das diversas situações de flagelo em que as populações se encontram no mundo.



Figura 27 – Vídeo: Até quando Gabriel o Pensador: Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=-HX1UV-tigY>

Após realizarem atividades de compreensão do texto, responderam as seguintes questões: 1) Qual a principal questão abordada na música? 2) O autor fala sobre a forma passiva com que a população brasileira encara os problemas sociais e políticos. Você concorda com isso? Quais atitudes podem ser tomadas para que haja mudanças significativas para melhorar a vida das pessoas? 3) Pelo que vivenciamos e observamos nos noticiários diariamente, que fatores motivam a desigualdade social e o preconceito racial no Brasil? 4) Que atitudes podem ser tomadas pelos cidadãos para mudar a situação caótica em que grande parte da população brasileira se encontra atualmente? 5) A música, fala sobre a “mudança de postura”. Em seu ponto de vista, o que é mudar de postura? Os estudantes responderam os questionamentos e conversamos sobre as questões abordadas pela música. Nas aulas seguintes, retornamos aos contos, trabalhamos o conto de Maria Helena Spencer “Meu irmão branco”. Apresentamos também o escritor moçambicano Mia Couto com o conto, “A menina, as aves e o sangue” e o conto “Raízes”.

Módulo 5 – Os vídeos sobre a África (previstas 2 aulas), objetivos específicos: Assistir aos vídeos, refletir sobre os problemas enfrentados por quem vive na África, e refletir sobre produções literárias africanas; escrever e reescrever contos. O vídeo: *Passei por um sonho* uma adaptação do texto de José Eduardo Agualusa, conta a história de um menino e um pássaro milagroso.

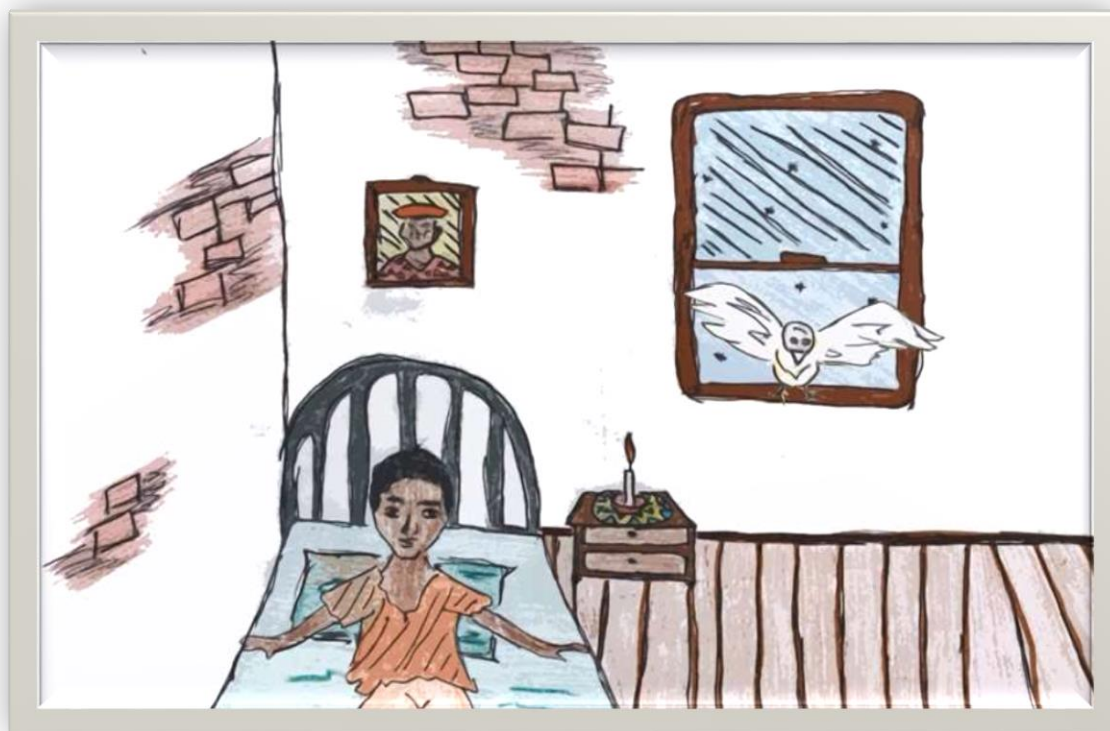


Figura 28 – Vídeo: *Passei por um sonho* texto do autor José Eduardo Agualusa, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fX839ViKOWk>

O vídeo: *Globo Repórter África*, mistérios, belezas e pobreza andam juntos, mostra as belas paisagens africanas, os rios e as cataratas. Os animais encontrados nos parques e florestas. Aldeias do povo Tonga, condições de vida, saúde e educação na África.

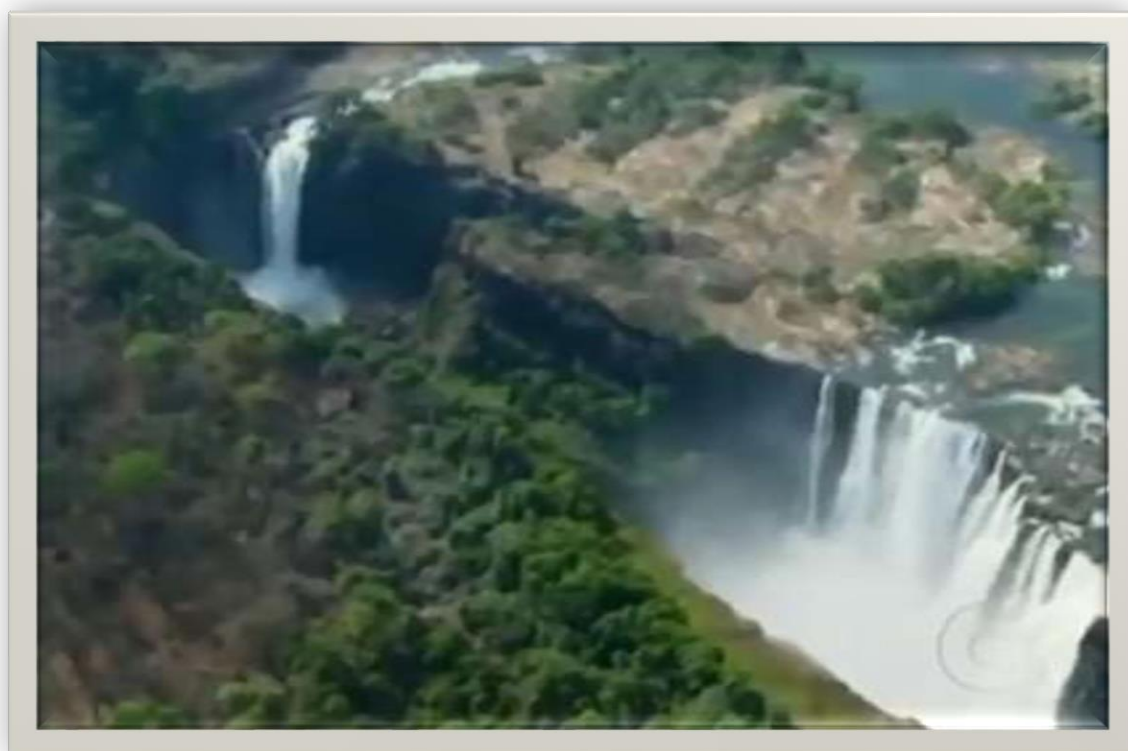


Figura 29 – Vídeo: Globo repórter África, mistério, beleza, riquezas e pobreza.

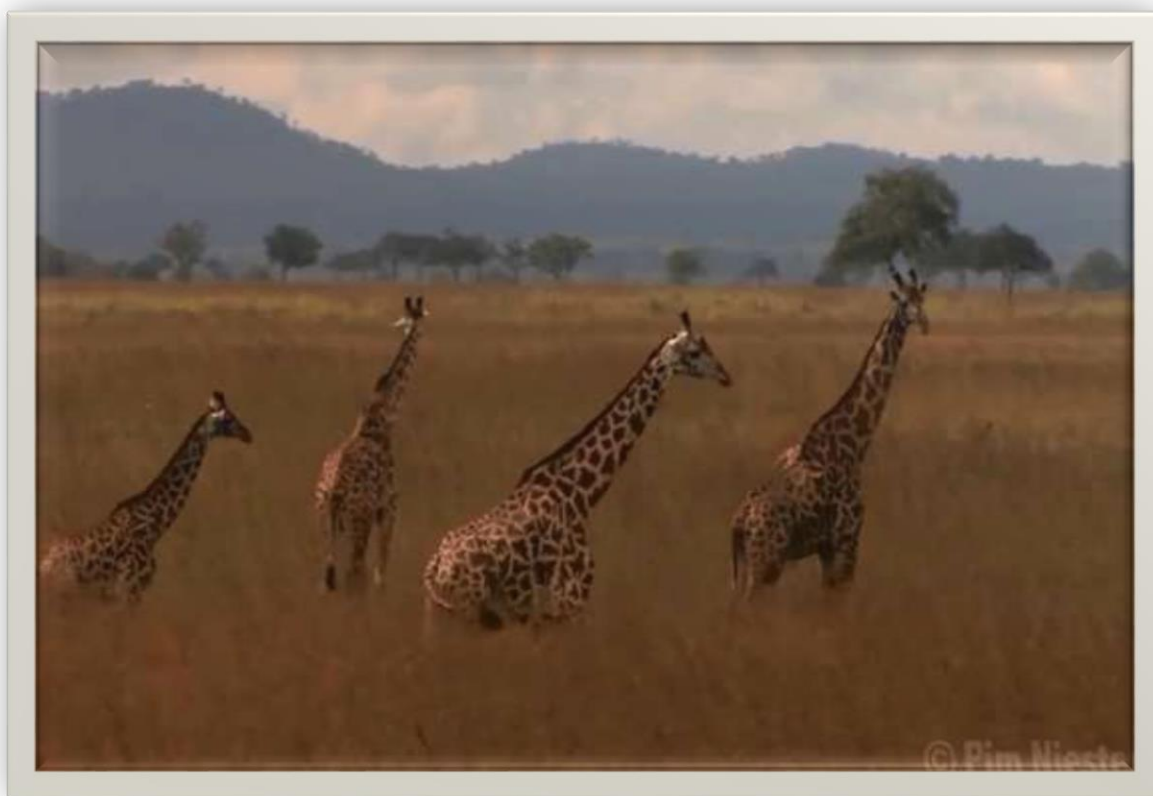


Figura 30 – Vídeo: A geografia da África belezas e contrastes

<https://www.youtube.com/watch?v=jtWNhpV34S4>

Módulo 6 – Os vídeos sobre a África (previstas 2 aulas), objetivos específicos: Assistir aos vídeos informativos para conhecer aspectos relevantes da África; debater os problemas apresentados nos vídeos; produzir textos no gênero conto com base nos vídeos assistidos e também produzir textos com temas livres. O vídeo *a África que nunca vimos e que ninguém nos mostra* apresenta belas imagens de cidades africanas, e nos questiona sobre um continente invisível.

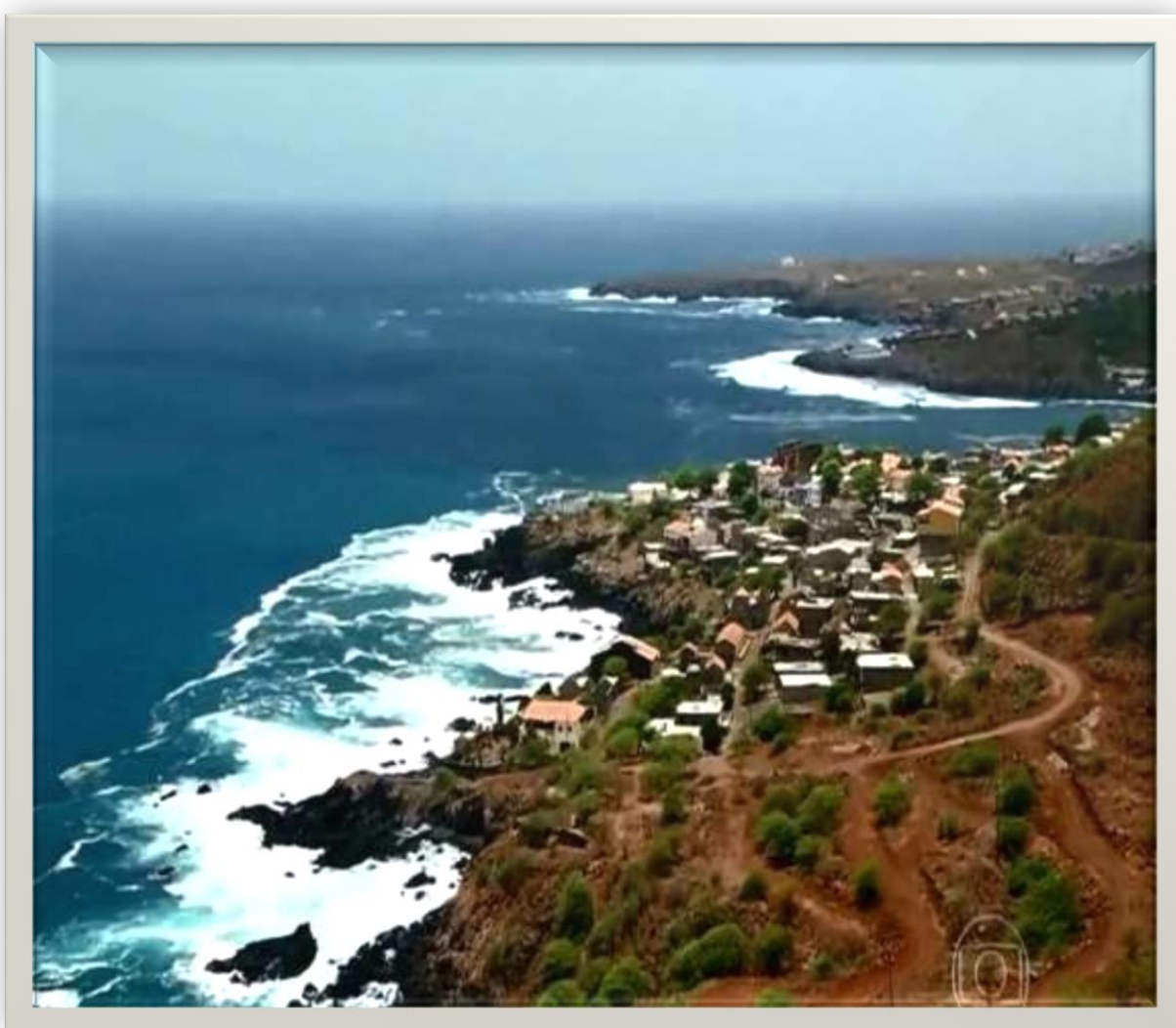


Figura 31-vídeo Cabo Verde, África 2014, Globo repórter 3, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sTNZMvVKCpM> Globo repórter apresenta um país que fala português



Figura 32 – Vídeo: A África que nunca vimos e que ninguém nos mostra
<https://www.youtube.com/watch?v=3vllE0-Xuo0>



Figura 33 – Vídeo Caminhos da reportagem Guine Bissau e Cabo Verde parte 1
disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QulJOKZITXU> O vídeo Caminhos

da reportagem Guiné Bissau e Cabo Verde apresenta situações diversas da vida destes povos que herdaram a língua portuguesa.



Figura 34 – Vídeo Globo: Repórter Moçambique a África que fala português – 2013 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ko82B5bcIAM> O vídeo Moçambique a África que fala português, a vida renasce das florestas devastadas pela guerra. Mar de azul intenso, um curandeiro para cada 80 moçambicanos e 1 médico para cada 35 mil habitantes e eles tratam a maior parte das doenças com plantas. Povo que enfrenta dificuldades com um sorriso no rosto. Abaixo foto dos alunos assistindo vídeo.



Figura 35 – Acervo da professora-pesquisadora. Alunos assistindo aos vídeos

No módulo 7 – Conhecendo os Hipercontos (previstas 2 aulas), os objetivos específicos foram: Ressignificar um conto africano; Relacionar som, imagem, escrita e oralidade no hiperconto; Reconhecer o uso da tecnologia como o processo significativo para a comunicação e aprendizagem; Reconhecer que o hiperconto é uma adaptação da literatura para a era digital; Ler hipercontos disponíveis na internet. Realizamos a visita ao laboratório de informática da escola. A turma foi dividida em dois grupos, sendo 15 alunos por vez, devido ao espaço pequeno e à internet ser de baixa conexão. Agrupamos os alunos em dois computadores e disponibilizamos o site da professora Elenir Fanin para que lessem os hipercontos produzidos. Observemos as imagens abaixo:



Figura 36 – Disponível em: <http://elenirfanin.wixsite.com/hipercontos-9ano>

Os estudantes realizaram também atividades diversas envolvendo cruzadinhas sobre palavras presentes na língua portuguesa e que são de origem africana e assistiram aos vídeos sobre a África. Proporcionamos aos alunos a leitura do hiperconto “Um estudo em vermelho”, de Marcelo Spalding, assim como

os hipercontos digitais de Marcos Celório. Disponibilizamos dois *notebooks* na sala de aula e agrupamos os alunos de três em três para que fizessem a leitura dos hipercontos digitais. Não foi possível disponibilizar um computador para cada estudante, devido à baixa conexão de internet.

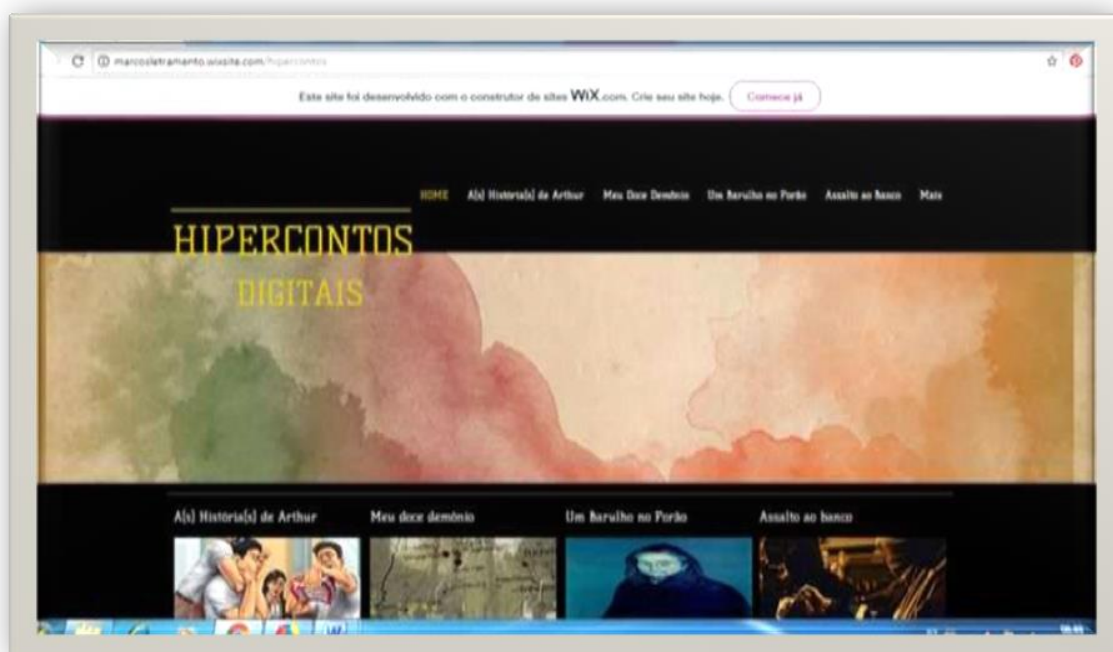


Figura 37 – Disponível em: <http://marcosletramento.wixsite.com/hipercontos/no-aceitou->



Figura 38 – Disponível em: http://www.artistasgauchos.com.br/_estudovermelho/

A leitura do hiperconto “Um estudo em vermelho”, de Spalding foi realizada em sala de aula com o uso do projetor multimídia. A leitura foi feita em voz alta pela professora e os alunos escolhiam a sequência da história. Realizamos a atividade de leitura de hipercontos digitais e escrita dos contos e hipercontos. Após a escrita dos contos, houve também atividades de refacção dos textos.

A refacção dos textos superou nossas expectativas. Os alunos escreveram textos dos quais selecionamos 17 para serem inseridos no site hipercontos digitais, no seguinte endereço eletrônico: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>. Ressaltamos que nem todos os alunos produziram textos e que alguns textos não cumpriam com o objetivo da atividade de escrita. Foram produzidos 28 textos, dos quais foram selecionados 17 e inseridos no site. Abaixo o esquema que representa a construção de hipercontos. O hiperconto surge como possibilidade de produção de textos que se utiliza de *links*, imagens, música, cores e texto, sendo produzido em meio digital e integram a literatura digital.

A partir das leituras e conversas, os alunos se dedicaram à produção do hiperconto, levando em conta a temática africana e temas de interesse, respeitando a estrutura do conto, do hiperconto e os elementos da narrativa. Para garantir a publicação dos textos, criamos uma conta no *site wix.com*. Pesquisamos sobre o site, estudamos, orientamos e acompanhamos a inserção dos textos. Utilizamos o vídeo de Renan Horan *Como criar /fazer site no wix do zero – início ao fim*.

Encontrado no site: <https://www.youtube.com/watch?v=vqlxZ6le3bU>.



Figura 39 – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vqlxZ6le3bU> acessado em 20 de março de 2018

Módulo 8 – Produção de texto sobre a África e suas questões (4 aulas), como objetivos específicos para este módulo elencamos: Valorizar a leitura como fonte de informação e compreender o tema da obra; Debater e refletir a temática do conto; Produzir texto, segundo as condições de produção; Perceber a literatura digital (hiperconto) apresentada no vídeo; Compreender e valorizar a diversidade manifestada nas diferentes linguagens; Reconhecer a importância da internet como ferramenta de pesquisa; Selecionar, corrigir e reescrever textos; Digitar os textos no *Word* no laboratório de informática. Neste momento, dedicamo-nos à produção e refacção dos textos. Os textos selecionados foram digitados e aos poucos inseridos no site, tudo sob orientação da professora-pesquisadora.

Módulo 9 – Literatura digital, produção do hiperconto e de vídeos (6 aulas). Os objetivos específicos para este módulo foram: Relacionar som, imagem, escrita e oralidade no hiperconto; Reconhecer o uso da tecnologia como processo significativo para a aprendizagem; Conhecer aspectos importantes sobre a cultura e a história de Cabo Verde; Produzir vídeos sobre obras do autor africano Ondjaki a partir de leituras de seus livros: *O voo do golfinho*, *Avó dezanove* e *o segredo do soviético*, *Ynari a menina das cinco tranças*, *O convidador de pirilampus*, *Bom dia camaradas*, *Os da minha rua*, *Ombella a origem das chuvas*, *Uma escuridão bonita*, *A bicicleta que tinha bigodes* e *Se amanhã o medo*. Criamos um canal no Youtube, onde foram publicados os vídeos. O canal no You tube encontra-se no endereço maristelaczapela@gmail.com no link: https://www.youtube.com/channel/UCjpJIUraUvLPgiUHCwIAy0g?view_as=subscriber

Vejamos a seguir vídeos produzidos pelos alunos do 9º ano B sobre obras do escritor angolano Ondjaki. A história de *Ombella* conta a origem das chuvas, segundo os africanos.



Figura 40 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *Ombella: a origem das chuvas* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MAqvhHMR4wc>

Ynari: a menina das cinco tranças retrata de maneira brilhante que é possível inventar palavras e também destruir palavras, e Ynari decide destruir a palavra guerra.



Figura 41 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *Ynari: a menina das cinco tranças* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ebWtnvzD3Eq>

Em *Os da minha rua*, músicas, lugares e cheiros estimulam as lembranças do escritor angolano Ondjaki, no livro *Os da minha rua*, publicado pela editora Língua Geral. Neste livro, Ondjaki passeia pela infância, vivida em Luanda nas décadas de 1980 e 1990.

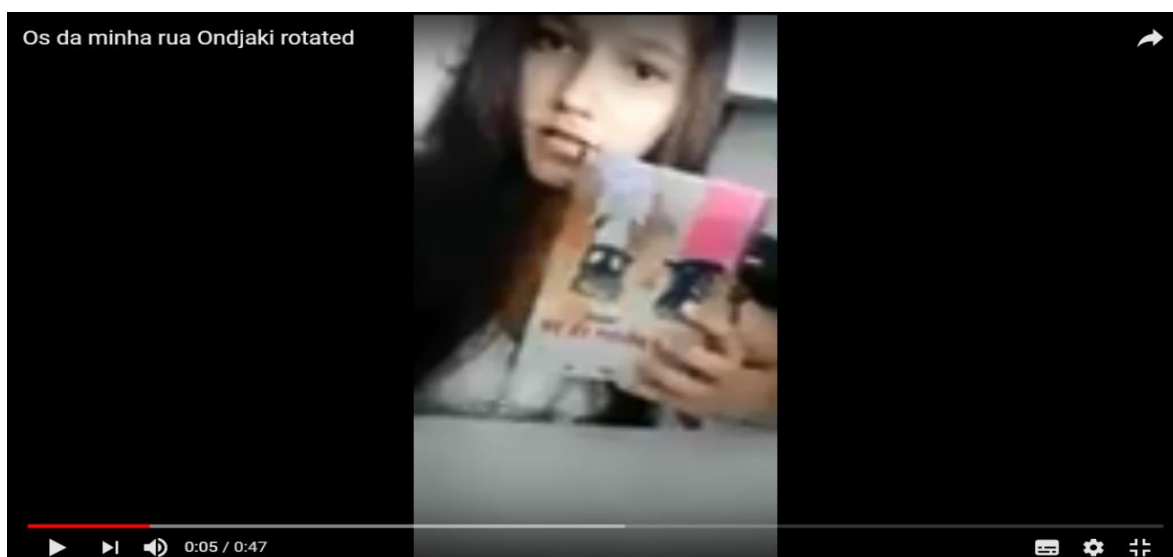


Figura 42 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *Os da minha rua* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KZ4qFD3GAA4>

No livro *Bom dia camaradas*, Ondjaki conduz o leitor a uma Luanda dos anos 1980 com professores cubanos, escolas entoando hinos matinais e jovens de classe média é o cenário de *Bom dia, camaradas*. Do universo do romance também fazem parte as lembranças dos cartões de abastecimento, as desigualdades sociais e os conflitos entre modernidade e tradição.



Figura 43 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *Bom dia camaradas* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4nDoN89ahC0>

Em *E se amanhã o medo*, uma mulher solitária recorre a um especialista na esperança de ‘renovar o órgão primeiro, o bombeador de sensações, a casa mais íntima de um ser humano’. Um homem tira dúvidas numa esquina qualquer. Uma

moradora de rua é violentada. Um jovem viajante é forçado a tomar uma vacina. Velhos passeadores de cães desaparecem sem deixar rastro. Um livro de contos.

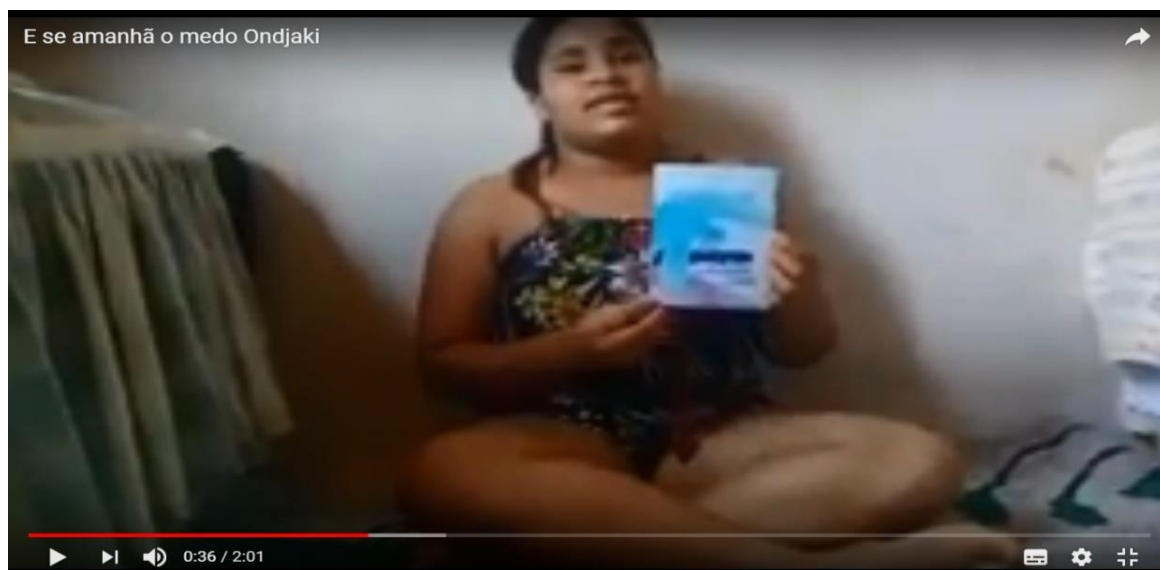


Figura 44 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *E se amanhã o medo* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rG2SnqhdWMs>

Em *O voo do golfinho*: Como os seus companheiros, aquele golfinho cresceu no mar. Ele gostava de brincar, de nadar, de sorrir..., mas sempre saltava mais alto que os outros de sua espécie. Certo dia, quando o mar estava muito liso, ele deu um salto ainda maior e se viu espelhado na água. Para sua surpresa, seu corpo estava diferente: o bico, o tronco e até mesmo o olhar pareciam de pássaro.



Figura 45 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *O voo do golfinho 2* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pajmXrGZGE4>

Em *O convidador de pirilampus*: Não achas que podem ficar tristes, esses pirilampus dentro de uma gaiola que fica dentro do teu quintal?

– Se estivessem tristes, acho que não brilhavam assim. – E se estiverem a brilhar de tristeza? – perguntou o Avô. – Não tinha pensado nisso. Perto da Floresta Grande vive um menino e o seu Avô. O menino gosta de cientistar coisas: Já inventou um aumentador de caminhos e um convidador de pirilampus. Fala em código Morse com eles.



Figura 46 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *O convidador de pirilampus* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ewYhyRqW8H4>

Em *Avó dezanove e o segredo do soviético*: A Praia Do Bispo é um bairro tranquilo de Luanda: o Velho Pescador cuida de sua rede, o Vendedor de Gasolina espera um cliente que nunca chega, Avó Agnette e Avó Catarina conversam com a vizinha e ralham com os miúdos. As obras de um mausoléu, porém, transformam e ameaçam o cotidiano: soldados soviéticos comandam a construção, e o projeto ameaça desalojar os moradores. As crianças da Praia Do Bispo assistem a tudo com seus olhos inocentes, mas agudos, e divertem-se com as brincadeiras de rua e a extravagância dos estrangeiros



Figura 47 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *Avó Dezanove e o segredo do Soviético* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ASgWXYyaWIU>

Em *A bicicleta que tinha bigodes*: Certo dia a Rádio Nacional de Angola promove um concurso e oferece como grande prêmio uma bicicleta para a criança que escrever a melhor história. Um menino resolve participar e vai correndo pedir ajuda ao seu tio Rui, que era escritor.



Figura 48 – Acervo da professora-pesquisadora. Vídeo *A bicicleta que tinha bigodes*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1pv-oflLkDc&t=39s>

Foram distribuídos livros de literatura africana de língua portuguesa do escritor angolano Ondjaki aos alunos do 9º ano B, para que fizessem a leitura das obras em casa. Como atividade solicitamos aos estudantes que gravassem um

vídeo sobre a história que cada um havia lido. Surpreendeu-nos a desenvoltura de certos estudantes para com o uso das tecnologias, no entanto foi difícil, pois nem todos eles se dispuseram a gravar os vídeos. Observamos aqui que mesmo sendo nascidos na era digital, a tecnologia parece que os assusta. Realizamos também a socialização das leituras, cada estudante falou sobre a obra que leu aos colegas, desse modo ao final da atividade todos conheceram as histórias de Ondjaki.

Módulo 10 – Encerramento do Projeto de Intervenção (4 aulas), como objetivos específicos, tivemos: Assistir ao filme *Rainha de Katwe* e refletir sobre questões que envolvem os africanos; produzir textos seguindo as condições de produção; reescrever textos de acordo com as normas de produção. Inserir os textos no site, escolher imagens e músicas para serem inseridas no site e avaliar o projeto.

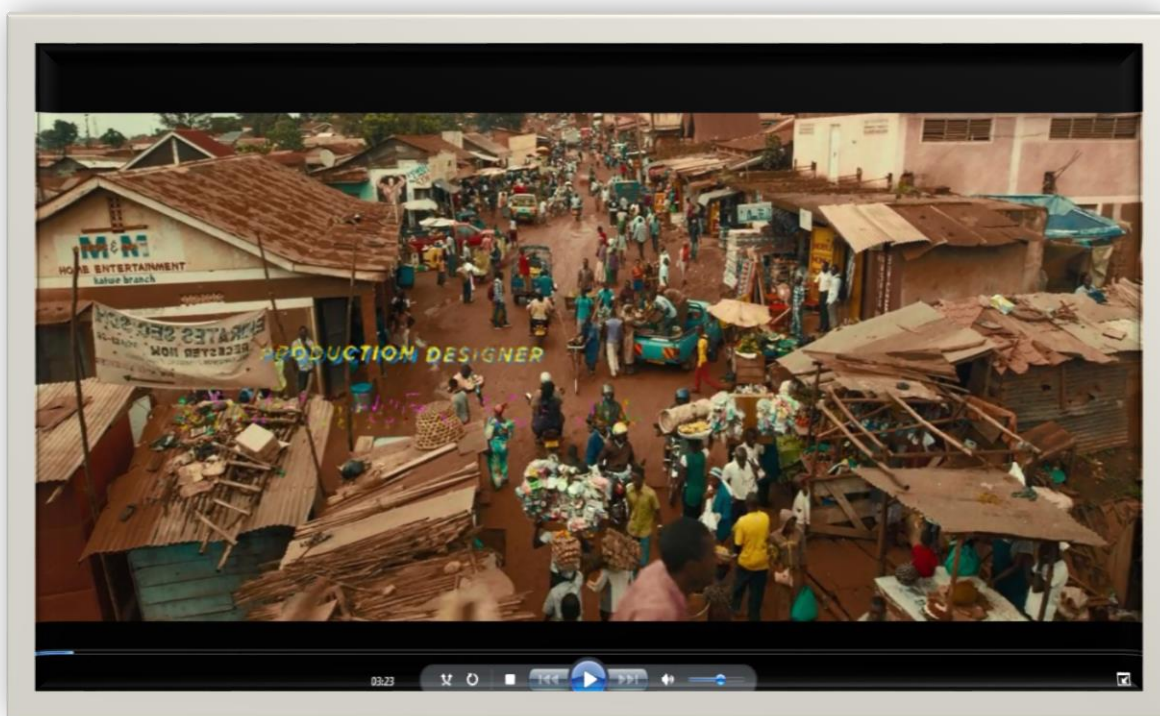


Figura 49 – Acervo da professora-pesquisadora. Disponível https://www.google.com.br/search?q=filme+rainha+de+Katwe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjz6n_0L7dAhWMIJAKHXIvD9UQ_AUICygC&biw=1366&bih=662#imgsrc=gBILEZK1bcw1cM

O filme *Rainha de Katwe*, baseado em fatos reais, conta a história de uma garota que vive em uma comunidade pobre de Uganda. Phiona mora com sua mãe e irmãos e ajuda a vender milho nas ruas de Kampala para o sustento da família. Um dia Mugabi, irmão de Phiona, desaparece sem dizer aonde vai. Phiona o segue, assim descobre o xadrez e conhece o treinador Robert Katende que dá aula

de xadrez para muitas crianças pobres de Kampala.

Phiona aprende a jogar xadrez e demonstra habilidade com o jogo, seu desempenho a leva a disputar um torneio internacional. O xadrez mudou a vida da menina e de sua família. A história de superação destaca o empoderamento feminino, pois ao longo do tempo a personagem ganha confiança e passa a acreditar mais em si mesma, podendo, assim, se concentrar em desenvolver suas habilidades. O momento em que ela ganha o título de “melhor entre os meninos” é uma forma sutil de mostrar ao público que as qualidades de Phiona vão além das limitações de gênero. Fica a sugestão de um bom filme para assistir com amigos. Quando você tem um sonho tudo é possível. Vejamos a seguir alguns textos dos alunos após assistirem ao filme.

Rainha de Katwe

O filme mostra a vida de uma menina chamada Phiona, que mora em Uganda, na cidade de Kampala, na comunidade chamada Katwe. Ela vivia em condição muito precária, ela quase não tinha o que comer a mãe de Phiona, Harret batalhava muito para pôr comida na mesa. Um belo dia Phiona descobriu o xadrez, e com o tempo foi evoluindo no jogo, a mãe dela no começo não gostou muito da ideia. Mas com o tempo ela mudou de ideia, Phiona mesmo com as dificuldades não desistiu, mesmo perdendo um campeonato na Rússia, ela não parou de jogar, mesmo sendo um filme, eu aprendi muita coisa, por exemplo: com muita persistência você pode atingir o seu objetivo. Aluno: N. L. P.

Rainha de Katwe

O que me chamou atenção foi o finalzinho do filme, quando Phiona acredita em si mesma e que ainda há esperança para mudar a história de sua família. Resolve morar um tempo na casa de seu treinador de xadrez, para estudar e aprender mais suas jogadas, apesar de ser muito inteligente.

Phiona não desiste, mesmo com tanta dificuldade, após participar do campeonato nacional em Uganda e ter ganhado ela finalmente consegue realizar o seu sonho de dar uma boa casa e uma vida melhor para sua família. Phiona, seu irmão e seu treinador vão até a vila de Katwe buscar sua mãe e seu irmãozinho

para conhecerem a nova casa, vão para a cidade sem sua mãe saber para onde vai e o que está acontecendo, chegando lá a mãe de Phiona fica emocionada com seu novo lar. Na porta da casa aparece sua irmã Night com seu filho no colo.

Uma história muito bonita que nos dá uma lição de vida, cada um de nós tem um grande potencial e mesmo na dificuldade devemos alcançá-los. Aluna: A.C.

Rainha de Katwe

Phiona é uma menina africana que é mestra no xadrez. Vou contar uma pequeninha história. Phiona foi disputar jogos escolares de xadrez junto com seus colegas e treinador. Eles foram campeões, Phiona começou então a disputar muitos torneios e ganhar também, só que sempre enfrentou muita dificuldade. Ela disputou um torneio muito grande, mas perdeu ficou muito triste e depois se recuperou e ganhou outro torneio e assim mudou sua vida e de sua família. O que mais me impressionou na história é que ela nunca desistiu de mudar a sua vida e da sua família. O que eu aprendi com essa história é nunca desistir do que a gente quer, sempre conseguimos vencer o objetivo. Aluno: P.

A Rainha de Katwe

Uma garota muito pobre da África começou a jogar xadrez. No começo, ela sofria *bullying* das outras crianças da escola de xadrez. Porém logo ela começou a ficar boa em xadrez e ganhou de todos da escola. Então, ela começou a participar de torneios e acabou ganhando todos os torneios e com as recompensas ela ajudava sua família que era muito pobre.

Em um dos torneios que ela participou, perdeu, foi sua primeira derrota e ela reagiu de uma maneira horrível, quis desistir do seu sonho de se tornar mestra. Mas com conselhos e ajuda ela voltou a jogar. Sua família passou por momentos ruins onde seu irmão foi atropelado e sua irmã foi embora para se prostituir, sua mãe foi despejada de casa e eles passaram a morar nas ruas e isto só fez com que Phiona se esforçasse muito para sair da pobreza. Após algum tempo ela participou de outro torneio muito importante e ganhou assim se tornou mestra e comprou uma casa para sua família longe da favela e sua vida melhorou. Aluna: A. C.

Quanto aos hipercontos, para melhor compreensão da atividade,

apresentamos a seguir a página inicial dos hipercontos onde dezessete foram publicados no site <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>. Inserimos todos os textos dos alunos que cumpriram com o objetivo do trabalho. Selecionamos três para apresentar ao leitor do nosso trabalho. Vejamos abaixo as imagens:

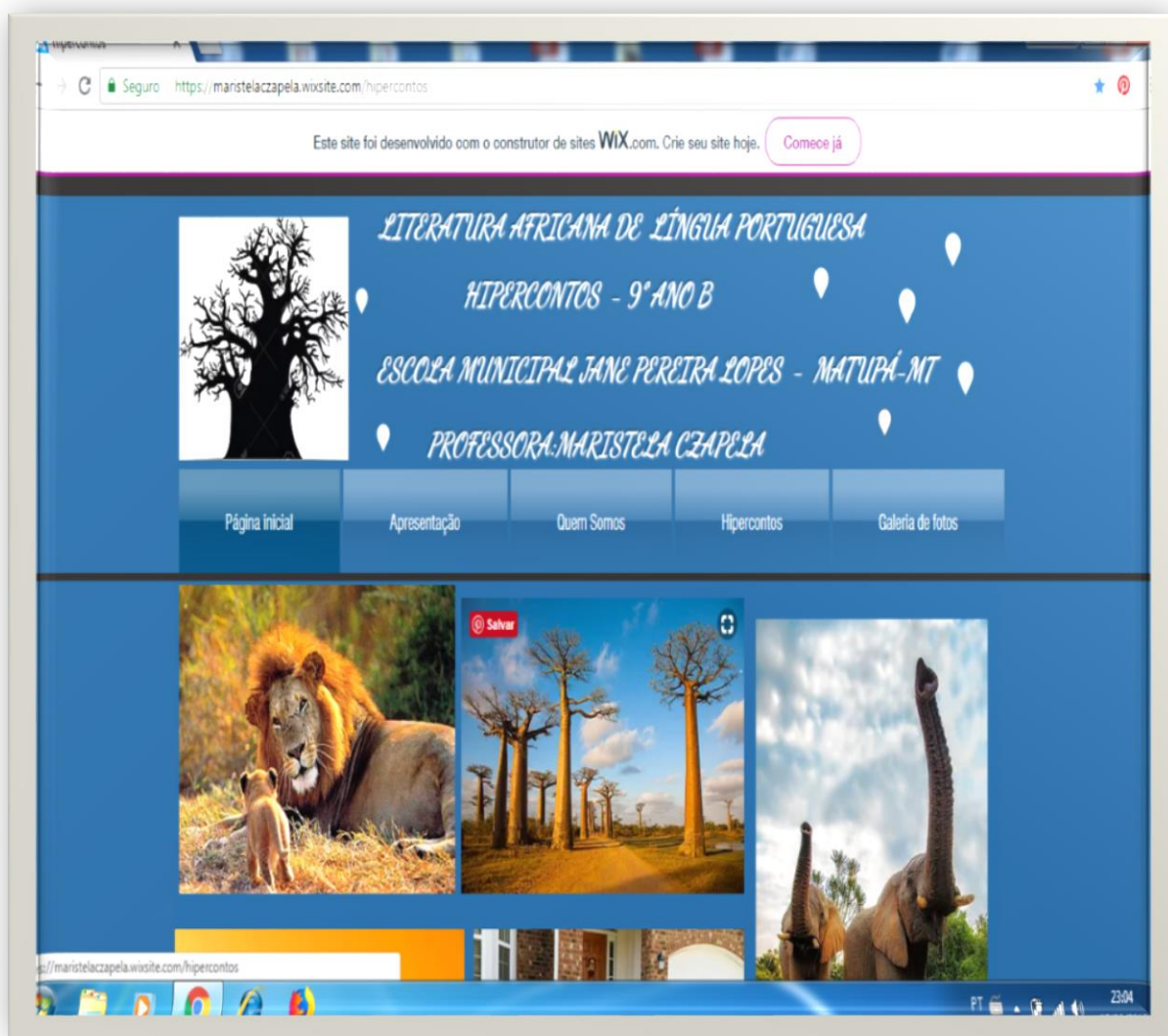


Figura 50 – Acervo da professora-pesquisadora. Página inicial do site disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

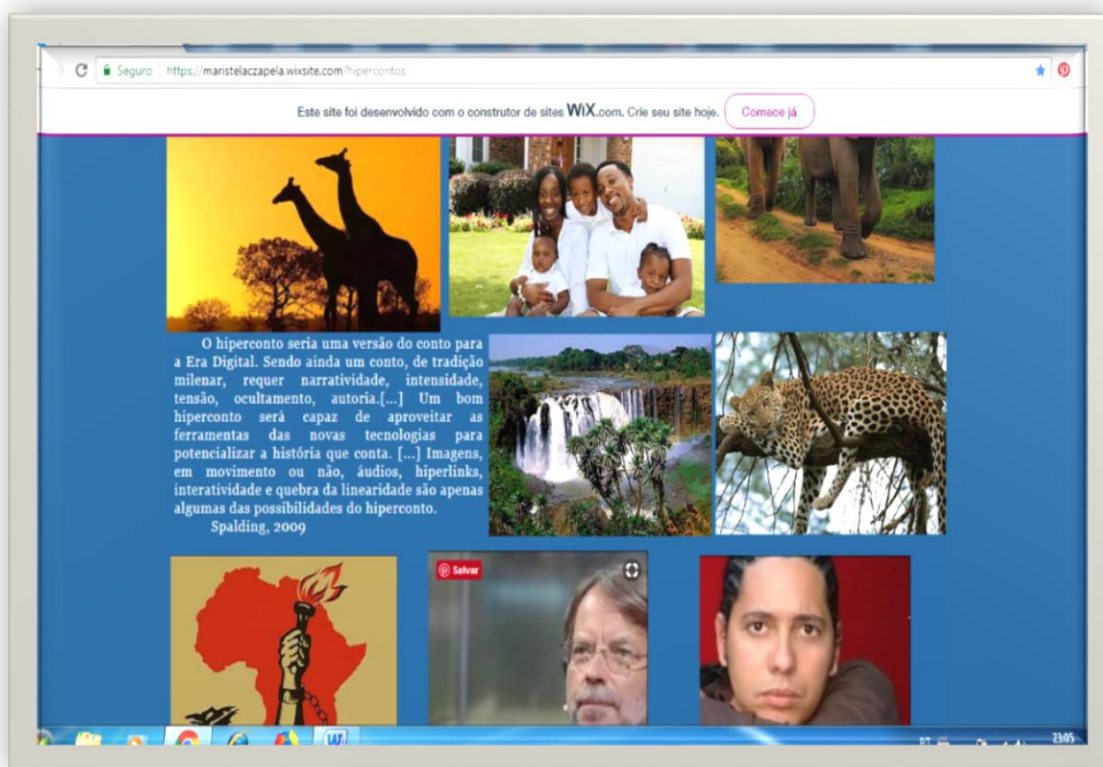


Figura 51 – Acervo da professora-pesquisadora. Página inicial do site Disponível: <https://maristelaczapek.wixsite.com/hipercontos>



Figura 52 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “O elefante Chivando”

Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

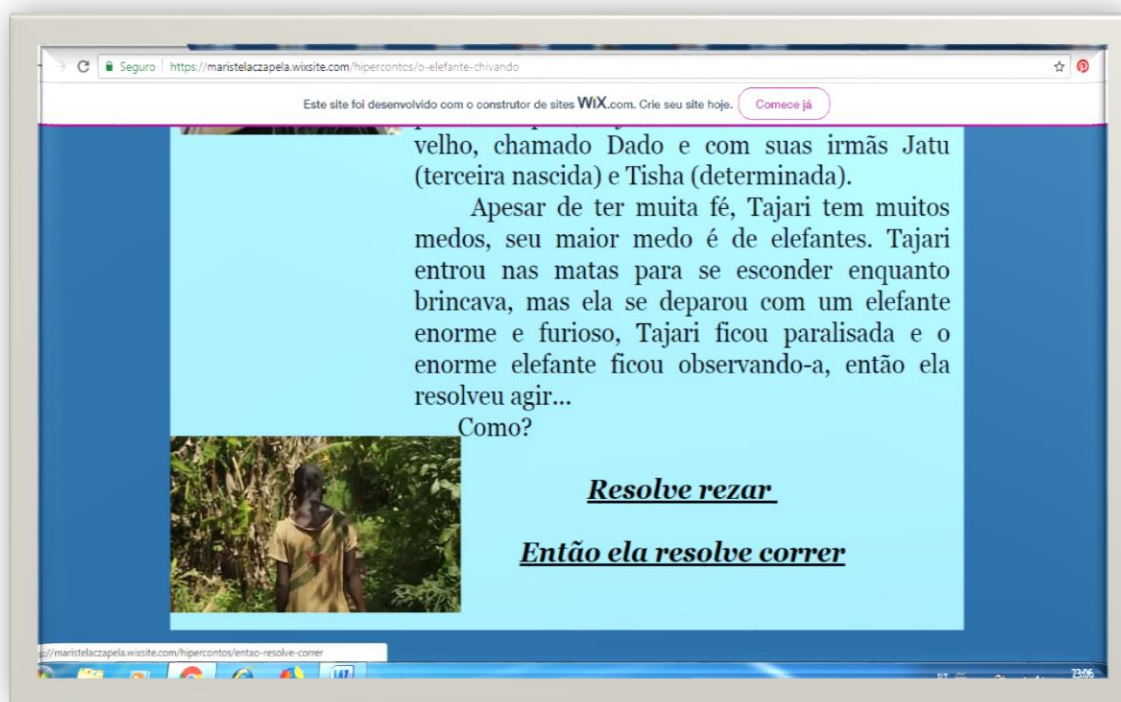


Figura 53 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “O elefante Chivando”
Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

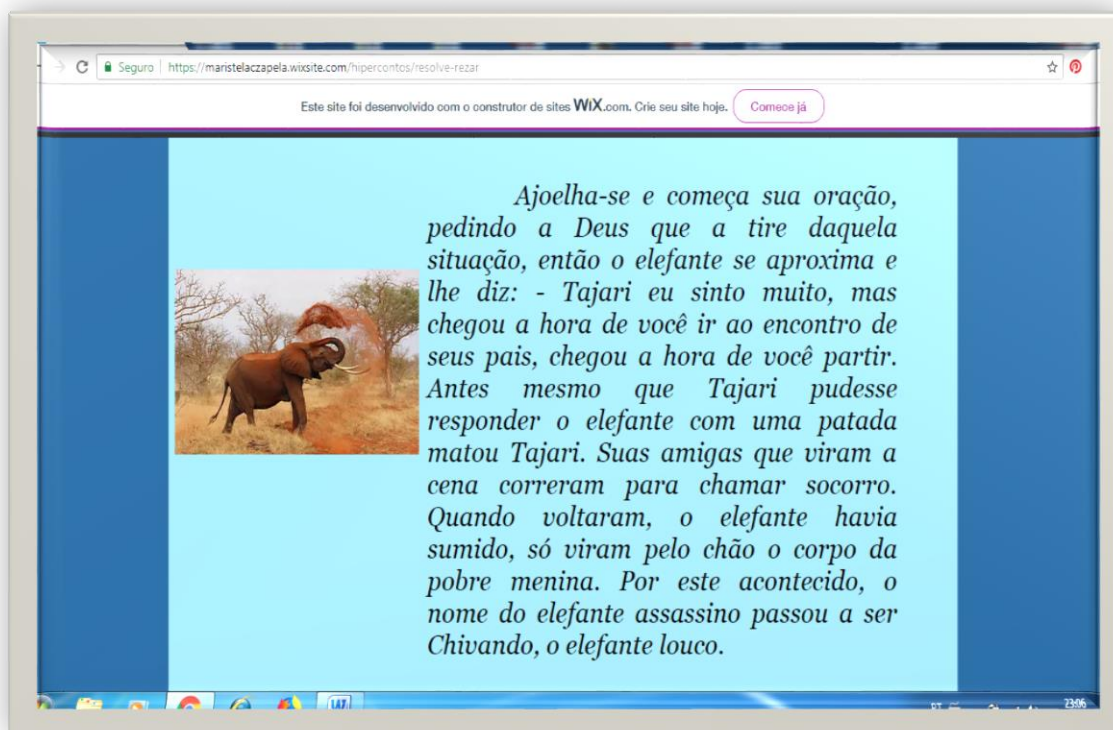


Figura 54 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “O elefante Chivando”.
Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>



Figura 55 – Acervo da professora-pesquisadora. “O elefante Chivando”. Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

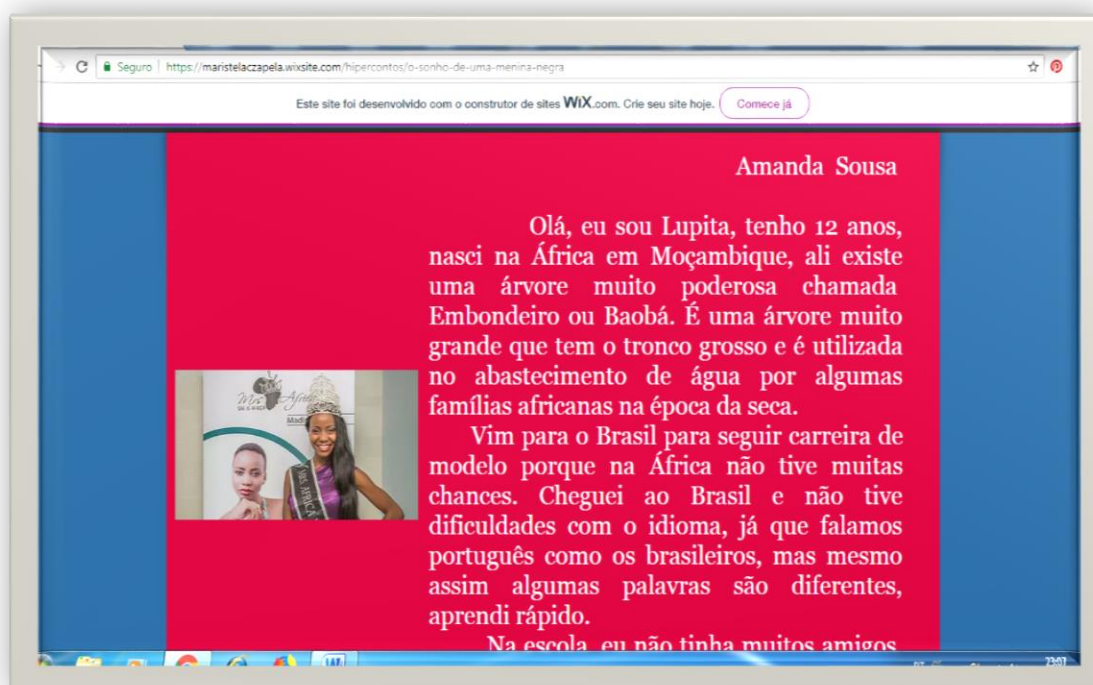


Figura 56 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “O sonho de uma menina negra”. Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

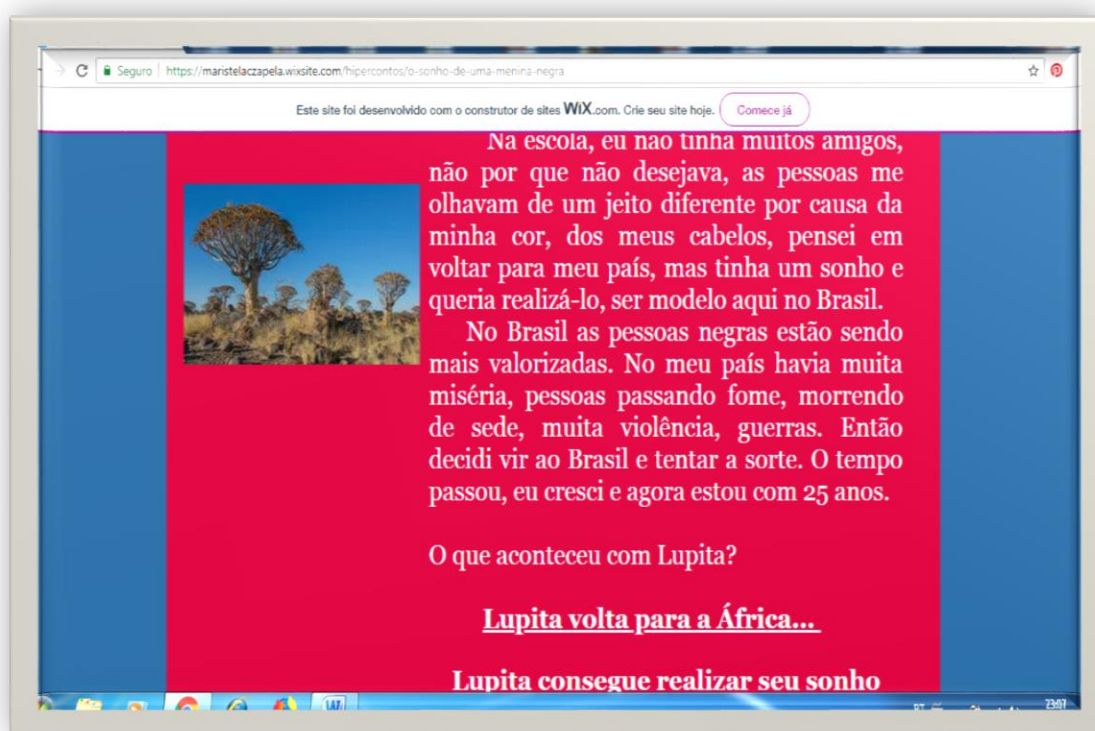


Figura 57 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “O sonho de uma menina negra”. Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>



Figura 58 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “O sonho de uma menina negra”. Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

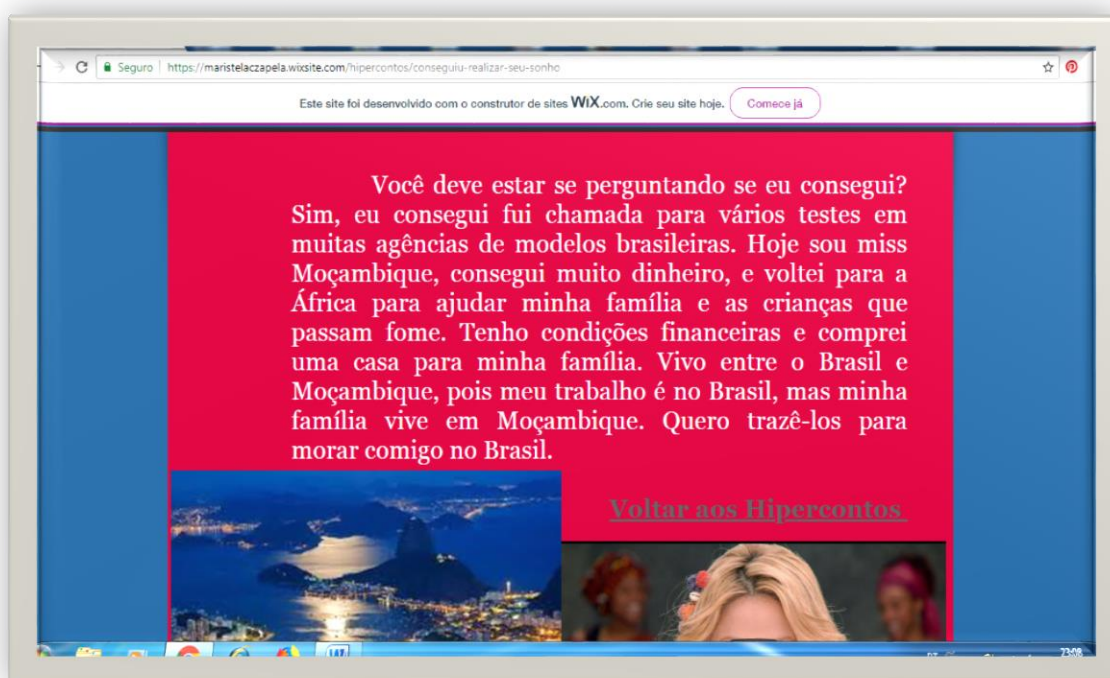


Figura 59 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “O sonho de uma menina negra”. Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

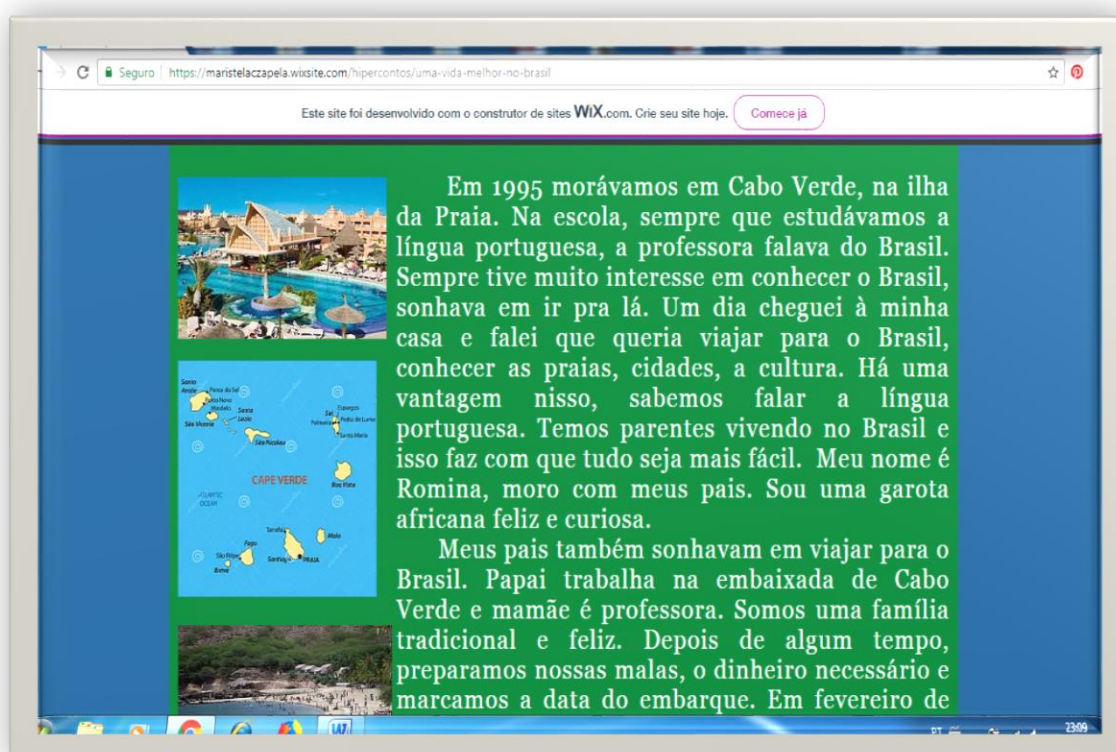


Figura 60 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “Uma vida melhor no Brasil”. Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

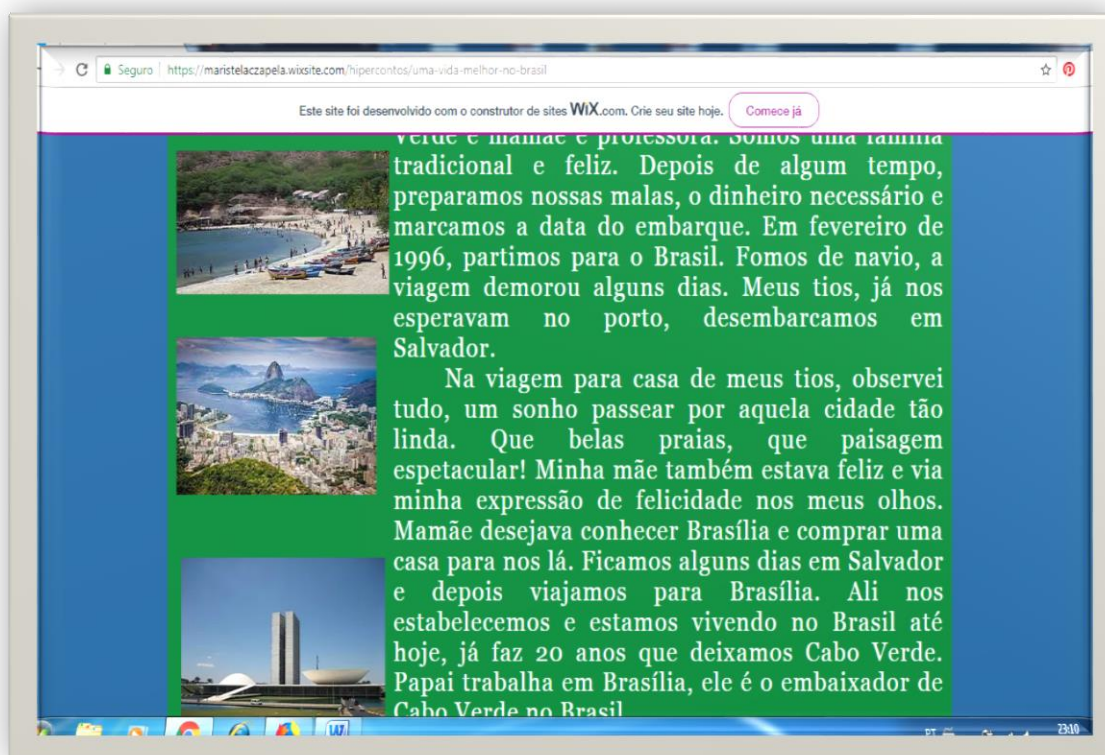


Figura 61 – Acervo da professora-pesquisadora. Hiperconto “Uma vida melhor no Brasil”. Disponível em: <https://maristelaczapela.wixsite.com/hipercontos>

A organização do site e a criação das páginas foram programadas e pensadas pela professora-pesquisadora em coautoria com os alunos quanto às imagens, músicas e plano de fundo das páginas, bem como quanto à cor. Os hipercontos publicados são o resultado final das atividades desenvolvidas durante dois semestres com a turma de 9º ano B da Escola Municipal Jane Pereira Lopes. Ressaltamos que houve envolvimento dos alunos quanto ao letramento literário e digital durante a realização das etapas. As atividades de seleção das imagens e sua inserção no site foram prazerosas aos estudantes. Percebemos que eles possuem afinidade com a tecnologia. Ao fazermos a análise detalhadamente sobre os processos de produção dos hipercontos, destacamos o letramento literário e digital presente durante a execução das atividades. No entanto, alguns alunos não produziram o texto solicitado e outros o fizeram de tal maneira que não foi possível utilizá-los, uma vez que os textos fugiram da proposta de trabalho aqui apresentada.

Os hipercontos “O sonho de uma menina negra”, “O sequestro do presidente” e “Princesa Jacke” representam o resultado final da produção de texto

dos alunos durante os módulos e etapas deste estudo, o que apresentamos tem a ver com letramento literário e digital. Após o término das postagens, o site foi apresentado à turma para que todos pudessem ver os textos e como ficou o site depois de concluído.

No hiperconto, “O sonho de uma menina negra”, observamos um enredo baseado nos vídeos assistidos pela turma e contos que foram lidos durante a aplicação deste projeto de intervenção. A temática do hiperconto apresenta coerência com os elementos da narrativa, além da combinação de diversos ícones digitais que contribuíram para a construção de sentido do texto.

No hiperconto, “O sequestro do presidente”, observamos um enredo baseado em filmes de ação muito apreciados pelo público adolescente. O texto apresenta elementos da narrativa e combinação de ícones digitais que auxiliam o leitor na significação da história.

No hiperconto, “A princesa Jacke” constata-se a leitura de romances e histórias de amor que muitas vezes permeiam o universo dos adolescentes de modo geral.

4.4 Autoavaliação do projeto

Após a execução do projeto, preocupamo-nos em saber como os estudantes o avaliaram, o que aprenderam e possíveis sugestões para melhorar as atividades e questões sobre a África nos próximos trabalhos a serem desenvolvidos. Segundo o dicionário *online* Dicio 2018 define-se avaliação como

Substantivo feminino. Ato de avaliar, de mensurar ou determinar o valor, o preço, a importância de alguma coisa: avaliação de uma obra de arte. Cálculo do valor comercial de uma propriedade, definindo o preço mais provável pelo qual uma propriedade pode ser comprada ou vendida. Valor ou importância atribuída pela pessoa especializada em avaliar. Prova, exame ou verificação que determina ou verifica a competência, os conhecimentos ou saberes de alguém: avaliação escolar. Exame que determina as principais características de; cálculo, análise. Etimologia (origem da palavra *avaliação*). Avaliar + ação. Dicio, (2018, p. 01).

A avaliação faz parte do nosso dia-a-dia, estamos sempre ou quase sempre avaliando e também sendo avaliados. E nesse momento interessa-nos o fragmento do conceito de avaliação que se refere ao conhecimento, aos saberes adquiridos

por alguém durante a execução de uma atividade, de um projeto. Para corroborar com nossa pesquisa buscamos também o conceito de avaliação proposto nos PCNs que de maneira geral orientam as escolas brasileiras quanto a verificação da aprendizagem dos estudantes. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), quando a avaliação não se restringir ao sucesso ou fracasso dos estudantes,

é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa de aprendizagem [...]. Brasil, (1997, p. 55).

Neste contexto, ressaltamos a importância da avaliação durante as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola. E por meio dos textos citados logo abaixo, percebe-se que os estudantes se envolveram nas atividades do projeto de intervenção de tal modo que o nome do escritor angolano Ondjaki foi mencionado muitas vezes, surpreendeu-nos também o destaque dado ao site de hipercontos. Então compreendemos que os letramentos literário e digital ocorreram durante a aplicação do projeto e sabemos que os mesmos continuarão ocorrendo na vida destes adolescentes pois sensibilizados pelas temáticas africanas e por outras temáticas acreditamos que seguirão talvez pelos caminhos da escolarização. Reconhecemos a avaliação como elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino, os PCNs (1997, p. 56) asseveram avaliação como “conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma; conjunto de ações que busca obter informações sobre o que foi aprendido e como”, a partir da avaliação o professor pode direcionar sua prática pedagógica e verificar se realmente o ensino oferecido cumpriu com sua finalidade. Ainda segundo os Parâmetros Curriculares (1997, p. 58), “avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja a propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito das suas consequências”. No intuito de verificar sobre a aprendizagem no projeto de intervenção aplicado, pedimos aos estudantes que redigissem um pequeno texto sobre o que haviam aprendido e ao iniciarmos as atividades do projeto também solicitamos aos estudantes que produzissem um

texto sobre a temática africana para observarmos suas percepções enquanto escritores. E para concluirmos nossas reflexões acerca da avaliação, citamos o pesquisador Luckesi (2006, p. 01) que assegura que “a avaliação é constituída de instrumentos de diagnóstico, que leva a uma intervenção visando à melhoria da aprendizagem. [...] é um ato dialógico, que implica necessariamente uma negociação entre o professor e o estudante”.

Salientamos também que durante a aplicação do projeto preocupamo-nos com os sinais de cansaço, desânimo ou outros percebidos nos estudantes e mudamos alguns passos da proposta inicial da pesquisa, pois os resultados esperados não estavam a contento. Ressaltamos que as concepções atuais de avaliação conforme Vasconcelos (2005, p. 72) apud Gaspar & Levandovski (2008, p. 06) priorizam “a construção do conhecimento [...] o professor vai acompanhando a construção do aluno e percebendo o nível em que o mesmo se encontra [...] possibilitando a interação na perspectiva de superação do senso comum”. Dentre algumas percepções por nós já elencadas estão o pouco conhecimento sobre o continente africano, o letramento e os multiletramentos que ocorrem talvez muito lentamente na turma de estudantes pesquisada. Seguem alguns textos de Autoavaliação selecionados.

O que meus me chamou a atenção no projeto foi a maneira fácil e legal, de aprender sobre a África fazendo casa-palavra, livros, vídeos e cruzadinhas.

Eu aprendi muito sobre a África a vida do pessoal de lá, que como muitas pessoas, pensam que lá é só pobreza e miséria, mas na verdade tem muitas riquezas.

Outra coisa que eu aprendi foi sobre o escritor Ondjaki que nasceu em Luanda e que já escreveu livros muito bons.

Jed Felipe Duarte 9º B

Figura 62 – Acervo da professora-pesquisadora

Africa

O que mais me chamou atenção foi na cultura que o povo africano tem, a arte, todas aquelas joias que as mulheres usam.

Eu aprendi muita coisa, aprendi que na África não tem só miséria, tem muitas coisas de valor.

Pro mim acho que deveria melhorar algumas coisas na África tipo: Saneamento, porque diminui-rio as doenças e a contaminação.

Na África tem muita coisa bonito e também tem muito riqueza.

Foi mais ou menos isso que eu aprendi so- bre a África.

Amanda Patrícia Sousa Pinheiro
9º Ano B.

Figura 63 – Acervo da professora-pesquisadora

O que mais me chamou atenção foi as culturas diferentes e outras tão parecidas as do Brasil as línguas as comidas, aprendi como são os hábitos de algumas pessoas. A gente aprendeu várias palavras e coisas que tem origem da África que hoje são muito cultivadas no Brasil. Assistimos um filme com o nome de "A rainha de Katsi" que mostrava um pouco da realidade da África, de como é difícil a realidade deles mais não só a de lá. Fizemos também um site com hipercontos contando sobre a África e as histórias de lá.

Stefany Kades 9º B

Figura 64 Acervo da professora-pesquisadora

Nô decorre das aulas e que mais chamou minha atenção foi sobre que a África não ~~se~~ se miséria como imaginamos. Há também cidades lindas, e que sua cultura está espalhada pelo mundo nos dando conhecimento sobre tudo que eles viveram, eu aprendi muito sobre o escritor de literatura Africana Indjak e como a vida dele influenciou para que ele virasse um renomado autor de literatura.

Através de seus livros eu fiz um hiperconto sobre a África onde eu coloquei meus conhecimentos à prova.

Outro ponto muito importante que eu aprendi e que muitas palavras, danças e música que conhecemos são de origem africana e nos mostrar como a cultura africana faz parte do nosso cotidiano. As aulas foram muito interessantes e informativas pois através de vídeos, filmes, livros e muitos outros meios, eu sei agora a importância da cultura africana para todos nós.

Galvula Barbosa Silva
9º "B"

Figura 65 – Acervo da professora-pesquisadora

Durante as aulas sobre a África, fiquei impressionada com a cultura africana, com suas diversidades das vegetações, roupas, instrumentos e religião. Achei conhecer o escritor Indjaki e suas obras. Suas obras e sua história de vida são incríveis e pretendo conhecer mais obras suas. Durante as aulas também lemos muitos textos sobre a cultura africana e interpretamos os mesmos e fizemos diversos caça-palavras e cruzadinhos. E a respeito do filme "A rainha de Katsue" é um filme inspirador e aprendi muito com ele, tanto em relação a cultura africana quanto sua economia. Mas o que mais gostei foi escrever hipercontos e aprender um pouco mais sobre eles e além de criarmos histórias (contos) e publicarmos no site: <http://maristelaaczapelo.ufrj.br/site.com/hipercontos>, onde editamos inserindo músicas e imagens de acordo com sua história. Tivemos um momento em que toda a turma entrou no site e deu e acompanhou a leitura dos contos criados pelos colegas, tendo a oportunidade de escolhermos os finais de cada conto lido. Foi uma experiência incrível.

Gabrielly Lopes 9º "B"

Figura 66 – Acervo da professora-pesquisadora

A autoavaliação possibilitou-nos perceber os acertos e também diagnosticar possíveis erros. É importante destacar que durante toda a aplicação da pesquisa de intervenção refletimos enquanto pesquisadora sobre os atos que estavam contribuindo para se alcançar os resultados esperados e também aquilo que não surtia efeito e as modificações ocorreram ali mesmo durante a aplicação do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades de intervenção aplicadas na turma do 9º ano B neste estudo comprovam que os letramentos: literário e digital necessitam ser preocupação constante de escolas e educadores, visto que os estudantes se mostraram comprometidos com a pesquisa e realizaram as atividades propostas com empenho.

Quanto ao trabalho com a leitura, destacamos o que defende a pesquisadora Solé (1998, p. 90), “ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é, sobretudo, uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta”, se a atividade com a leitura for prazerosa se prolongará por toda a vida do ser humano e se não despertar prazer tornara-se algo muito difícil.

Percebemos, ao aplicarmos as atividades de intervenção, que a leitura não é prazerosa para todos os estudantes, muitos leram os contos e os livros, no entanto outros deixaram claro que não suportavam a leitura de textos longos. Estes fatos nos fazem refletir sobre a prática pedagógica desenvolvida até agora com estes estudantes e também sobre a estrutura que muitas escolas possuem no Brasil.

Problemas recorrentes como falta de livros literários, biblioteca, falta de computadores e internet, pais, muitas vezes, omissos, professores com pouca formação, esses são apenas alguns exemplos das dificuldades que a educação enfrenta muitas vezes. Em meio a todas essas situações não podemos esquecer-nos do compromisso que as instituições de ensino possuem com a aprendizagem e com o conhecimento. Detemo-nos nesta pesquisa principalmente nas questões que abordam a leitura e a escrita.

Citamos aqui a definição proposta por Soares (2002, p. 145) para letramento “estado ou condição de quem exerce práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação – os eventos de letramento”. Observamos desse modo que práticas sociais de leitura e escrita que visem ao desenvolvimento do letramento tornam-se objetivos cotidianos a serem perseguidos por escolas e professores, visto que o baixo hábito de leitura e as altas taxas de analfabetismo permanecem.

No que tange ao uso das tecnologias, surpreendeu-nos a capacidade de

compreensão e manuseio do computador, da internet por parte dos estudantes durante a inserção das imagens, dos textos, das músicas para a composição dos hipercontos. Neste aspecto, concordamos com Soares (2002, p. 145), quando ela assegura que “o letramento digital consiste em certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente [...] do estado ou condição dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel”.

No questionário aplicado, deparamo-nos com um grau de letramento dos estudantes muito próximo uns dos outros, pois não frequentam ambientes em que o letramento surge de maneira muito dinâmica. As famílias dos estudantes apresentam pouca escolaridade e consequentemente baixos níveis de letramento. Segundo Solé (1998, p. 92), “Só com ajuda e confiança, a leitura deixará de ser uma prática enfadonha para alguns e poderá se converter naquilo que deveria ser: um desafio estimulante”.

Ao desenvolvermos as atividades propostas no projeto de intervenção, percebemos que os estudantes conheciam muito pouco sobre o continente africano e se surpreenderam com os vídeos que mostram belas cidades, paisagens e riqueza. Acreditavam que lá só havia miséria, fome e guerras. Desse modo, relatamos que o estudo por nós desenvolvido proporcionou aos estudantes envolvidos a aquisição de novos conhecimentos. Além de sensibilizá-los para as questões do preconceito, dos maus tratos sofridos pela população africana que por séculos serviu ao branco, mas que não deixou em momento algum de lutar por seus direitos, pela liberdade e por uma vida melhor, mais digna, sobretudo, propiciou aos estudantes novos conhecimentos sobre a África em especial e sobre os usos da tecnologia. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasil, (1997, p. 27),

Sabe-se que as regiões brasileiras têm características culturais bastante diversas e a convivência entre grupos diferenciados nos planos social e cultural muitas vezes é marcada pelo preconceito e pela discriminação. O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural.

Conforme o documento norteador das políticas públicas para a educação, o respeito aos diferentes grupos culturais que convivem na sociedade brasileira faz-se necessário e cabe à escola promover debates para combater a discriminação e o preconceito. O conjunto de atividades desenvolvidas nas práticas de leitura e escrita, tomando como base o estudo aprofundado do conto “O professor de geografia”, do escritor africano Ondjaki, *A história de Blimundo* do escritor cabo-verdiano Leão Lopes e “Meu irmão branco” da escritora Maria Helena Spencer nos proporcionou refletir como os adolescentes ponderam sobre as questões abordadas nos contos. A escravidão, os maus tratos, as guerras, o preconceito são bandeiras levantadas por escritores africanos que lutam por igualdade de direitos entre os cidadãos, flagelos esses que durante anos vitimaram africanos.

No que tange à escrita, Antunes (2003, p. 46-47) pondera que

Escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto deve adequar-se. Como saber se dissemos de mais ou de menos? Como avaliar se fomos precisos, se fomos relevantes, se dissemos “com a palavra certa” aquilo que tínhamos de dizer? Sem o outro, do outro lado da linha, não há linguagem. [...]. O outro, que caracteriza o ato inerentemente social da linguagem paradoxalmente, só desaparece nas aulas de português, que até já se chamaram de aulas de “Comunicação e Expressão”.

Reconhecemos após muitas leituras e da aplicação do projeto de intervenção que se houver planejamento para o desenvolvimento da atividade escrita, se o aluno souber para quem escreve, vai fazê-lo com eficácia e sua atividade escrita deixará de ser puramente mecânica para tornar-se um ato social de linguagem nas palavras da autora. O trabalho com a escrita também nos deixou aflita, pois era necessário que os estudantes compreendessem a estrutura do conto e do hiperconto, para realização da atividade escrita. Para tanto, buscamos atividades com contos e hipercontos para que a proposta de produção de texto ficasse clara.

O questionário aplicado revelou que os estudantes participantes da pesquisa, em sua grande maioria, são nascidos em Mato Grosso, consideram-se católicos, seguidos de evangélicos e se reconhecem como pardos, morenos, brancos e negros. Sempre frequentaram a escola pública. Predomina também entre os pais dos estudantes a escolaridade incompleta do ensino fundamental e

estes exercem as mais diversas profissões entre elas temos (garis, vaqueiros, motoristas, mecânicos etc).

Perguntados sobre a existência de computador em casa, constatamos que ainda é grande o número de estudantes que não possui este equipamento em suas residências. O meio de locomoção mais utilizado pelas famílias são as motocicletas e a casa onde os estudantes residem em sua maioria é própria. A internet ainda não está presente em todas as residências dos estudantes, no entanto muitos se utilizam desta ferramenta em casa. Não leem revistas e nem possuem assinatura destas. Quanto ao gosto pela leitura, ainda se encontra abaixo do esperado. Leitura, compreensão e interpretação de texto na opinião dos estudantes são os quesitos mais importantes a serem estudados na escola. E raramente os mesmos acreditam escrever incorretamente.

Frequentar cinema, teatro, shows, ouvir noticiário de rádio, assistir a vídeos e DVDs em casa ou noticiários na TV, filmes, ir a museu e exposições são atividades que quase não fazem parte da rotina dos estudantes. Desse modo, compreendemos que os multiletramentos e letramentos ocorrem muito lentamente na vida desses estudantes. Talvez pelo fato de viverem longe de grandes centros ou por opção de atividades, os estudantes realizam escolhas que talvez não envolvam práticas de letramento consideradas importantes.

Atividades realizadas com vídeos, contos e hipercontos serviram de base para a produção dos hipercontos. Essas leituras apresentaram aos estudantes a cultura africana, a história dos povos africanos, o preconceito sofrido por essa gente. Ao desenvolvermos as atividades da proposta de intervenção, enfrentamos a resistência dos estudantes quanto à leitura e também à escrita dos textos. Nem todos os estudantes realizaram a produção de texto e houve casos em que não foi possível utilizar o texto, pois os níveis de escrita entre os estudantes são diversos. Muitos deles não contemplaram a proposta de produção de texto da pesquisa e se negaram a fazer a refacção do que haviam escrito.

O trabalho com a tecnologia, a inserção dos textos, imagens, sons, músicas no site, bem como a leitura de hipercontos na tela do computador despertaram nos estudantes prazer ao realizar a atividade. A linearidade proporcionada pelo texto impresso passa a ser quebrada no texto digital em que o leitor escolhe a sequência de sua leitura.

Realizamos também atividades nas quais os estudantes gravaram vídeo

sobre o livro que leram. Isso foi gratificante e ao mesmo tempo difícil, pois por serem tecnológicos caracterizados como nativos digitais, os alunos não se envolveram com afinco em mais esta atividade. Distribuímos livros do escritor angolano Ondjaki e cada estudante tinha que gravar vídeos sobre a obra literária que leu. Os vídeos que recebemos ficaram bons, no entanto foram poucos. O trabalho com o filme *Rainha de Katwe* foi proposto para o encerramento do projeto, ali os alunos puderam acompanhar uma história baseada em fatos reais sobre a vida e as dificuldades enfrentadas pelo povo africano.

A nosso ver, o trabalho desenvolvido pela sequência básica despertou os estudantes para questões que envolvem os africanos de modo geral. Nosso objetivo inicial: Investigar os aspectos educacionais causados pelo estudo da Literatura de língua portuguesa, História e Cultura Africanas na formação intelectual dos alunos do 9º ano B e despertar os estudantes para o letramento literário por meio de atividades diversas com contos africanos, vídeos, produção de textos e de hipercontos com o auxílio das tecnologias foi cumprido, pois constatamos, como já dissemos anteriormente, que os estudantes possuíam pouco conhecimento sobre a África e tecnologias. Conforme Padilha (2010, p. 13),

a neocolonialidade insiste em não ceder seu espaço, nós, os que a ela nos opomos, insistimos também em enfrentá-la, pondo em circulação novas vozes, que assim se deixam ouvir, outras matrizes culturais, que afinal afloram; diferentes formas de olhar, [...].

Nesse sentido, podemos ressaltar que questões abordadas pelas africanidades muitas vezes parecem ser silenciadas, percebe-se que o livro didático não aborda essas aflições da população africana. De acordo com Padilha, continuar fazer circular outras vozes talvez seja a maneira da literatura e cultura africanas se afirmarem enquanto conhecimento. A literatura africana de língua portuguesa possui apenas 160 anos de existência, surgiu a partir da década de 30 em Cabo Verde e da década de 1950 em Angola, versa sobre o racismo, colonialismo e séculos de escravidão. Podemos perceber então, que o continente africano merece ser estudado para ser conhecido e respeitado. Observamos nas palavras da aluna Gabrielly que o continente africano é pouco conhecido pelos estudantes “*fiquei impressionada com a cultura africana, com a diversidade [...] adorei conhecer o escritor Ondjaki [...]*”, para Gabriela”, [...] *a África não é só miséria como imaginamos [...]*”. Para o aluno Joel, “*o que mais me chamou a*

atenção no projeto foi a maneira fácil e legal de aprender sobre a África fazendo caça-palavras, livros, vídeos e cruzadinhas". Os depoimentos citados comprovam que foi possível sensibilizar os estudantes para questões que envolvem os africanos.

O envolvimento com a tecnologia despertou os jovens para a leitura e escrita digital. E isso nos mostra o caminho a ser seguido nas escolas neste momento talvez seja o da tecnologia, para que se possa desenvolver nos estudantes capacidades e habilidades necessárias ao cidadão do século XXI. Concordamos com Soares, neste aspecto, "A tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento" (2002, p. 151).

Por fim, destacamos que o estudo desenvolvido pela sequência básica oportunizou o trabalho com atividades de leitura, escrita e análise de produção de textos. O envolvimento dos estudantes e o trabalho coletivo contribuíram também para a criação de um produto final que é o site com hipercontos e os vídeos sobre as obras de Ondjaki, que foram postados no canal do *Youtube*.

Por meio das atividades realizadas com a utilização da tecnologia de informação e de comunicação, percebe-se o auxílio das mídias no desenvolvimento do letramento literário e digital através de contos da literatura africana. Entendemos que a proposta de intervenção é uma alternativa viável, e possibilitou o letramento literário e digital, rompendo com propostas de atividades apenas em material impresso que desconsideram a cibercultura e o letramento digital. Para Antunes (2003, p. 67),

A atividade de leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.

Para finalizar lembramos Soares quando ressalta que, estamos incorporando o fenômeno do letramento, "e já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e escrever [...]" (2010, p. 58) mas talvez levar os estudantes a fazer uso da leitura e da escrita com competência.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Vilhete Viegas d', GARCIA, Maria de Fátima: Conhecimentos em Robótica Pedagógica, Tecnologia e Inventos Africanos e Afrodescentes: Contribuições à Implementação da Lei 10.639/03 In: **Africanidades, afrobrasilidades e processo (des) colonizador: contribuições à implementação da Lei 10.639/03** / Maria de Fátima Garcia, José Antonio Novaes da Silva (organizadores). -João Pessoa: Editora UFPB, 2018. Disponível em: <http://150.165.218.7/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/69> acessado em: 20/11/2018.

África(s) e as literaturas de língua portuguesa: Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/educacao-e-cultura/artigo/1638/africanas-e-as-literaturas-de-lingua-portuguesa> acessado em 10/12/2018.

AGUALUSA, José Eduardo: Biografia, Disponível em: <https://www.fronteras.com/conferencistas/jose-eduardo-agualusa> acessado em 10/12/2018.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lucia dos Santos: **Literaturas africanas a afro-brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ANDRADE, Maíra Pires: **Movimento Negro, educação e os princípios da Lei 10.639/03**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/70528> Acessado em 11/10/2018.

ANTUNES, Irandé: **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

AVALIAÇÃO in.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/porto/> acessado em 11/03/2019

ÁVILA, Cássia Vita de: **A escola como promotora do letramento digital**. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/8498/1/C%C3%A1ssiaVitaDe%C3%81vila.pdf> acessado em 20 de setembro de 2018.

BARTHES, Roland, **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França**, pronunciado dia 7 de janeiro de 1977, tradução e posfácio de Leyla Perrone Moises. - São Paulo: Cultrix; 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC- SEF 1997.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> acessado em 7/09/2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRINCHER, Sandro: **10 obras fundamentais da Literatura Africana de Língua Portuguesa**: Disponível em: <https://www.geledes.org.br/10-obras-fundamentais-da-literatura-africana-de-lingua-portuguesa/> acessado em: 10/03/2019

BRITO; Luciana da Cruz: **Tópicos sobre a história do negro na sociedade brasileira**, Módulo 4. (Relações Raciais e Educação a Sociedade Brasileira). Cuiabá: EDUFMT, 2011.

CANDIDO, Antonio: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 5ª ed. 2011.

CARTA DOS PRÍNCÍPIOS DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=carta+dos+principios+movimento+mnegro+1978&og=carta+dos+principios&ags=chrome.2.69i59j69i57j69i59j0l3.10062j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8> acessado em: 10/12/2018

CAVALCANTI, Joana: **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CEIA; Carlos: **O que é ser professor de literatura?** Edições Colibri, Lisboa, 2002.

COELHO, Nelly Novaes: **Literatura infantil: teoria análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Tereza: **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Laura Sandroni, São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoniê: **Literatura para quê?** Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2009.

Conselho Nacional de Educação, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, PARECER N.º: CNE/CP 003/2004: Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf acessado em 20/11/2018.

Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso EMENTA: **Orientação sobre a Educação das Relações Étnico Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. PARECER N.º: 234/2006 Disponível em: http://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/PARECER234_2006.PDF acessado em: 20/11/2018.

COSSON, Rildo: **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo, Contexto, 2ed., 3ª reimpressão, 2014.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

COUTO, Mia: **Contos do nascer da terra**. Contos – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2014.

DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neide Luzia de, FALEIROS-JOVER, Rita: (ORGs.). **Leitura de literatura na escola**/São Paulo, Parábola, 2013.

DEBUS, Eliane Santana Dias: **A literatura angolana para infância**, revista Educação e Realidade, Porto Alegre, volume 38, nº 4, p.1129-1145, out/dez 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/07.pdf> acessado em 10/04/2018.

DEBUS, Eliane Santana Dias: **A escravização africana na literatura infanto-juvenil: lendo dois títulos**. Currículo sem fronteira, v.12, nº1, p.p 141-156, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/debus.pdf> acessado em 10/05/2018.

Declaração Universal dos Direitos Humanos: Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.html acessado em: 12/12/2018.

DEHAENE, Stanislas: **Neurônios da leitura: como a ciência explica nossa capacidade de ler: tradução Leonor Scliar Cabral**. – Porto Alegre: Penso 2012.

FANIN, Elenir Fátima: **Letramento literário e digital na escola do conto ao hiperconto. Dissertação de Mestrado**, Universidade do Estado de Mato Grosso Sinop, 2016 Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/elenir_fatima_fanin-letramento_literario_e_digital_na_escola_do_conto_ao_hiperconto.pdf Acessado em 05/05/2017.

FELINTO, Renata (Org.): **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores fazeres para os alunos**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

FERREIRA, Manoel: **Literaturas africanas de expressão portuguesa I**. Instituto de Cultura Portuguesa. Secretaria de Estado de Investigação Científica. Livraria Bertrand- Portugal, 1ª ed. 1977.

_____. Manoel: **Literaturas africanas de expressão portuguesa II**. Instituto de Cultura Portuguesa. Secretaria de Estado de Investigação Científica. Livraria

Bertrand- Portugal, 1ª ed. 1977.

GARCIA, Maria de Fátima, SILVA, José Antônio Novaes da (org.): **Africanidades, afrobrasilidades e processo (des)coloniza dor: contribuições à implementação da Lei 10.639/03**, José Antonio Novaes da Silva (organizadores). - João Pessoa: Editora UFPB, 2018. Disponível em: <http://150.165.218.7/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/69> acessado em: 20/11/2018.

GASPAR, Magna Lúcia Furlanetto & LEVANDOVSKI, Ana Rita: **O processo de avaliação da aprendizagem escolar na prática pedagógica**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1770-6.pdf> acessado em 09/03/2019.

GIACON, Eliane Maria de Oliveira, ABRÃO, Daniel (Org.) **Pesquisa em literatura: deslocamentos, conexões e diferenças: reflexões críticas, teoria e historiografia**. Letras da Universidade Estadual de mato Grosso do Sul - Curitiba; Appris, 2014.

GIL, Antonio Carlos: **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4ª ed. 2002.

GOMES, Nilma Lino (org.): **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. 1ª ed., 1ª reimpressão, - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOTLIB, Nádía Battella: **Teoria do conto**. 11ª ed. – São Paulo; Ática, 2006.

HAYLES, Katherine. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global, 2009.

Hipercontos digitais. Disponível em: <http://marcosletramento.wixsite.com/hipercontos> Acesso: 10/09/2017.

JOUE, Vicent: **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionildo. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAN, Ângela: **Oficina de leitura teoria e prática**. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

LEANDRO, José Carlos: **Letramento digital na educação pública: novos olhares, novas práticas**. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Jose-Carlos-Leandro.pdf> acessado em 20 de setembro de 2018.

LERNER; Delia: **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. tradução Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOPES, Leão: **A história de Blimundo**. Instituto Camões Centro Cultural Português. 1ª ed. Praia, Mindelo, 1982.

LOPES, Manuel Antonio; Biografia; Disponível em: <http://www.lusofoniapoetica.com/artigos/cabo-verde/manuel-lopes.html> acessado em: 10/12/2018.

LUCKESI, Cipriano: **Entrevista com Cipriano Carlos Luckesi** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/190/cipriano-carlos-luckesi-qualidade-aprendizado> acessado em 08/03/2019

MACHADO, Ana Maria: **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACHADO, Emília... [et al]; colaboração de Beatriz Moura e Tatiana Kauss: **Da África e sobre a África**: textos de lá e de cá. 1ª ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antonio Carlos: **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. – 3ª ed. – São Paulo; Cortez, 2010.

MATTOS, Regiane Augusto de: **História e cultura afro-brasileira**. 2ª ed., 1ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2012.

MEIRELLES, Cecília: **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 3ª ed. 1984.

Movimento Negro Quem Somos? Disponível em: <http://mnu.org.br/quem-somos/> acessado em: 10/12/2018.

OLIVEIRA, Maria do Socorro: **Projeto de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRRN, 2014.

ONDJAKI: **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2015.

_____: **Bom dia camaradas**. 1ª ed. São Paulo Companhia, das letras, 2004.

_____: **Ynari**: a menina das cinco tranças. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2010.

_____: **Ombella: a origem da chuva**: Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2015.

_____: **Avó dezanove e o segredo do soviético**: romance. São Paulo;

Companhia das letras, 2009.

_____: **O voo do golfinho**: São Paulo: Companhia das letrinhas, 2012.

_____: **O convidador de pirilampos**: Rio de Janeiro, Pallas, 2018.

_____: **A bicicleta que tinha bigodes**: Rio de Janeiro, Pallas, 2012.

_____: **E se amanhã o medo**: Rio de Janeiro, Língua Geral, 2010.

_____: **Uma escuridão bonita**: Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

_____: **O leão e o coelho saltitão**: Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

_____: **O céu não sabe dançar sozinho**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2014.

PADILHA, Laura Cavalcante: **O Ensino e a Crítica das Literaturas Africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento**. Disponível em: https://www.google.com.br/search?ei=WAKLXPGOKve15OUPmbCXwAI&q=PADILHA%2C+Laura+Cavalcante%3A+O+Ensino+e+a+Cr%C3%ADtica+das+Literaturas+Africanas+no+Brasil%3A+um+caso+de+neocolonialidade+e+enfrentamento&oq=PADILHA%2C+Laura+Cavalcante%3A+O+Ensino+e+a+Cr%C3%ADtica+das+Literaturas+Africanas+no+Brasil%3A+um+caso+de+neocolonialidade+e+enfrentamento&gs_l=psy-ab.3..35i39l6.1718.7386..8281...2.0..4.193.850.0j5.....0....1j2..gws-wiz.....6..0i71.FCVO_WZu_kw acessado em: 10/12/2018.

PADILHA, Laura Cavalcante: **Série Antonio Candido e os Estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=serie+antonio+candido+e+os+estudos+de+literaturas+africanas+de+lingua+portuuges+laura+padilha&oq=serie+antonio+candido+e+os+estudos+de+literaturas+africanas+de+lingua+portuuges+laura+padilha&aqs=chrome..69i57.32174j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acessado em 10/12/2018

PALFREY, John: **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: 2011.

PAULINO, Graça, COSSON, Rildo: Letramento literário: para viver a literatura. In ZILBERMAN, Regina & ROSING, Tania M. K.: **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PAULO, Marta Diniz: **Currículo e práxis pedagógicos**. Módulo 10. (Relações Raciais e Educação na Sociedade), Cuiabá: EDUFMT, 2011.

PENNA, Filho, Pio, Muller, Maria Lucia Rodrigues (org.): **Uma introdução à história da África**, Módulo 3, (Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira) EDUFMT, 2011.

PEPETELA, Biografia: Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/pepetela/acessado> acessado em : 10/12/2018.

PEREIRA, M.M. **Letramento(s): uma introdução ao multiletramentos**. Revista acadêmica da faculdade Fernão Dias, ISSN 2358-9140, ano 1, número 1, agosto de 2014. Disponível em: <http://www.faculdadefernaodias.edu.br/RAFE/revista/numero01/3Letramentos.pdf> Acesso: 15/07/2017.

PETIT, Michele: **Os jovens e a leitura uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ediouro, 2009.

PIERRE, Levy: **As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática**, São Paulo: Editora 34, 1993. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%Aancia.pdf> acessado em 10/02/2018.

ROCHA, Solange, SILVA, José Antonio Novaes da (org.): **À luz da lei 10.639/03, avanços e desafios: Movimentos sociais negros, legislação educacional e experiências pedagógicas**. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/189/185> acessado em: 10/12/2018.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; Moura, Eduardo (ORGs.): **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____, Roxane: **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____, Roxane (org.): **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1ª ed. – São Paulo: Parábola, 2013.

_____, Roxane: **Alfabetização e letramento: perspectivas Linguísticas**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 1998, (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

SANTAELLA, Lucia: **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação**, coleção Agrinho, 2014 disponível em: <http://www.agrinho.com.br/site/wpcontent/uploads/2014/09/> acessado em: 10/9/2018.

SANTOS, Ângela Maria dos: **Identidade e cultura afro-brasileira**: Módulo 8. (Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira). Cuiabá: EDUFMT, 2011.

SANTOS, Milton Silva dos: Afinal o que são as religiões afro-brasileiras? In FELINTO, Renata (Org.): **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**: saberes para os professores fazeres para os alunos. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

SANTOS, M. C. **Entre contos e hipercontos: uma proposta de trabalho para o desenvolvimento dos multiletramentos**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2014. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/11/286.pdf> Acesso: 10/08/2017.

SECCO-TINDÓ, Carmem Lúcia: **As literaturas africanas de língua portuguesa: um percurso de cantos e desencantos**: Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/vernaculum/article/view/1229> acessado em: 10/03/2019.

SECCHI, Darci, GONÇALVES, Vanda: **Tópicos especiais sobre a diferença**. Módulo 2. (Relações Raciais e Educação na sociedade Brasileira), Cuiabá: EDUFMT, 2011.

SILVA, Clemilson Cavalcanti da; SILVA, José Antonio Novaes da & LIMA, Debora Michele Sales de: Doenças Prevalentes na População Negra e a Lei 10.639/03: Uma proposta Interdisciplinar No Ensino De Ciências in: **Africanidades, afrobrasilidades e processo (des) colonizador: contribuições à implementação da Lei 10.639/03** / Maria de Fátima Garcia, José Antonio Novaes da Silva (organizadores). -João Pessoa: Editora UFPB, 2018. Disponível em: <http://150.165.218.7/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/69> acessado em: 20/11/2018.

SILVA FILHO, José Barbosa da MULLER, Maria Lucia Rodrigues (Org.). **Apontamentos sobre a história do negro no Brasil**. Módulo 4. (Relações Étnico Raciais e Educação na Sociedade Brasileira, Cuiabá: EDUFMT, 2009.

SILVA, Maurício: **Angola, Moçambique e Cabo verde**: uma introdução à prosa de ficção da África lusófona, Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/20491/13330> acessado em: 10/03/2019

SILVA, Souza Avani: **A literatura Infantil e juvenil cabo-verdiana e a lei 10.639/2003**, Universidade Federal do Pará, 2015: disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/?p=6&ano=2015> acessado em 10/8/2018.

SOARES, Magda: **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. – 1ª

reimpressão, - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 23, n. 81, p.143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf> Acesso em: 10/05/2018.

SOLÉ, Isabel: **Estratégias de Leitura**: 6ª edição. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Irary André Lima de: **Afro-literaturas infantil/juvenil: negociações indenitárias e relações étnico-raciais**. João Pessoa, 2014 disponível em: <http://www.ufpb.br/geef/contents/documentos/tcc-irany-andre-lima-de-souza.pdf> acessado em 20/06/2017.

SOUZA, Marina de Mello e: **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2008.

SPALDING, M. **O hiperconto e a literatura digital**. Porto Alegre, 8/4/2010. Disponível em: https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3034&titulo=O_hiperconto_e_a_literatura_digital Acesso: 02/10/2017.

_____. Marcelo: **Hipercontos digitais disponíveis em:** <http://www.hiperconto.com.br/?pg=2591> Acessado em 06/09/2017.

_____. Marcelo: **Literatura digital disponível em:** <http://www.literaturadigital.com.br/?pg=25016> Acessado em 10/09/2017

_____. **M. Alice do livro impresso ao e-book**: adaptação de Alice no país das maravilhas e de Através do espelho para iPad. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, UFRGS, 2012. Disponível: <http://www.literaturadigital.com.br/tese/teseLiteraturaDigital.pdf> Acesso: 10/11/2017.

SPENCER, Maria Helena: **Meu irmão branco**: in FERREIRA, Ondina (ORG): **Elas contam...** Coletânea de Contos. Instituto da biblioteca Nacional e do Livro, Praia, Cabo Verde, 2007.

STRAUB, Sandra Luzia Wrobel: **Estratégias, desafios e perspectivas do uso da informática na Educação** – Realidade na escola pública – Cáceres (MT): Editora UNEMAT, 2009.

TRAJETÓRIAS DAS LITERATURAS AFRICANAS NO BRASIL: PENSANDO A QUESTÃO EDITORIAL. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/08/Trajetorias%20das%20Literaturas%20corrigido.pdf> acessado em 10/12/2018.

THIOLLENT, Michel: **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

Um olhar sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Disponível em: <https://www.geledes.org.br/um-olhar-sobre-literaturas-africanas-de-lingua-portuguesa/> acessado em 10/12/2018.

VASQUES Margarida Cristina: **A literatura e a temática africana e afro-brasileira** Anal do III Simpósio sobre Formação de Professores- Tubarão, 2011, disponível em:

<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos/III%20sfp/Margarida%20Vasques.pdf> acessado em 11/11/2017.

XAVIER, Antonio Carlos: **A era do hipertexto:** linguagem e comunicação, 2ªed. Recife, Pipa, 2013.

_____. **Inovações na docência:** tecnologias no ensino e na pesquisa acadêmica. In NEPOMUCENO, Arlete Ribeiro & RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araújo (ORGS): **Ação e reflexão no Ensino de Leitura e Escrita**. Disponível em: http://www.cch.unimontes.br/profletras/images/arquivos/2016/PROFLETRAS_Acao_eReflexaonoEnsinodeLeituraeEscrita.pdf#page=11 acessado em 20 de setembro de 2018.

ZOHAR, Itamar Even: **Teoria dos polissistemas**, Tradução: L.F. Marozo, C. Rizzon e Y. Karlla Cunha. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134> 1990 acessado em 06/03/2018

VERRANGIA, Douglas, SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (org.): **Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências**. Universidade Federal de São Carlos <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a04.pdf> acessado em 20/12/2018.

VERRANGIA, Douglas: **Conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira no ensino de Ciências: um grande desafio** Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/conhecimentos_tradicionais_matriz_afro-brasileira_ensino_ciencias.pdf acessado em 10/12/2018.

Vídeo: O mundo segundo os brasileiros Johannesburgo disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=O+mundo+segundo+os+brasileiros+Johanesburgo&og=O+mundo+segundo+os+brasileiros+Johanesburgo&aqs=chrome..69i57j0.661j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8> acessado 06/09/2017.

Vídeo: Os africanos raízes do Brasil disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Os+africanos+ra%C3%ADzes+do+Brasil&og=Os+africanos+ra%C3%ADzes+do+Brasil&aqs=chrome..69i57.970j0j8&sourceid=c>

[hrome&ie=UTF-8](#) acessado em 06/09/2017.

Vídeo: Breve história da cultura africana Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RPzxt1iZGiA> Acessado em 06/09/2017.

Vídeo de literatura: Passei por um sonho: José Eduardo Agualusa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fX839ViKOWk> acessado em 06/09/2017.

Vídeo A revolta dos mais velhos Guine Bissau 1998-1999 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bQs4UUeuV5Y>
Acessado em 06/09/2017.

Vídeo: Globo repórter A África que fala Português: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ko82B5bclAM> Acessado em 06/09/2017.

Vídeo: Reportagem Guine Bissau e Cabo Verde disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dKXsiNMtgRs> Acessado em 06/09/2017.

Vídeo: Um pé de quê? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GFm-Mu8_8mk parte 1 e parte e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxZCICcrBoQ&t=41s> acessados em 11/07/2017.

Vídeo: Cabo Verde África 2014 Globo Repórter disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sTNZMvVKCpM> acessado em 10/09/2017

Vídeo: A África que nunca vimos ou que ninguém nos mostra Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vllE0-Xuo0>
Acessado em: 10/09/2017

Vídeo: Rainha de Katwe Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=filme+rainha+de+Katwe&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjz6n_0L7dAhWMIJAKHXIvD9UQ_AUICygC&biw=1366&bih=662#imgrc=gBILZK1bcw1cM

APÊNDICE 1

Justificativa

Eu, Maristela Czapela, mestranda do programa Profletras do Campus de Sinop venho por meio desta justificativa esclarecer que a pesquisa por mim desenvolvida foi aprovada pelo Comitê de ética da Universidade do Estado de Mato Grosso sob o parecer nº 2.474.708. E justifico que foi necessário trocar de estabelecimento de ensino para aplicação da pesquisa, pois a escola inicialmente escolhida para aplicação da pesquisa, no decorrer do ano de 2017 tornou-se Escola Plena de Mato Grosso e nessa modalidade de ensino os estudantes frequentam a escola em tempo integral. Não sendo possível a lotação da professora pesquisadora nesta instituição devido ao fato de estar de licença para qualificação, em conversas com o orientador professor Dr: Genivaldo Rodrigues Sobrinho optou-se por trocar de instituição de ensino para aplicação do projeto de pesquisa de intervenção. Selecionamos então a escola Municipal Jane Pereira Lopes para o desenvolvimento do projeto de intervenção. Ressaltamos que nossa preocupação inicial era a de que não houvesse nenhum tipo de prejuízo para o desenvolvimento da pesquisa e o novo método de trabalho na Escola Estadual Antonio Ometto poderia interferir nos resultados da pesquisa. Desse modo optamos por desenvolvemos nosso projeto de pesquisa na Escola Municipal Jane Pereira Lopes que também atende o ensino fundamental nas séries finais na qual sou lotada por meio de concurso. Destacamos que o ponto crucial para seleção do estabelecimento de ensino para aplicação do projeto de intervenção foi à necessidade de uso do laboratório de informática. De acordo com o comitê de ética: trata-se de um projeto do curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Unemat, Campus de Sinop, que tem como foco compreender o comportamento dos alunos do 9º ano do ensino fundamental na disciplina de língua portuguesa da Escola Estadual Antônio Ometto, no município de Matupá – Estado de Mato Grosso, quanto à leitura de textos literários selecionados para a prática pedagógica; onde serão analisados os textos produzidos pelos alunos e o questionário com foco em leitura, em uso da biblioteca, a tecnologia e os conhecimentos sobre a África. Tem como Objetivo Primário: Investigar a importância da literatura africana na formação intelectual dos alunos do 9º ano e verificar a sensibilização destes para letramentos literários possíveis por meio de atividades diversas através de vídeos, da leitura de contos, produção de textos e

do letramento digital.

Objetivo Secundário:

- Verificar se por meio de atividades com textos de literatura como prática constante de leitura e escrita na escola desenvolve-se o letramento literário e digital.
- Identificar se a leitura conjunta entre professor e aluno de textos literários sensibiliza-os para a prática do letramento literário.
- Identificar a maturidade leitora dos alunos quanto aos valores ideológicos e linguagem figurada a partir da leitura de contos africanos.
- Verificar se o uso das tecnologias de informação e de comunicação auxilia no desenvolvimento de atividades de letramento literário e digital através de contos da literatura africana.
- Possibilitar o letramento digital aos alunos por meio de atividades desenvolvidas em laboratório de informática, utilizando a literatura africana como fonte de pesquisa.
- A pesquisa apresenta garantia de que danos previsíveis serão evitados, como preconiza a resolução 510/2016. Fazendo a ponderação, como preconiza a resolução 510/2016, entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos.

O pesquisador aponta que a pesquisa poderá oferecer aos participantes desconfortos por compartilharem algumas informações pessoais ou em algum tópico da pesquisa que os possa incomodar. Porém, os participantes são livres em responder ou não qualquer parte do questionário ou da entrevista. A leitura dos contos africanos poderá gerar algum constrangimento aos participantes, no entanto o estudante poderá fazer a escolha de participar ou não da atividade desenvolvida pelo pesquisador.

Avaliação dos Riscos e Benefícios: A pesquisa apresenta:

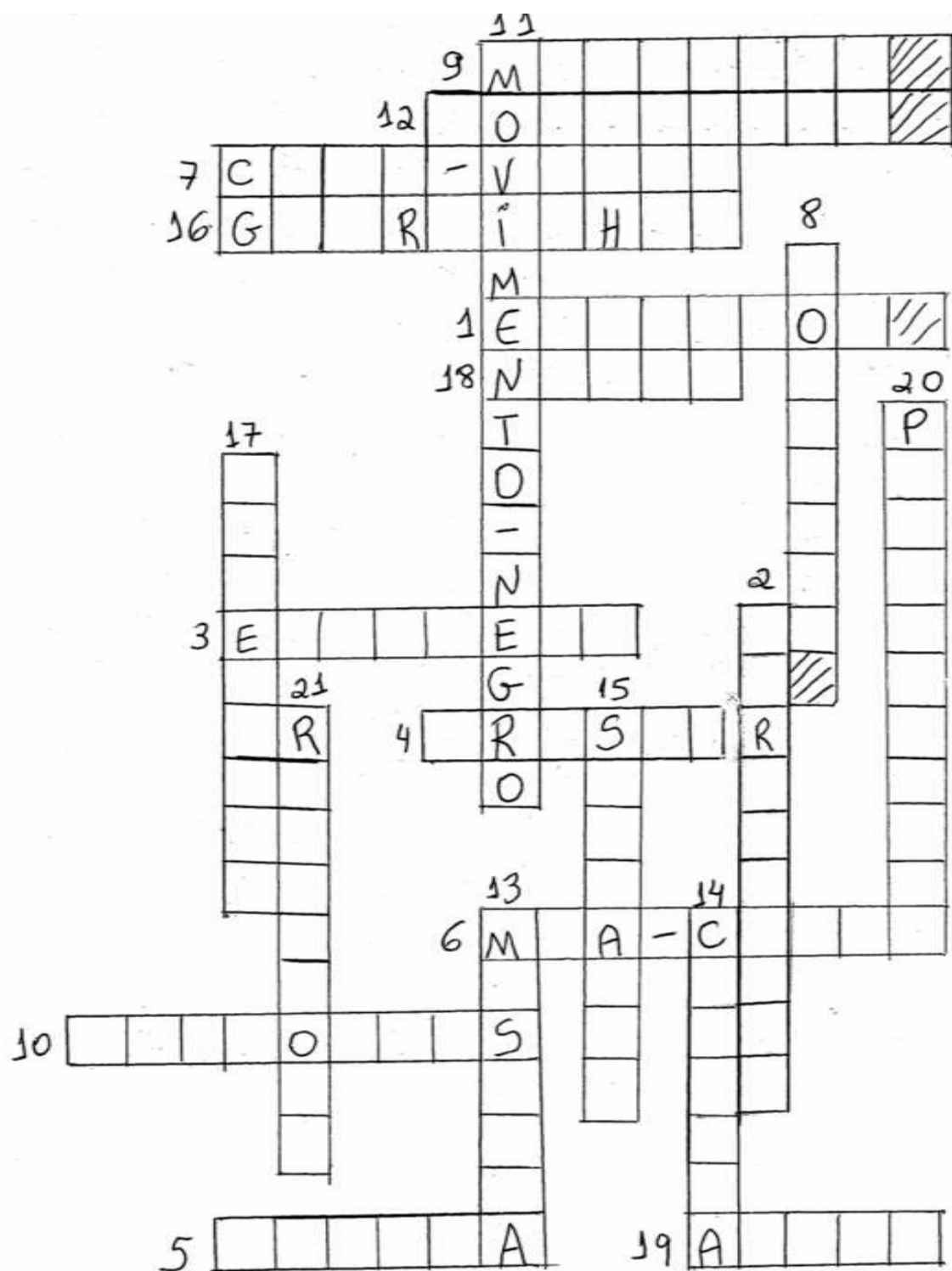
- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio humanitária. Sem mais, atenciosamente Maristela Czapela. Matupá – MT, 14 de agosto de 2018.

APÊNDICE 2 CAÇA-PALAVRA LITERATURA AFRICANA

Á	F	R	I	C	A	N	E	M	S	A	H	R	T
A	N	A	C	V	N	C	A	C	H	A	Ç	A	E
Y	E	E	M	B	G	A	S	R	H	I	O	K	S
O	G	A	V	I	O	L	E	N	C	I	A	I	C
R	R	D	A	F	L	R	Y	R	E	I	P	Z	R
U	O	X	V	C	A	P	O	E	I	R	A	O	A
B	V	E	S	T	I	R	E	N	T	Q	P	M	V
A	C	O	L	O	N	I	Z	A	R	U	Ç	B	I
S	A	G	R	A	D	O	A	B	V	I	L	A	D
A	C	S	A	R	U	D	F	H	R	L	M	C	A
M	O	Ç	A	M	B	I	Q	U	E	O	V	A	O
B	E	A	S	E	T	V	S	R	L	M	X	C	G
A	B	C	A	D	G	E	J	K	I	B	O	H	U
C	A	B	O	V	E	R	D	E	G	O	K	I	E
F	R	R	B	M	R	S	B	K	I	S	I	M	R
L	E	B	R	U	U	I	E	R	O	A	Q	B	R
O	L	W	Q	S	B	D	R	E	S	O	B	O	A
R	I	Z	D	I	V	A	R	S	I	D	R	I	A
E	B	A	E	C	T	D	F	M	D	T	A	U	A
S	I	S	A	A	B	E	Y	J	A	E	N	R	R
T	Z	C	G	V	N	V	C	X	D	Z	C	A	U
A	S	M	A	L	A	G	U	E	E	M	O	X	P
P	I	M	E	N	T	A	B	A	R	E	T	M	O

APÊNDICE 3 CRUZADINHA ÁFRICA 1

- 1) Capturados na África, os africanos eram traficados para o Brasil, Estados Unidos e Cuba para trabalharem como
 - 2) Os africanos eram povos vendidos no Brasil como.....
 - 3) Os negros e os indígenas eram escravizados no Brasil e na América, pois os povoseram considerados superiores e civilizados.
 - 4) Ao europeu atribui-se o papel de colonizador, logo ser branco aqui nocarregava-se o significado de ser superior, bonito, civilizado.
 - 5) Continente formado por 54 países, colonizado por portugueses, ingleses e franceses, onde muitos países de sociedades ágrafas valorizavam a oralidade como forma de ensino.
 - 6) Escritor africano de língua portuguesa, natural de Moçambique, e muito reconhecido no Brasil.....
 - 7) País africano de língua portuguesa formado por ilhas
 - 8) País europeu que colonizou o Brasil e também alguns países africanos.....
 - 9) Os portugueses estabeleceram-se nas ilhas cabo verdianas e se casaram com mulheres africanas dando origem a um grupo de
 - 10) Alguns escravos fugiam e procuravam afastar-se ao máximo do local onde antes residiam e trabalhavam, proclamando-se livres ou libertos, escondiam-se no meio das matas em locais denominados
 - 11) Movimento social que tem como particularidade a atuação em relação a questão racial, organização, indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra
 - 12) Países africanos como: Guiné –Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, e Moçambique possuem como língua oficial
 - 13) Para nós brasileiros ao se tratar de referências africanas e cenários lembra-se principalmente da
 - 14) Os textos literários africanos de língua portuguesa tratam principalmente dos questionamentos sobre o modelo escravocrata português, da tensão entre negros escravizados e brancos colonizadores, denúncia contra a crueldade e o racismo, das vivências sociais, ideológicas e da.....dos povos africanos.
 - 15) Os negros eram transportados da África para o Brasil em navios pelos portugueses e aqui eram submetidos a muitas horas de trabalho diário, viviam em condições precárias nasno Brasil.
 - 16) No continente africano os negros enfrentam situações extremas de pobreza e deque tem vitimado muitos africanos.
 - 17) Alguns homens e mulheres africanos conseguiam o direito de viverem sobre si, isso significa que poderiam viver por sua própria conta, sozinhos ou com quem quisessem, longe dos olhos vigilantes dos seus senhores. Poderiam ainda que as escondidas, marcar encontros com membros de sua comunidade e discutir os obstáculos das suas vidas de escravos, exercer suas práticas religiosas, e cultura e também arquitetar estratégias que os conduzissem a
 - 18) No Brasil na primeira metade do século XIX discutia-se as vantagens e desvantagens de se ter uma população africana intensa e crescente. Por constituir uma maioria africana em boa parte das províncias brasileiras, fato que comprometia os projetos nacionais de que o Brasil fosse umacom referenciais europeus.
 - 19) É declarada extinta a escravidão desde 13/05/1888 sob o decreto nº 3353 a lei da escravidão no Brasil, denomina-se lei
 - 20) Durante mais de 450 anos de presença negra africana na “Terra Brasilis” todas as manifestações culturais originadas na África são vítimas de uma gama inimaginável de.....por parte da sociedade brasileira.
 - 21) Toda a manifestaçãodos povos conquistados e colonizados foram consideradas demoníacas e anticristãs sendo passíveis de exorcização e condenação.
- MESTIÇOS, MERCADORIA, MOVIMENTO NEGRO, PORTUGUESES, PORTUGAL, CABO- VERDE, GUERRILHAS, ESCRAVOS, NAÇÃO, PRECONCEITO, LIBERDADE, EUROPEUS, BRASIL, RELIGIOSA, QUILOMBOS, ÁFRICA, AUREA, CULTURA, MIA-COUTO, SENZALAS, MISÉRIA,

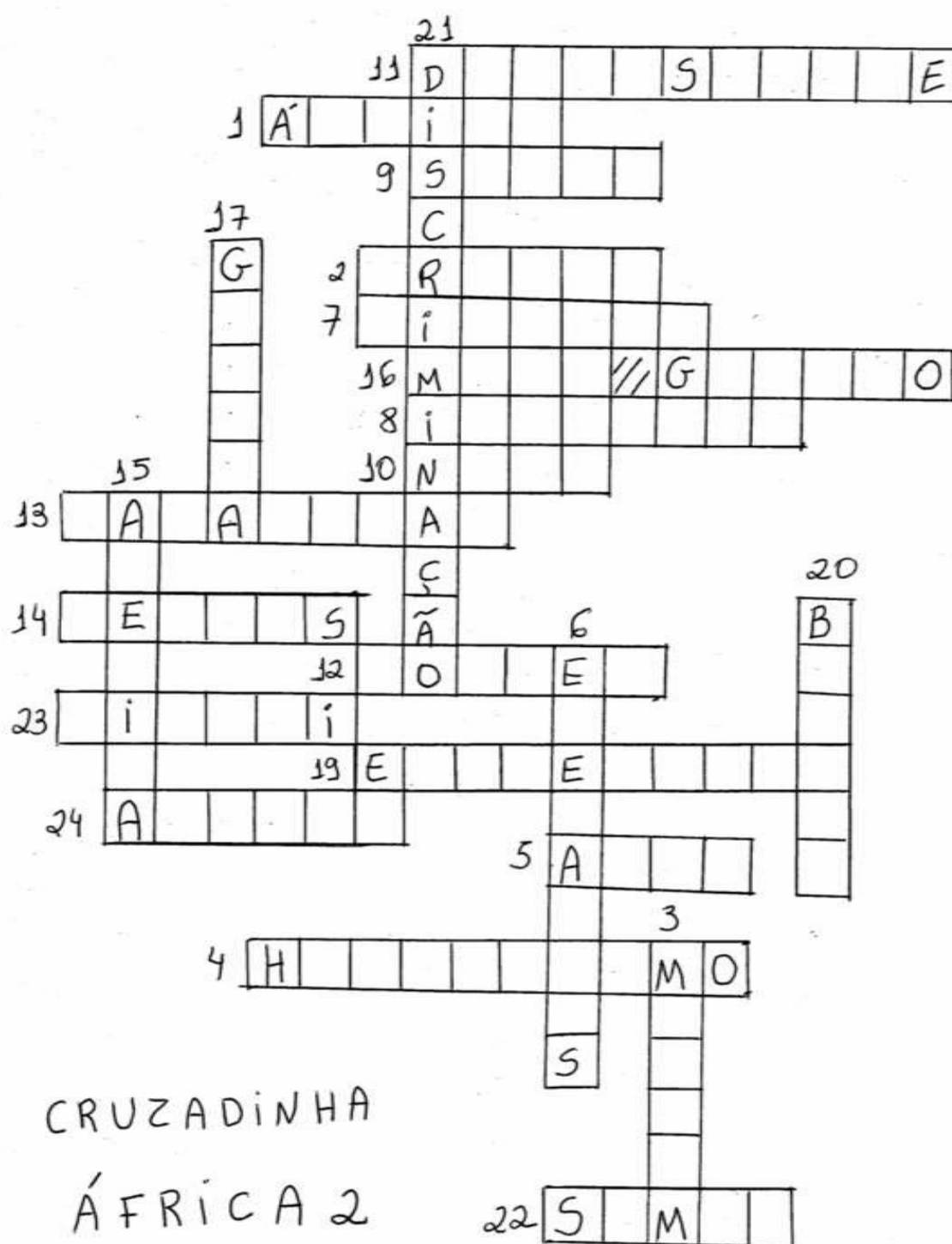


CRUZADINHA
ÁFRICA 1

CURIOSIDAD

APÊNDICE 4 Cruzadinha África 2

- 1) O terceiro continente mais extenso depois da Ásia e da América com cerca de 30 milhões de km quadrados é a
- 2) O idioma mais falado no continente africano é o
- 3) O objeto mais cobiçado na África por conta do alto valor de mercado que o chifre tem é o
- 4) O animal mais mortífero no continente africano, é responsável pelo alto índice de ataques a humanos nas beiras de lagos e pantanais é o
- 5) O continente africano é um local onde o solo contém muitas impurezas e passa por graves problemas de secas, escassez de recursos naturais e de
- 6) O maior animal terrestre vivo do mundo mora na África. Gigantes, bonitos, pesados e possuem o item mais cobiçado do continente: o marfim. São preciosidades lá os
- 7) O mais alto animal do mundo também é da África. São incríveis animais de pele lustrosa e se alimentam de mantimentos encontrados nas mais altas árvores, estamos falando das
- 8) A África ocupa o topo no ranking de denúncias por trabalho infantil. Cerca de mais de 40% das crianças entre 5 e 14 anos de idade estão envolvidas em trabalho
- 9) O maior deserto do planeta fica na África, é o
- 10) A África abriga o maior rio do mundo, que tem 6650 quilômetros quadrados, o famoso Rio
- 11) O continente africano apresenta grandeétnica, cultural, social e política.
- 12) Alguns países africanos apresentam problemas de subnutrição, analfabetismo, baixa expectativa de vida e são os países mais do mundo.
- 13) O processo efetivo de invasão do Brasil se inicia, em 1500 quando aslideradas por Pedro Álvares Cabral apontam em nosso país.
- 14) A partir de 1549 desembarcam em terras brasileiras.....escravizados trazidos de algumas regiões da África.
- 15) Com a diáspora negra para o Brasil, africanos e depois afro-brasileiros passaram a implementar nesta parte daformas peculiares de ser e de agir.
- 16) Em....., desde os primórdios da colonização tem-se notícias de organização quilombola.
- 17) Os negros africanos eram portadores de conhecimentos sobre a arte da mineração, do ferro, muitos eram hábeis ferreiros, conheciam também a arte da construção, eram guerreiros e conhecedores das artes da
- 18) Anegra no Estado de Mato Grosso constitui maioria. Existem municípios em que esse percentual passa de 80% como é o caso de Poconé, Acorizal, Alto Paraguai, Barão de Melgaço, Rosário do Oeste e Santo Antonio de Leverger.
- 19) A influência africana no português falado e na escrita no Brasil tem uma vasta contribuição em nosso linguajar presente no cotidiano dasorais, muitos vocábulos utilizados por nós são originários das diversas línguas faladas pelos povos bantú e nagô.
- 20) Os Bantús desde o início até o final da escravidão foram trazidos para o trabalho escravo no
- 21) O preconceito e acriaram formas de descaracterizar e inferiorizar a cultura negra.
- 22) A escola de samba Viradouro do Rio de Janeiro em 1994 homenageou Tereza de Benguela, líder do quilombo do Quariterê no período colonial. Com o samba: A saga de Tereza de Benguela: uma rainha africana escravizada em Vila Bela. Patrimônio brasileiro cultural de contribuição africana dança popular no Brasil é o
- 23) Em Mato Grosso, algumas manifestações culturais apresentam influência africana. Os mais conhecidos entre nós são as danças o Congo e o.....
- 24) Ondjaki é um importante escritor africano nascido e.....país de língua portuguesa escritor que vive no Brasil atualmente.
Discriminação, Angola, siriri, população, Mato Grosso, expressões, guerra, América, África, marfim, elefante, girafa, água, hipopótamo, caravelas, diversidade, Nilo, Saara, infantil, francês, negros, samba, Brasil



APÊNDICE 5

Caça-palavras do conto O bigode do professor de geografia

B	P	A	A	A	B	U	B	A	F	P	A	C
I	R	R	I	T	A	Ç	A	O	I	A	V	A
G	O	A	B	R	R	Y	R	G	L	C	B	M
O	F	C	N	F	U	T	R	A	M	I	N	A
D	E	B	G	D	L	R	I	R	E	E	A	R
E	S	E	E	S	H	F	G	G	S	N	E	A
A	S	I	U	A	O	D	A	A	V	C	I	D
E	O	O	T	O	H	F	A	N	N	I	Q	A
F	R	E	L	I	G	I	A	T	O	A	U	B
H	O	U	O	U	J	M	C	A	T	E	A	R
G	E	O	G	R	A	F	I	A	O	I	R	A
K	I	M	X	E	K	B	E	R	T	U	T	S
L	M	I	T	E	R	I	O	D	F	A	E	A
B	R	I	N	C	A	D	E	I	R	A	L	F
E	S	C	R	A	V	I	D	A	O	F	O	R
P	A	S	S	A	R	I	N	H	O	S	L	I
O	B	R	A	S	I	L	Y	U	I	O	P	C
I	T	A	N	M	L	V	G	H	J	M	Ç	A
B	A	I	X	I	N	H	O	A	S	M	A	A
U	Y	P	M	B	Ç	N	C	R	I	S	E	S

APÊNDICE 6 Caça-palavras do conto A história de Blimundo

B	L	I	M	U	N	D	O	Z	P	R	C	C
C	I	P	T	F	E	M	O	P	E	A	O	A
O	B	R	R	X	G	E	R	U	R	P	N	R
N	E	A	A	A	R	E	I	S	I	A	T	R
T	R	I	P	E	O	Y	G	D	G	Z	I	A
O	D	A	I	U	O	P	A	S	O	I	N	S
S	A	A	C	S	A	N	T	O	S	N	E	C
T	D	V	H	A	N	T	A	O	O	H	N	O
R	E	O	E	B	C	P	J	K	N	O	T	G
D	E	S	C	R	A	V	I	D	A	O	E	T
I	U	I	U	A	N	N	E	G	R	O	S	S
C	R	W	E	N	Ç	I	M	O	R	T	A	L
I	O	D	E	C	A	D	E	S	Z	X	A	B
O	P	I	O	O	O	A	F	R	I	C	A	E
N	E	N	A	V	A	L	H	A	B	I	Ç	L
M	E	L	A	N	C	O	L	I	C	A	L	E
A	U	A	S	S	A	S	S	I	N	O	S	Z
I	M	P	A	C	I	E	N	C	I	A	S	A
S	B	A	R	B	E	I	R	O	R	Y	U	I
V	A	Q	U	I	N	H	A	D	A	D	G	J

APÊNDICE 7 Caça-palavras do conto Irmão Branco

M	E	U	I	R	M	A	O	L	C
A	B	R	A	N	C	O	C	I	A
H	I	A	C	H	O	S	A	S	B
I	N	D	U	A	N	I	M	B	O
S	T	I	L	B	F	L	A	O	V
T	E	S	P	I	L	E	R	A	E
O	L	C	A	T	I	N	O	A	R
R	E	R	F	O	T	C	T	S	D
I	C	I	G	S	O	I	E	D	E
A	T	N	D	O	U	O	T	C	I
S	U	A	M	E	D	I	C	O	G
A	A	Ç	A	C	O	R	A	R	R
Z	L	A	R	S	N	A	U	A	E
X	N	O	I	R	A	Ç	A	G	J
A	J	U	I	Z	A	D	O	E	A
C	B	V	V	D	V	A	I	M	U
M	O	C	H	I	N	H	O	B	Y
E	D	U	C	A	Ç	A	O	C	T
M	A	R	I	A	N	A	K	A	W
A	N	T	O	N	I	O	M	R	E

APÊNDICE 8 Palavras de origem africana - Caça-palavras

Muitas palavras da língua portuguesa têm raízes africanas. Vêm de diferentes povos do continente. Em geral, trata-se de nomes ligados à religião, à família, a brincadeiras, à música e à vida cotidiana. Os povos bantos, que habitavam o litoral da África, falavam diversas línguas (como o quicongo, o quimbundo e o umbundo). Palavras que nós usamos frequentemente vieram desses idiomas. A língua banta tem uma estrutura parecida com o português, devido ao uso de muitas vogais e sílabas nasais ou abertas. “Veja só alguns exemplos: “bunda”, “bagunça”, “curinga”, “moleque”, “denço”, “gangorra”, “fubá”, “macaco”, “cachaça”. Procure 25 palavras da língua portuguesa de origem africana. Siga as dicas a seguir:

A	B	C	H	I	L	I	Q	U	E	X	E	O	O	A	L	A	D	J	O	K
B	I	T	U	X	O	L	L	E	V	A	N	U	C	A	C	A	T	U	A	S
E	X	D	E	D	U	R	O	A	C	H	E	F	A	M	O	C	H	I	L	A
R	O	A	F	U	X	I	C	O	S	A	N	I	N	U	S	I	R	C	O	P
I	A	V	A	C	A	C	I	O	Q	A	Ê	Y	O	V	U	P	A	T	U	E
M	M	I	R	I	K	E	Z	A	S	E	U	S	O	U	S	E	R	A	S	C
B	B	M	O	C	O	T	Ô	S	F	O	F	U	R	C	E	S	Q	U	E	A
A	U	A	F	A	T	U	T	A	O	B	I	N	A	A	R	E	U	R	A	T
U	L	L	A	R	S	E	B	Q	F	U	B	Á	S	U	T	R	I	U	X	R
M	A	O	G	T	E	M	A	U	O	B	O	A	E	B	O	E	I	R	A	E
A	T	T	A	U	P	E	T	E	C	A	N	D	O	M	B	L	É	U	R	N
D	E	A	T	R	I	N	U	J	A	R	U	O	I	E	R	E	T	L	Á	C
E	N	C	U	A	N	T	Q	O	D	C	A	B	A	C	U	P	O	O	Q	I
N	T	A	A	S	G	I	U		Z	A	T	A	G	A	R	E	L	A	U	N
G	A	R	A	P	A	F	E	B	O	B	Y	G	A	Ç	A	L	I	X	A	T
O	S	A	H	E	L	I	Ê	N	E	I	D	U	Z	U	R	U	A	S	T	U
U	M	J	I	L	Ó	C	A	R	I	R	U	N	A	L	B	A	B	A	C	A
E	U	Ê	X	I	S	T	A	T	R	A	N	Ç	X	A	P	R	A	T	E	H
Q	A	R	T	O	S	M	I	Ç	A	N	G	A	Z	C	A	N	J	I	C	A

1. Bolinho feito de massa de feijão-fradinho frito no azeite de dendê e servido com camarões secos.
2. Tolo; boboca.
3. Baderna desordem.
4. Dança com sapateado e palmas.
5. Caçula – o mais novo (irmão, filho...)
6. Ataque nervoso sem razão aparente, fricote.
7. Preparado a base de milho.
8. Gesto de carinho.
9. Acompanhamento, mistura de farinha com temperos.
10. Intriga, mexerico.
11. Falar mal dos outros.
12. Farinha de milho.
13. Caldo de cana.
14. Prato tradicional, um caldo preparado com pata de bovino, também tem geleia de...

15. Criança recém-nascida ou de poucos meses. Provém do Umbundo, quer dizer pedacinho. Cisco.
16. Conta de vidro miúda. Ornatos feitos com esse tipo de conta. Colar.
17. Alforje; bernal que se leva às costas.
18. Confusão, algazarra.
19. Fruto amargo, geralmente se come frito ou cozido.
20. Aguardente extraída da cana.
21. Diz-se de moça muito namoradeira ou assanhada; diz-se de criança muito arteira.
22. Astuto, esperto.
23. Pessoa que fala muito e à toa.
24. Pessoa que tem o mesmo nome que outra.
25. Algazarra, falatório

APÊNDICE 9 Texto: O Tesouro do Baobá

Num dia de grande calor, um lebrão parou à sombra de um baobá, sentou-se na erva e, contemplando ao longe a restolhada sob o vento a soprar, sentiu-se infinitamente bem. Baobá pensou ele, como é leve e fresca a tua sombra ao braseiro do meio-dia! Levantou o focinho para os ramos poderosos. As folhas estremeceram felizes, devido aos pensamentos simpáticos que se lhes dirigiam. O lebrão riu-se, vendo-as contentes. Ficou calado por uns instantes e depois, piscando o olho e batendo com a língua, tomado de malícia jovial, disse: - A tua sombra é boa, é claro, seguramente melhor do que o teu fruto. Não quero maldizer, mas o que me pende sobre a cabeça tem todo o ar de um odre de água morna.

O baobá, despeitado de ouvir assim duvidar dos seus sabores depois do elogio que lhe abrira a alma, entrou no jogo. Deixou cair o fruto num tufo de erva. O lebrão farejou-o, provocou-o, achou-o delicioso. Depois o devorou, lambeu o focinho e balançou a cabeça. A grande árvore, impaciente por ouvir o seu veredicto, susteve a respiração.

- O teu fruto é bom – admitiu o lebrão. Depois sorriu, retomou a alegria impertinente e acrescentou: - Seguramente é melhor do que o teu coração. Perdoa-me a franqueza: o coração que bate em ti parece-me mais duro do que uma pedra.

O baobá, ouvindo estas palavras, sentiu-se invadido por uma emoção que jamais experimentara. Oferecer a este pequeno ser as suas belezas secretas. Deus do céu era seu desejo, mas, assim de repente, que medo tinha de as descobrir! Lentamente entreabriu a casca. Então apareceram colares de perolas, panos bordados, sandálias finas, joias de ouro. Todas estas maravilhas que enchiam o coração do baobá escorreram em profusão diante do lebrão, cujo focinho tremeu e cujos olhos se arregalaram.

- Obrigado, obrigado. És a melhor e a mais bela árvore do mundo – disse ele, rindo como uma criança satisfeita e apanhando febrilmente o magnífico tesouro.

Voltou a casa com as costas dobradas por todos esses bens. A mulher acolheu-o, pulando de alegria. Aliviou-o depressa de tão belo fardo, vestiu panos e sandálias, ornou o pescoço de joias e saiu para o mato, impaciente de ser admirada pelas companheiras.

Encontrou uma hiena. Esse cadáver, ofuscado pelas invejáveis riquezas que passavam por si, foi imediatamente à toca do lebrão e perguntou-lhe onde tinha encontrado aqueles ornamentos soberbos com que se vestia a esposa. O outro lhe contou o que tinha dito e feito à sombra do baobá.

A hiena correu para lá com os olhos inflamados, ávida dos mesmos bens. Jogou o mesmo jogo. O baobá, que a alegria do lebrão tinha verdadeiramente rejubilado, de novo se agradou de dar a sua frescura, depois a música da sua folhagem e o sabor do seu fruto, finalmente a beleza do seu coração.

Mas, quando a casca se abriu, a hiena atirou-se às maravilhosas oferendas como sobre uma presa e, escavando com unhas e dentes as profundezas da velha árvore para dela ainda arrancar mais coisas, pôs-se a resmungar: - E nas tuas entranhas o que há? Também quero devorar as tuas entranhas! Quero tudo o que tens até às tuas raízes! Quero tudo, ouves?

O baobá, ferido, dilacerado, tomado de medo, guardou os seus tesouros, e a hiena, insatisfeita e furiosa, voltou de mãos vazias para a floresta. Desde esse dia que procura desesperadamente oferendas ilusórias nos animais mortos que encontra, sem nunca ouvir a brisa singela que acalma o espírito. Quanto ao baobá, já não abre a ninguém o seu coração. Tem medo. É preciso compreendê-lo: o mal que lhe fizeram é invisível, mas incurável.

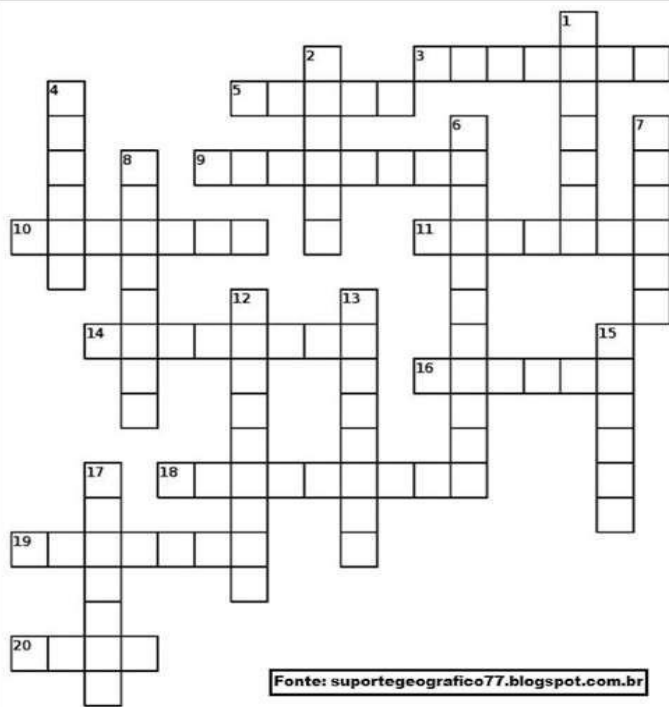
Em verdade, o coração dos homens é semelhante ao desta árvore prodigiosa: cheio de riquezas e benefícios. Porque se abrirá tão pouco, quando se abre? De que hiena se lembrará? Árvore dos Tesouros tradução de Maria do Rosário Pedreira

<http://www.portaldacrianca.compt/ler1historiap.php?id=81>

APÊNDICE 10 CRUZADINHA PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA

CRUZADINHA – PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA I

- 1 - Chicotada.
- 2 - Mistura de farinha com água, azeite ou gordura.
- 3 - Terra escura, argilosa, própria para a cultura da cana-de-açúcar.
- 4 - Falar mal dos outros. Artesanato popular feito com pedaços de panos.
- 5 - Túnica folgada e comprida. Atualmente, no Brasil, é o nome dado a uma camisa ou camiseta usada pelos integrantes de blocos e trios elétricos carnavalescos.
- 6 - Enfeites, originalmente de prata ou de ouro, usados em dias de festa.
- 7 - Raiz alimentícia e medicinal.
- 8 - Dança afro-brasileira.
- 9 - Comida malfeita.
- 10 - Bolinho de feijão frito no dendê e servido com camarões secos.
- 11 - Bebida alcoólica.
- 12 - Navios que traziam os escravizados amontoados
- 13 - Tubo de fumar, com um lugar escavado na ponta para se colocar o tabaco.
- 14 - Desdentado. Os escravos trazidos do porto de _____, em Angola, costumavam limar ou arrancar os dentes superiores.
- 15 - Turma. Grupo.
- 16 - Azar. Mau cheiro.
- 17 - Moradias apertadas, sem janelas, onde os escravizados dormiam trancados.
- 18 - Comunidades organizadas por negros escravizados que se rebelavam contra o cativo.
- 19 - Manhoso. Chorão.
- 20 - Fruto do jiloeiro.



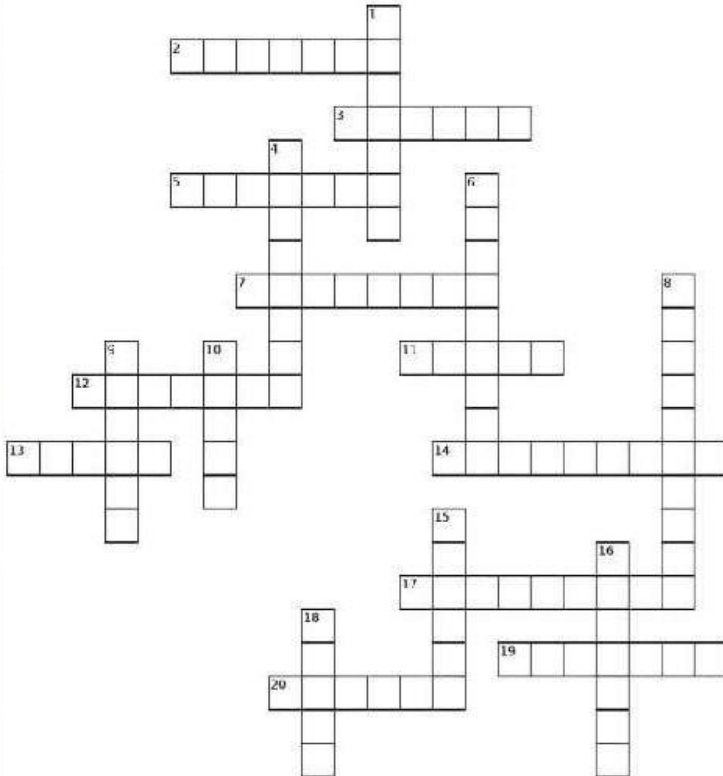
Fonte: suportegeografico77.blogspot.com.br

Disponível em: <https://suportegeografico77.blogspot.com/2017/11/cruzadinha-palavras-de-origem-africana-i.html>

APÊNDICE 11 CRUZADINHA PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA

CRUZADINHA – PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA II

- 1 - Povos sudaneses da África Ocidental, que se estabeleceram principalmente nos engenhos e lavouras da Bahia.
- 2 - Guerreiro. Capanga.
- 3 - Confusão. Esconderijo.
- 4 - Jogo de corpo, agilidade e arte, que usa técnicas de ataque e de defesa com os pés e as mãos.
- 5 - A grande mãe, poderosa rainha das águas.
- 6 - Doença. Mal-estar.
- 7 - Instrumento musical, composto de um arco de madeira com uma corda de arame vibrada por uma vareta.
- 8 - Conversa fiada.
- 9 - Instrumento musical semelhante ao agogô.
- 10 - Fruto de uma palmeira.
- 11 - Confusão.
- 12 - Prato da culinária afro-brasileira, em geral de peixe ou de frutos do mar.
- 13 - Instrumento musical formado por a duas campânulas ocas de ferro.
- 14 - Casas ou terreiros de diferentes nações.
- 15 - Saudação.
- 16 - Dança com sapateado e palmas, com som de instrumentos de percussão.
- 17 - Azar, má sorte.
- 18 - Quitute semelhante ao acarajé. A massa feita de feijão fradinho e os temperos são os mesmos.
- 19 - Termo geralmente dado aos cultos afro-brasileiros.
- 20 - Um tipo de pirão da culinária afro-brasileira, à base de peixes e camarões.



Fonte: suportegeografico77.blogspot.com.br

Disponível em: <https://suportegeografico77.blogspot.com/2017/11/cruzadinha-palavras-de-origem-africana.html>

APÊNDICE 12 ENCONTRE AS PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA

T	A	B	A	D	A	A	N	T	M	T	C	A	Ç	U	L	A	A
U	E	A	D	Q	N	V	T	I	I	A	A	O	J	Q	A	N	E
T	P	B	M	A	G	A	K	T	Ç	N	C	N	A	U	M	E	I
U	L	Á	E	N	U	P	Ç	I	A	G	H	D	G	I	B	N	O
A	B	A	G	U	N	Ç	A	C	N	A	I	J	U	L	A	É	C
M	A	C	U	M	B	A	B	A	G	W	M	A	N	O	D	C	A
E	N	V	C	A	C	H	A	Ç	A	X	B	K	Ç	M	A	A	P
O	G	S	A	C	A	N	A	B	Z	Ç	O	I	O	B	U	B	O
U	U	A	R	C	A	L	A	N	G	O	L	P	A	O	R	O	E
I	E	M	A	R	A	C	U	T	A	I	A	J	M	O	U	V	I
A	L	S	E	N	Z	A	L	A	C	B	Y	X	U	S	C	E	R
B	A	N	Z	É	A	C	A	T	I	N	G	A	N	X	U	R	A
M	O	Ç	A	M	B	I	Q	U	E	O	Z	N	G	O	B	D	M
C	A	N	D	O	M	B	L	É	O	R	O	G	U	D	A	E	A
A	I	F	U	X	I	C	O	A	M	I	N	Ô	N	Ó	C	L	X
P	M	I	N	H	O	C	A	N	D	X	Z	E	Z	A	A	Ç	I
A	V	A	T	A	P	Á	A	G	E	Á	O	B	Á	Z	C	P	X
N	C	A	X	U	M	B	A	O	N	S	F	M	A	X	K	O	E
G	A	R	A	P	A	N	D	L	G	O	R	O	R	O	B	A	M
A	F	A	B	I	T	E	M	A	O	T	B	C	A	P	Q	X	U
M	O	L	A	M	B	O	H	Q	S	F	V	H	R	A	U	I	V
I	E	M	A	N	J	A	E	W	O	D	C	I	E	T	E	N	U
F	A	R	O	F	A	A	T	F	G	J	K	L	A	O	N	G	C
A	B	H	O	U	B	M	O	C	O	T	Ó	A	E	T	G	B	A
M	R	T	S	B	L	E	N	G	A	L	E	N	G	A	A	N	A
P	T	T	U	Á	S	Q	U	I	A	B	O	Á	F	R	I	C	A

Palavras de origem africana Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbXZdXBvcnRIZ2VvZ3JhZmIjZl8Z3q6MjlyNzE1MmI5MzExMTYzZg>

Apêndice 13 BINGO COM PALAVRAS DOS CONTOS AFRICANOS

ÁFRICA	PALÁCIO	CIDADE	MEDROSO
LIBERDDE	CANÇÃO	CURIOSOS	VAGABUNDO
NEGRO	BARBEIRO	PÁSSAROS	DISTRAÍDO
EUROPEU	IMORTAL	LÁBIOS	FOME
ESCRAVIDÃO	MELANCOLICO	PALIDEZ	RAÍZES

DESGRAÇADO	PALÁCIO	IGREJA	CABO VERDE
ÁFRICA	CORAGEM	PALIDEZ	ÁFRICA
PALACIO	PRAIA	NAVALHA	ORGULHO
MÉDICO	IMORTAL	LÁBIOS	INTELECTUAL
CONFLITO	CANÇÃO	VAGABUNDO	AMBIENTE

BIGODE	IRRITAÇÃO	ÁFRICA	FILME
ANGOLA	MISTÉRIOS	IGREJA	GEOGRAFIA
MOÇAMBIQUE	BARULHO	CAMARADA	GARGANTA
ATENÇÃO	CORAGEM	NAVALHA	PACIÊNCIA
SILÊNCIO	CABO VERDE	INTELECTUAL	IMORTAL

EUROPEU	RAÍZES	INTELECTUAL	FILME
ATENÇÃO	VIZINHANÇA	SUSPENSO	FOME
ÁFRICA	POETA	ANDRÉ	PRINCÍPIO
ANGOLA	TERRA	ENIGMÁTICO	PETRÓLEO
MISTÉRIOS	CORAGEM	IMAGINAÇÃO	DESGRAÇADO